



Ministério da Saúde  
FIOCRUZ  
Fundação Oswaldo Cruz



Casa de  
Oswaldo Cruz

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ**  
**CASA DE OSWALDO CRUZ**

***AMILAR TAVARES***  
**(Entrevista)**

## Ficha Técnica

Projeto de Pesquisa – Memória de Manguinhos

Entrevistado – Amilar Tavares da Silva (AT)

Entrevistadores – Rose Ingrid Goldschmidt (RG) e Wanda Hamilton (WH)

Resenha biográfica e sumário – Elaine Kabarite Costa

Data – 23 e 27/11/1987

Local – Rio de Janeiro, RJ

Duração – 4h27min

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

SILVA, Amilar Tavares da. *Amilar Tavares. Entrevista de história oral concedida ao projeto Memória de Manguinhos*, 1987. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2024. 93p.

## Resenha biográfica

Amilar Tavares da Silva nasceu em 3 de dezembro de 1914, no Rio de Janeiro. Ingressou na Fundação Rockefeller em 1940, como auxiliar técnico do biotério, passando logo em seguida para a seção de contabilidade.

Quando a Fundação Rockefeller foi incorporada ao Instituto Oswaldo Cruz (IOC), em 1950, foi indicado para trabalhar na seção financeira do serviço de administração. Em 1954, passou a ser encarregado do escritório comercial da seção auxiliar.

Em 1965, foi nomeado chefe do Serviço de Administração e, em 1969, participou da proposta de organização administrativa do IOC. Cinco anos depois, a convite de Francisco de Paula da Rocha Lagoa, então Ministro da Saúde, ingressou neste ministério, onde exerceu a função de chefe do Departamento de Pessoal. Nesta oportunidade, participou de auditorias, realizadas inclusive no IOC na gestão de Oswaldo Cruz Filho.

Posteriormente, em 1972, foi nomeado diretor da Divisão de Administração da Superintendência de Campanhas de Saúde Pública (SUCAM). No ano seguinte, a convite do coronel Barroso da Conceição, trabalhou na Divisão de Segurança e Informação do Ministério da Saúde.

Em 1979, ingressou na Escola Superior de Guerra (ESG), onde fez os cursos de Desenvolvimento Agropecuário e Ciclo de Extensão sobre Condições Gerais para o estabelecimento da Democracia.

Em 1984, aposentou-se por problemas de saúde, e faleceu em 1988.

## Sumário

### Fitas 1 e 2

Origem familiar; formação escolar; o trabalho na casa comercial do pai durante as férias escolares; o teste para ingressar na Fundação Rockefeller em 1940; o trabalho inicial no biotério; a admiração pela eficácia administrativa dos americanos; o trabalho como contador na Rockefeller; o pânico causado entre os funcionários da Rockefeller pelas demissões sem indenização; a autonomia administrativa exigida ao governo Getúlio Vargas pela Rockefeller; o trabalho realizado pela Rockefeller no combate à febre amarela e à malária a pedido do governo brasileiro; a inexistência de legislação trabalhista para os empregados da Rockefeller; a organização do biotério; as facilidades concedidas pelo governo brasileiro à Rockefeller; comentários sobre Francisco Laranja e Joaquim Travassos da Rosa; a disparidade salarial entre a Rockefeller e outras instituições brasileiras de pesquisa; o controle da malária no Nordeste realizado pela Rockefeller; a transferência dos funcionários da Rockefeller para o IOC em 1950; a dificuldade de entrosamento entre antigos funcionários da Rockefeller e do IOC; a auditoria financeira conduzida por Rocha Lagoa durante a gestão de Oswaldo Cruz Filho no IOC.

### Fitas 3 a 5

As dificuldades de relação entre antigos funcionários da Rockefeller e do IOC; o trabalho como chefe do escritório comercial de Manguinhos e a burocracia existente; a autonomia financeira do IOC garantida pelo Regimento de 1962; os inquéritos policial e administrativo; a implantação do ponto obrigatório de frequência durante o governo Jânio Quadros; a transformação jurídico-administrativa do IOC em Fundação Oswaldo Cruz em 1970; a contratação de estagiários como funcionários efetivos; o trabalho como chefe da seção financeira do IOC; a intervenção do diretor Rocha Lagoa no convênios interinstitucionais realizados pelos chefes de divisão do IOC; o convite de Rocha Lagoa para trabalhar no Ministério de Saúde como diretor do Departamento de Pessoal; comentários sobre os diretores do IOC e suas administrações; a gestão de Olympio da Fonseca no IOC; as dificuldades para a obtenção de verbas para a pesquisa; o crescimento da seção administrativa na gestão Olympio da Fonseca; a exoneração do Ministério da Saúde devido a desentendimentos com Rocha Lagoa; a transferência para a Superintendência de Campanhas de Saúde Pública (SUCAM) e o trabalho como diretor da Divisão de Segurança e Informação do Ministério da Saúde; as atividades exercidas na Divisão de Segurança e Informação; o trabalho na Escola Superior de Guerra (ESG) e na Delegacia Federal de Saúde; a aposentadoria compulsória devido a problemas de saúde; o IOC durante a gestão de Rocha Lagoa; o desinteresse pela política; opinião sobre os presidentes da República e o regime militar.

Data: 23/11/1987

### **Fita 1 – Lado A**

WH – Nós queríamos começar, senhor Amilar, com o senhor contando, um pouco, onde nasceu e em que ano, falar um pouco dos seus pais, sua mãe, sua família, enfim...

AT – Eu nasci em 1914, 3 de dezembro de 1914. Bom, minha mãe e meus pais bem, eu tive conhecimento de mim mesmo, quando eu tive conhecimento de mim eu morava na rua da Alfândega, naquele tempo a rua da Alfândega, perto da Avenida Rio Branco. Isso nós estávamos na guerra, na 1ª Guerra Mundial. Eu me lembro, eu tinha o quê? Meus três anos, porque eu perdi minha mãe com três anos, nasceu minha irmã e ela morreu de parto. Eu perdi minha mãe com três anos. Bom, então eu escutava eles cantarem: “Nós somos da pátria amada, fiéis soldados”, eu escutava, me lembro disso, quer dizer a primeira coisa que eu me lembro, que me gravou, porque nós temos um computador, a nossa cabeça é o melhor computador que existe. Bom, posteriormente, meu pai – eu era carioca, nasci aqui – meu pai casou-se novamente, eu tive uma madrasta que pra mim foi uma mãe. Minha mãe só podia ser igual, melhor não podia ser e por incrível que pareça, hoje, 23 de novembro, tá fazendo anos que ela faleceu, isso aí me choca um bocadinho e ela viveu até 80 anos mais ou menos.

RG – O senhor tinha muitos irmãos?

AT – O que?

RG – A família era muito grande?

AT – Não, a família não, sou eu e minha irmã e meus pais. Bom, aí eu fui estudar no Colégio Diocesano São José. Hoje Colégio São José.

WH – Ali na Tijuca, não é? Usina.

AT – Mas, o Diocesano São José é onde é hoje o Seminário, é o Seminário, no Rio Comprido, mas naquele tempo não era Seminário era o Colégio...

WH – Era o colégio...

AT – Era o Colégio Diocesano São José, que virou o Colégio São José, transformou-se depois no Colégio São José, internato e externato. Bom, mas eu completei meu ginásial, porque naquele tempo era ginásial, não tinha negócio de segundo grau, completei meu ginásial no Instituto Lafaiete. No último ano, meu último ano eu tive no Instituto Lafaiete. Bom, nesse ínterim, eu morava na Tijuca.

RG – Posso interromper um minutinho?

AT – Pois não.

RG – O seu pai fazia o quê?

AT – O meu pai trabalhava em comércio, era comerciante, trabalhava em comércio de fazendas, meu pai era um homem muito rigoroso. Eu devo muito a ele. Naquele tempo eu me revoltava, porque não há essa facilidade que se tem hoje. Naquele tempo era uma coisa muito difícil, então, não tinha férias, eu por exemplo, fui no Diocesano São José, eu tive lá uns 4, uns 7 anos no Diocesano São José, então quando eu tirava férias, eu ia trabalhar. Porque meu pai dizia: “Quer dinheiro, então vai trabalhar.”

WH – O senhor trabalhava com o seu pai?

AT – Eu trabalhava. Às vezes, eu trabalhava na casa comercial dele.

WH – Ele era comerciante de quê?

AT – Comerciante de fazenda. Mas, começava por baixo, então para aprender, vai começar lavando lavatórios, eu comecei a lavar lavatórios, mas isso me serviu de muitas coisas, eu vou explicar por quê. Assim passaram-se os anos, depois meu pai adoeceu e faleceu. Nesse ínterim, eu soube que a Fundação Rockefeller estava precisando de um pessoal. Eu vim na Fundação Rockefeller, que era lá, não havia Avenida Brasil. Se vinha pelo trem... fiz prova de inglês, fiz prova de matemática, naquele tempo era álgebra, aritmética e geometria, trigonometria, mas não pediram isso, pediram aritmética e datilografia e português. Depois de fazer a prova, me parece que fui aprovado, porque não disseram nada, mas disseram que naquela ocasião só tinha vaga no biotério, se eu quisesse aceitar, aceitava, se não quisesse aceitar... porque o americano muito positivo: ou pega ou larga. Então, eu aceitei por que eu estava desempregado, aceitei.

RG – O senhor já tinha acabado a escola nessa época?

AT – Já, já tinha acabado, já tinha me formado e tal. E antes disso, posso fazer um parêntese? Eu fui professor, em algumas escolas eu fui professor, inclusive aqui em Bonsucesso, numa escola que tinha ali na Escola Santa Cruz, não sei o que era naquele tempo. Mas aquilo não me preenchia, eu vim pra cá. Então, a primeira coisa que o americano me disse, disse assim: “o senhor compra dois macacões e dois tamancos”, aí entra aquela parte que eu disse à sra., quando eu fui trabalhar com o meu pai, ele mandou eu lavar lavatórios. Então pra mim, eu achei aquilo normal. Eu fui trabalhar no biotério num tanque de Lisol.

WH – Num tanque de...

AT – Lisol, Lisol para lavar as gaiolas de ratos, que eram assim ratos brancos. Então, trabalhei nessa fase de... lá no biotério criando ratos brancos.

WH – Basicamente o que você criava no biotério eram...

AT – Só ratos brancos.

RG – Eu queria fazer um outro parêntese.

AT – Pois não.

RG – Eu queria saber como o senhor descobriu a Fundação Rockefeller, o senhor lembra?

AT – Tinha uma pessoa que já faleceu a muitos anos, Norival Pires de Almeida, ele já faleceu há muitos anos.

RG – Esse nome... ele era daqui? Era de onde?

AT – Ele foi da Fundação Rockefeller. Depois ele faleceu, ainda era fundação Rockefeller. Ele é que praticamente me deu... como se diz em português, ele é que me deu a dica.

RG – Era seu amigo, amigo da família?

AT – Não, não era bem amigo, era conhecido, essa é razão que eu vim fazer a tal prova. Então, vim pro biotério, trabalhei no biotério, no biotério nós tínhamos 15 dias corridos de trabalho, porque domingo tinha que vir trabalhar pra dar alimentação aos animais, os ratos. Domingo sim, domingo não. Então, a nossa semana era de 15 dias. O americano era assim, a senhora tinha de vir, não podia vir barbado, se viesse barbado perdia o dia; segunda vez ia pra rua, porque lá, naquele tempo era o tempo de Getúlio Vargas, havia as leis trabalhistas – mas aqui não tinha lei trabalhista nenhuma, tinha um contrato entre o Governo Brasileiro e a Fundação Rockefeller. Mas, foi interessante isso para mim, mais adiante eu relato por quê. Bom, então eu trabalhei lá. Mas eu estava vendo, porque me prometeram que eu trabalhasse lá até quando houvesse uma vaga, depois da prova que eu fiz passaria para a parte administrativa.

WH – O senhor já fez a prova pensando em trabalhar no setor administrativo?

AT – Ah, perfeitamente.

WH – O senhor podia escolher o setor que queria trabalhar ou abriram vagas para setores.

AT – Eu vou na continuação, responder a sua pergunta. Depois de um certo tempo eu fui ao superintendente, eles tinham um superintendente, que se chamava Mr. Bullus eram funcionários da Fundação Rockefeller, quer dizer recebiam pela Rockefeller em dólares. O funcionário não; o funcionário recebia na folha de pagamento que eu te mostrei, mas a Fundação Rockefeller tinha o funcionário, geralmente eram americanos, todos eles eram americanos. Mas, eu aprendi muito com eles. Eu considero eles formidáveis além do que eles eram muito exigentes. Hora certa, a hora, por exemplo, era de oito às quatro e meia, quando chegava no verão era de oito às quatro porque ele achava que, no verão, o desgaste era muito, então, diminuía meia hora de trabalho. A senhora via essa mentalidade que nunca passou por ninguém do... eles tinham essa mentalidade.

RG – Era muito diferente?

AT – Muito diferente. Outra coisa, houve umas enchentes, houve umas chuvas de verão e umas enchentes, nós ficamos presos aqui. Eles mandaram construir uma ponte sobre esse rio Faria Timbó, que ainda se vê, como é que se diz...?

WH – As estruturas.

AT – As estruturas, ainda se vê lá no rio Faria Timbó, perto da Avenida Brasil, ainda se vê a ponte que eles mandaram fazer, que ia dar na Rua da Alegria, hoje chamada Olímpio de Melo, que antigamente chamava Rua da Alegria. Para o funcionário não ficar preso aqui, nós não passávamos por que não havia... bom, isso é só pra ver o espírito do americano, bom, então, eu fui ao Superintendente e disse que não queria mais continuar, tendo em vista que estava demorando muito tempo e a prova que eu tinha feito não era pra isso, pra ele desculpar que ia ter que... ele disse: “não, você passa pra servente, viu, depois você vai trabalhar em Santa Teresa.” Santa Teresa é Espírito Santo, eu ia trabalhar com o doutor Leoberto de Castro Ferreira. Esse doutor Leoberto de Castro Ferreira é ornitologista. A senhora toma nota porque ele está vivo e faz parte da ordem do Carmo, é provedor da ordem do Carmo. Mas, foi também diretor do Jardim Zoológico, o doutor Leoberto de Castro Ferreira. Hoje, ele tá com oitenta e tantos anos, mas ninguém diz.

RG – Eu já tentei contactá-lo, mas ele andava meio adoentado, eu não sei se agora ele já melhorou.

AT – Então eu fui ser servente. Limpei muita parede, servi café, mas, qual a razão disso tudo, a educação que meu pai me deu, eu suportava isso tudo. Hoje em dia se pega um garoto e diz: “Vai fazer isso e ele diz”: “Eu?” é uma ofensa.

RG – Seu pai era português?

AT – Não.

RG – Era brasileiro?

AT – Não, era isso que eu ia dizer, a senhora cortou a conversa. Não era, era campista, mas ele foi educado de uma maneira muito enérgica. Eu era filho único, só tinha uma irmã. Então, ele era um homem muito enérgico nesse ponto. Bom, passou, passaram-se alguns meses e eu fui trabalhar então, o homem, como é que é, o superintendente me chamou, Mr. Bull, e disse assim: “O senhor vai trabalhar com o doutor Leoberto de Castro Ferreira em Santa Teresa, Espírito Santo, embarca amanhã”. O americano é assim: “embarca amanhã.” “Ah... não posso e tal.” “Então, rua.” Bom, eu disse: “perfeitamente.” “Então o senhor, vai pra contabilidade aprender o manejo das contas, para ver o que nós queremos, prestação de contas”, e assim eu fui. O meu chefe era o Mr. Hogan, um homem excepcional.

WH – Mr...?

AT – Hogan. H O G A N; HOGAN.



RG – Esse era o chefe...

AT – Era o contador.

WH – Era americano também?

AT – Era americano. As cabeças todas eram americanas. A não ser na febre amarela que tinha o doutor Henrique de Azevedo Pena, que foi chefe do doutor Fonseca. Não sei se está vivo, disse que morava em Petrópolis...

WH – Já faleceu.

AT – Já faleceu o dr. Pena, é? Não sabia. Pra mim foi uma surpresa, eu não sabia.

RG – Ele era mais velho?

AT – Ah! Era.

RG – Senhor Amilar, o senhor me desculpe, mas são muitas informações, às vezes, a gente se perde um pouquinho. Esse Mr. Bullus, ele era o quê da Rockefeller?

AT – Mr. Bullus era superintendente.

RG – Ele era o chefe geral?

AT – Chefe geral, não. Tinha um diretor.

WH – Era chefe da administração?

AT – O diretor era o dr. Kerr.

RG – Kerr era o diretor.

WH – Quando o senhor entrou o diretor era o dr. Kerr?

AT – Tinha o diretor para a América do Sul que era o doutor [Fred] Soper. Esse já faleceu; o dr. Kerr não faleceu, assim me disse, me parece, o dr. Leoberto de Castro Ferreira e o dr. Fonseca, também parece que confirmou. Ele ainda está vivo, o dr. Kerr, parece que tem oitenta e tantos anos, tá na América do Norte, quanto aos demais, eu nunca mais soube. Bom, então eu fui trabalhar. Fui trabalhar na contabilidade e a viagem para Santa Teresa foi adiando, foi adiando, foi adiando, adiando, adiando, adiando... resultado: não fui mais.

WH – Ah! O senhor trabalhou na contabilidade aqui no...

AT – Na contabilidade da Fundação Rockefeller.

WH – Aqui no...

AT – Aqui no prédio da Fundação Rockefeller.

WH – Eu queria ir um pouquinho mais devagar. O senhor tá contando muita coisa a gente queria saber mais...

AT – Mais detalhes.

WH – Mais detalhes. Quer dizer...

AT – Que eu possa, que eu me lembre...

RG – Claro.

WH – Uma questão que eu queria perguntar. Já quando o senhor faz o concurso, a prova pra entrar na Rockefeller. O senhor tinha a formação da Escola?

AT – Eu já sei até quem fez a prova. Margot Berlim.

WH – Foi ela quem fez...

AT – Margot Berlim, era o nome dela. Era secretária, era chefe da secretaria da Fundação Rockefeller.

WH – Essa prova, era igual para todos os níveis, ou seja, tanto pra auxiliar quanto pra...

AT – Geralmente, essas provas eram feitas individualmente, eram individuais, compreendeu? Não se chamava, assim, umas dez pessoas pra fazer a prova. Fazia-se a prova, a sra. se apresentava e fazia prova. Se outra pessoa também se aposentasse, fazia a prova.

WH – Mas era a mesma prova.

AT – Era a mesma coisa.

WH – Era a mesma prova para todos?

AT – Bom, eu não posso afirmar que fosse a mesma prova.

WH – Mas eles exigiam que a pessoa soubesse de matemática, inglês, quer dizer, um nível mais elevado?

AT – Até me lembro da prova que caiu de matemática. Disseram uma caixa d'água tem tanto de altura e tanto de largura e tanto de... profundidade é preciso saber a cubagem dela. É lógico que eu precisava saber metro cúbico. Se eu não soubesse perfeitamente, eu não podia resolver o problema. Quantos livros teria essa caixa. Então essa eu não esqueci. São coisas que se grava, que a gente não esquece mais. Aliás, um parêntese que nada tem a ver com isso. Quando eu era rapaz, eu gostava muito de dançar e era o tempo do jazz, então eu aprendi,

aprendi umas palavras que eram interessantes. Isso nada tem a ver com o que nós estamos... Mas são palavras que gravei que até hoje não esqueço. Então dizia (inaudível) queria um som leve triste bem lento sobre a dor. Fizeram um som leve triste bem lento sobre a dor, assim encantaram os ouvidos do romance de amor, quando eu estava dançando. Naquele tempo de romantismo, hoje não tem mais nada disso.

WH – Tem um pouquinho, não é?

AT – Não, eu não acredito que tenha mais isso não.

RG – Nem que possa voltar?

AT – Hoje em dia é ou dá ou desce. No meu ponto de vista. Eu tenho netos. Tenho netos de trinta anos, tenho uma neta de vinte e cinco anos, tenho outro neto de vinte e sete anos, essa mocidade, eles praticamente têm muito pouco diálogo entre as gerações, muito pouco diálogo. Depois, eu não sei se fui criado de uma maneira muito rigorosa, eu sei que não podemos fazer comparações no espaço, mas, o rigor naquele tempo era muito grande. Mas que davam muitos frutos, por isso que eu aceitei esses empregos todos, fui lavar gaiola de rato no tanque de lisol. Eu entrava no bonde, naquele tempo era bonde... era eu que cheirava a lisol, o lisol era americano, no convênio com o governo brasileiro, geralmente o governo americano fornecia muito material, viaturas, esses artigos americanos, até às vezes os próprios blocos, então vinha... esse material pra lavar, lisol americano. Lisol americano entranhava na pele e não saía, podia tomar quantos banhos quisesse que não saía nem a pau.

WH – Tinha um cheiro mais ou menos parecido com o quê?

AT – Com desinfetante.

RG – Existe até hoje o lisol. Tem no supermercado, mas não sei se é o mesmo cheiro, ou se mudou o produto.

AT – Mas, por essa razão que eu digo que aceitei esses empregos todos com esportividade, porque hoje em dia é muito raro aceitar isso. Eu digo isso, porque como eu digo, repito, tenho netos e eu vejo, no linguajar deles, pelo modo deles pensarem, eles nunca aceitariam uma situação como eu aceitei, mas isso eu devo ao meu pai, sempre peço a Deus que ele esteja na melhor situação que ele puder do outro lado da vida.

RG - Em paz, não é?

AT – Paz.

RG - Senhor Amilar, então o senhor entrou em 1940?

AT – Eu entrei em 21 de julho, de junho de 1940.

RG – Pra Fundação?

AT – Pra Fundação Rockefeller.

RG – E depois o senhor passou para esse serviço... junto ao contador, essa parte administrativa, ainda em 40 ou...?

AT – Ah! Sim em ainda 40.

RG – Ainda em 40. Por quanto tempo?

AT – Fiquei uns três meses no biotério e fiquei um mês trabalhando como servente e depois, então, eu fui pra contabilidade, aí fiquei lá.

RG – O senhor já era casado nessa época?

AT – Já era casado, já tinha filhos.

RG – Por que a Fundação tinha uma tradição de pagar bem, não é? Era um bom salário que eles lhe pagavam?

AT – Era. Bom, eu recebia trezentos mil réis. Trezentos mil réis correspondiam a dez mil réis por dia. Se viesse barbado, perdia os dez mil réis por dia, se viesse barbado no dia seguinte ia pra rua. Porque o americano, eu não sei, ele tem uma apresentação pessoal que influi muito. Então é uma pessoa que (inaudível) de ver todo mundo barbado, naquele tempo não tinha esse negócio de barbado, não. Todo mundo com a barba feita. Bom, e assim fiquei lá esse tempo todo, já disse a hora, o horário deles, só tinha o seguinte, as coisas foram subindo, a vida, foi ficando com os preços aumentando e o convênio era a mesma coisa, começaram a dispensar pessoal. Então, essa questão de dispensar pessoal, causou um clima de pânico, por que tinham pessoas com oito, sete, seis anos de casa.

WH – Sem estabilidade?

AT – Eles não recebiam...

RG – Fundo de garantia?

AT – Não, não, não é a questão, naquele tempo nem existia isso.

RG – Indenização?

AT – Indenização alguma. Eles iam pra rua; não recebiam indenização alguma. O que nós pedíamos, eu não estou falando aí politicamente, mas o Getúlio Vargas, que estava no governo, ele ficou duas vezes no governo, uma como ditador e outra como governo constitucional. Ele olhava muito essa parte dos trabalhadores. Mas na Fundação Rockefeller, os americanos só faziam esse convênio se houvesse plena liberdade deles admitirem e demitirem, e administravam à maneira deles. No Serviço Nacional de febre amarela era outra coisa, era Ministério da Educação e Saúde. Nós também éramos do Ministério de Educação e Saúde, foi aí, então, que eu vou lhe contar um fato: quando chegou em 46 sai a Constituição

e diziam que aqueles que tinha cinco anos teriam estabilidade. Eu requeri estabilidade, então eles me responderam que... eu requeri estabilidade e as leis trabalhistas. Eles não me deram nem estabilidade nem as leis trabalhistas. Disseram que eu era um simples extranumerário, eu fiquei quieto.

WH – A maioria das pessoas brasileiras da Fundação eram contratadas como extranumerários também?

AT – Não. Extra numerários não eram contratados como empregados. Nem assinavam carteira ou coisa que valha...

WH – E o senhor e outras pessoas pediram

AT – Não, geralmente eu que me dediquei a isso, os outros diziam: Amilar, vamos fazer isso e tal e eu: vamos. Bom, eu não consegui, mas posteriormente, quando nós passamos para o Instituto Oswaldo Cruz, em 50, por uma lei federal e que contava o tempo da Fundação Rockefeller para todos os efeitos, eu aí pedi a estabilidade. Aí eles disseram: “o Ministério disse”: entro antes como funcionário e já quer estabilidade e eu disse: “sim”, porque quando eu pedi as leis trabalhistas disseram que eu era um extra numerário, então se eu sou um extra numerário pra não ter as leis trabalhistas eu agora sou extra numerário pra ganhar a estabilidade que a constituição me permite. E lutei um ano, fui até o consultor jurídico. Nesse ponto, o diretor que era o Dr. Olympio Oliveira Ribeiro da Fonseca, colaborou muito. E ele foi até a consultoria jurídica do Ministério, então nós tivemos ganho de causa, então foi uma festa, aliás muito merecidamente porque a Fundação, a Fundação Rockefeller tinha, por exemplo, uns trezentos funcionários. Ficou reduzida a uns quê? Uns cem, cento e pouco, se não me falha a memória.

RG – Senhor Amilar, me diga uma coisa, esse estilo administrativo da Fundação, que o senhor falou, que a Fundação só fazia o acordo com o governo brasileiro se ela tivesse plena liberdade administrativa, enfim

AT – Aliás, não cortando, eu tenho a impressão que na biblioteca deve ter a biblioteca aí, quando vocês receberam o material da Fundação Rockefeller deve ter algum livro que fale sobre esses contratos que a Fundação fazia. Eram contratos anuais.

RG – O senhor sabe se era o estilo que eles empregavam também nos Estados Unidos ou isso era uma coisa deles, aqui, no Brasil?

AT – Não, eu tenho a impressão de que eles vieram pra cá pra combater a febre amarela e a malária do Nordeste. A malária do Nordeste é o “*Stegomyia fasciata*”, mas não é essa a malária que dá em Jacarepaguá, que a pessoa fica com febre, fica boa, fica com febre, fica boa; ela matava. Então o que que faz o americano? Ele dava dez cruzeiros para cada mosquito que se pegava. Eu não sei se era o “*Stegomyia fasciata*”, estou em dúvida agora. Era um mosquito que vinha da África. Então, chegava um avião e os mata mosquito que lá estavam, iam procurar dentro do avião o tal mosquito. Se achassem o mosquito, ganhavam dez mil réis.

WH – Não era o *gambiae*? *Anopheles Gambiae*?

AT – Perfeitamente, o *Stegomyia fasciata* era febre amarela. Bom, então, eles faziam esse contrato com o governo, o governo os chamou pra eles fazerem a febre amarela, mas, eles acabavam, porque também tinha uma coisa, o diretor, Dr. Sopper, ele ia lá no Ceará, porque essa parte foi no Nordeste, é a malária do Nordeste. Eles tinham de por “Verde Paris” nas poças d` água pra matar larvas de mosquitos e às 6 horas da manhã, como se nós tomássemos um remédio, era hora certa, às 6 horas da manhã, às vezes, na serra, tinha aquelas poças d` água, ali era um criador de mosquitos. De larvas de mosquito. Então às 6 horas da manhã, o americano estava montado num burrinho, levantava às 4 horas da manhã, montava num burrinho e ia ver que não era um servente era um diretor. Ele ia lá ver se os mata-mosquitos estavam colocando às 6 horas da manhã. Então, era um método de trabalho muito rigoroso, ele pegou um morro de querosene e cobriu o morro de querosene. Isso cobriu por que eu vi. Eu estava, no Colégio Diocesano São José, e o morro foi coberto de querosene com um pano.

WH – Com um pano?

AT – Com um pano de amarrar, pra matar os mosquitos que transmitem a febre amarela.

RG – Será um sistema meio...

AT – Porque eles acharam um foço. Não, não era um sistema militar, era um sistema pra resolver

RG – Pois é

AT – E resolvia, a febre amarela praticamente foi acabando feito a varíola, a varíola, por exemplo, erradicamos a varíola, não tem mais varíola. A varíola eles também ajudaram muito a erradicar. O Fonseca fazia muito, fazia só vacina de varíola, eu adquiri muito bezerro pra ele fazer a vacina antivariólica, mas a vacina, praticamente, erradicamos a varíola no Brasil. Então eles foram chamados para isso, pra erradicar a febre, porque, agora, no meu ponto de vista, eu não sou um técnico, mas pelo meu modo de pensar essas endemias rurais, malária, febre amarela, doença de chagas...

### **Fita 1 – Lado B**

...não são doenças do país, não são doenças do Brasil, são doenças continentais, o que que adianta matar um mosquito na fronteira com a Bolívia se o mosquito passa pra Bolívia e fica lá. Quando acabar a Campanha, aqui, ele volta de novo pra cá. E fica aí. Então eu acho que é, devia ser uma campanha internacional, no meu ponto de vista, eu estou dizendo isso, é muita petulância de minha parte porque eu não sou um técnico, eu estou dizendo isso como um simples, um simples estudioso do problema, eu leio muito e gosto de ver. Eu acho isso, agora, eles tinham também, mas isso já é parte da Fundação, aí é a parte do Instituto. O Instituto combateu muito a doença de chagas, nós tínhamos um posto em Bambuú, ainda tem hoje, eu ia muito a Bambuú todo mês fazer a auditoria das despesas e tal, então aprendi muito

sobre a doença de chagas porque lá não tinha nada pra fazer, então quando chegava assim à noite eu depois do meu trabalho ia ver no microscópio o barbeiro, não é? Como chamava, o *Trypanosoma Cruzi* que era o barbeiro, que foi descoberto por... como é..., o Chagas trabalhava em Lassance. Lá que eles descobriram a doença.

WH – Carlos Chagas.

AT – Carlos Chagas. Lá que descobriram a... então o barbeiro. O barbeiro transmitia, transmitia não pela picada, por que chamava barbeiro? Chamava barbeiro porque geralmente era uma zona fria e a pessoa dormia coberta e o barbeiro pousava no rosto e ele dava uma picada, a pessoa coçava, na hora que ele picava ele defecava então na hora de coçar ele transmitia ao coração. É uma doença que ainda até hoje ainda grassa aí em muitos países, inclusive no Brasil. Então, agora essa parte, o que eu quero que fique bem claro é que essa parte, certamente foi o governo brasileiro que pediu ajuda ao governo americano e a Fundação Rockefeller se ofereceu porque ela entrava com uma importância relativamente em dólar e essa importância, às vezes, era traduzida em viaturas, porque naquele tempo nós tínhamos, por exemplo, um foco de febre amarela em Mato Grosso, saíamos, não é – hoje tem estrada pra todo lado num Chevrolet daqui, o Chevrolet ia quebrando peça pelo caminho, mas peça de Chevrolet naquele tempo era a mesma coisa que Coca-Cola hoje, havia em qualquer lugar, em qualquer lugar havia peça pra Chevrolet, então eles só importavam Chevrolet.

RG – Era um outro mundo, não é?

AT – Ah! Sim, era um outro mundo e era praticamente... uma faculdade, aprendia-se muito. Aprendia-se muito a trabalhar e na outra mentalidade, completamente diferente. Agora, eram muitos exigentes, eles exigiam. Me lembro muito, a sra. vê agora na televisão essa propaganda que se está fazendo: “não precisa estabilidade, o patrão não dispensa quando o empregado é bom. “Sabe que eles têm um fundo de razão. A Fundação Rockefeller nunca despediu um bom empregado. Eu estou falando da parte administrativa, sobre a parte técnica não, porque tinham demais, eles eram obrigados a despedir porque o dinheiro foi diminuindo, quer dizer então...

RG – Eles foram diminuindo, então, a área de atuação?

AT – Foram diminuindo não só a área de atuação como as possibilidades financeiras que eles tinham.

RG – Pois é, aí foram se restringindo.

AT – Foram sim, e também o trabalho foi acabando. Porque quando chegou em 48, assim me disseram, heim, tô vendendo o peixe da maneira como eu comprei, nós íamos entregar, em 49 nós íamos passar para o Instituto, mas como havia uma briga entre o Serviço Nacional de febre amarela e o Instituto Oswaldo Cruz de ficar com a Fundação Rockefeller, então o Getúlio Vargas pediu ao dr. Sopper pra ficar mais um ano, o americano disse: “eu posso ficar mais um ano mas praticamente eu já encerrei o trabalho. Então, a pedido do Presidente da República ficou mais um ano, ficou mais um ano, nós passamos pra aqui em 50. Aí então foi

uma luta que eu tive com um deputado pra conseguir uma lei que nos contasse o tempo da Fundação Rockefeller, o tempo da Fundação Rockefeller pra todos os efeitos e assim como nós tivemos essa vantagem, todos que trabalharam na Fundação Rockefeller tiveram essa vantagem.

WH – Essas demissões começaram quando?

AT – Heim?

WH – Senhor Amilar, as demissões que o senhor fala de pessoal, quando é que começaram?

AT – Não, essas demissões começaram por exemplo, um parêntese, em 46 nós começamos a ser fomos agregados... fomos descontados para o IPASE, que nós não descontávamos, hoje em dia é o INPS, descontados para o IPASE, em 46 começamos a descontar para o IPASE, já foi uma vitória, por que nós não tínhamos...

WH – Direito nenhum.

AT – Não tínhamos segurança nenhuma, nenhuma. Já esse desconto do IPASE, já nos deu uma luz no fundo do túnel nos deu uma luz que alguma coisa de bom podia acontecer, o que de fato aconteceu, agora qual é a pergunta que a sra. ia fazer?

WH – As demissões, quando é que começaram?

AT – As demissões. Eu tenho a impressão que elas começaram, elas foram contínuas, começaram em 46, mas quando chegaram em 47, 48, eles então ofereciam vantagens. Se a sra. fosse embora eles dariam 2 meses de salários, dariam 3 meses, como fazem hoje as fábricas de automóvel lá em São Paulo. Ao menos o que eu li que fazem em S.P., que oferecem dois ou três meses de salário tal de salário para as pessoas pedirem demissão sair por sua livre e espontânea vontade, então, com essa chance, que muita gente achou chance, muitos saíram.

RG – Havia empregos por aí? Havia alternativa de empregos, no Brasil, naquele momento?

AT – Não, era possível que houvesse, era possível que houvesse possibilidade de emprego, por que praticamente, o Brasil tinha saído da guerra, então estava em crescimento, era possível então que houvesse essa possibilidade de emprego, mas muitos ficaram muito chocados com isso e tinham pessoas até que pra convencê-los era uma luta.

RG – Isso entre pessoas (inaudível).

AT – Não geralmente era o pessoal laboratorista, auxiliar de laboratório, técnico de laboratório, geralmente os médicos não, os médicos eram poucos porque a maior parte era americano. Os médicos eram poucos. Era o Fonseca, era o Dr. Pena, era o Dr. Cabral, que era o superintendente, Antônio Sotero Cabral. Ele foi superintendente, depois foi superintendente também, quando o Mr. Bulls saiu ele foi superintendente.



RG – Substituiu o Mr. Bulls.

AT – Já no fim, porque já iam praticamente, porque a malária no Nordeste acabou também, eles eliminaram...

WH – Quer dizer, o senhor acha que a partir de 46 a Fundação Rockefeller começa a diminuir os trabalhos dela e passa...

AT – É, ela não diminuiu os trabalhos, os trabalhos é que diminuíram.

RG – É, foram eliminando, não é? No setor administrativo também foi diminuindo ou se manteve estável?

AT – Não, o serviço administrativo pouco diminuiu porque era muito pouco porque eles faziam o seguinte: nós, não estou fazendo uma crítica, eu simplesmente eu sei que está gravando e amanhã podem, mas não é não; é simplesmente o que eu sinto. Se temos trabalho para duas pessoas, temos cinco pra fazer, então nenhuma quer fazer porque são duas então cada um que faça, mas eu não vou fazer. O americano não. O trabalho é pra cinco ele tem dois. Então os dois têm que fazer o de cinco. Então a pessoa... Então a base administrativa era baseada nesse...

WH – Nessa lógica.

AT – Nessa lógica. Então a gente trabalhava, estava sempre trabalhando.

WH – Bom, vamos voltar um pouquinho. O senhor disse que trabalhou três, no biotério, né?

AT – Três meses no biotério.

WH – O senhor poderia contar mais ou menos como se organizava o biotério, quantas pessoas trabalhavam lá, que tipo de tarefas eram desenvolvidas?

AT – Bom, o biotério era praticamente uma criação de ratos, e uma criação de ratos feitas praticamente numas gaiolas. As gaiolas, as gaiolas uma espécie, feito umas caixas e em cima a tampa era geralmente toda furadinha, para respirar. Bom, então no decorrer da semana aquilo era mudado, os ratos mudavam de caixa. Cada rato só podia ficar com seis filhotes, porque a rata dava doze às vezes. Então, se eliminava seis filhotes, jogava fora. Eliminava para não sacrificar a ratinha. Ela ficava com seis filhotes. Depois tinha uma alimentação básica, essa alimentação foi praticamente feita pela Fundação, uma fórmula, era um biscoito, não sei se se usa ainda, eu comprava, o moinho fluminense ficou com essa fórmula, como ficou eu não sei, ficou com essa fórmula de fazer essa ração, chama ração pra camundongo, eu não sei se ainda se usa mais isso. Geralmente nós comprávamos essa ração e dávamos aos camundongos. Bom, depois tinha também outra espécie de alimentação com fubá, tinha uma cozinha que fazia, isso antes do tal biscoito, que fique bem claro isso, tinha uma comida que se fazia, se misturava fubá, como é, isso que hoje em dia, trigo, é, ... ora meu Deus, era farinha de trigo bem, era...

RG – Farelo.

AT – Farelo de trigo, e tinha outra, outro, ... eles faziam uma massa. E essa massa então era dada. E isso era dado todo dia, inclusive aos domingos, então vinha aquele assunto que eu falei à sra. que o funcionário que trabalhasse lá tinha quinze dias, a semana era de quinze dias, porque quando saía-se daqui no domingo, saía-se duas, três horas.

WH – Cada funcionário tinha uma atividade específica? Ele fazia só um tipo de trabalho? Como é que era a distribuição do trabalho?

AT – Não, não o funcionário, por exemplo, ele começava, porque tudo era o começo, o primeiro era o tanque de lisol. Então eu digo, por que eu fui para o tanque de lisol, era um tanque com água e com lisol e as caixas que os ratos já tinham usado passava naquele tanque de lisol pra desinfetar. Então era uma, uma corredeira, saía do outro lado e ia empilhando as caixas. Bom, depois disso então vinha a criação, ia tratar da criação, ia ver os filhotes, aqueles que estavam crescidos, os que estavam doentes os que não estavam e tal e isso assim era todo o santo dia e outra coisa também. Nós não tínhamos a Avenida Brasil, o Caju, o que a senhora vê hoje daqui era um depósito de lixo, todo lixo era depositado lá, todo aquele aterro lá é de lixo, então era um moscarel louco, então na Fundação pra se entrar, pra se entrar pelos fundos, porque pela frente só entrava diretor, funcionário entrava pelos fundos. Tinha uma porta feito... uma porta estanque. Uma porta, outra porta, outra porta. Nas portas ficava um camarada com um mata moscas. Aí se passasse uma mosca pra dentro do prédio. O camarada podia até ser demitido.

RG – E depois ficava tudo fechado com grade, com tela?

AT – Com tela, talhado eu não sei, mas tá telado, não é, hoje ainda tá telado.

WH – Qual era o prédio que funcionava o biotério?

AT – O da Fundação Rockefeller.

WH – Aquele lá embaixo?

AT – Não, não aquele lá.

WH – No do pavilhão da Fundação Rockefeller. Ali funcionava o biotério também?

AT – Tem o pavilhão, e aqui tem o prédio não é. Tem um prédio logo, e atrás um prédio baixo... ali que era a criação de rato. Lá não... lá é o Instituto Oswaldo Cruz.

WH – Mas era no próprio pavilhão. Ali tinha um laboratório também...

AT – E tinha também as gaiolas dos macacos Rhesus, que também é uma parte interessante. O macaco Rhesus era uma animal, é... o macaco Rhesus era um animal que se colocava na gaiola, então posteriormente se colocava mais outros, inclusive as fêmeas. Então supunhamos três machos e seis fêmeas. Eu gostava, porque geralmente eu almoçava lá e levava miolo de

pão pra dar, por que eu apreciava, e bananas, às vezes, por que eu não gostava e dava pra eles. Eles disputavam a chefia da gaiola na força. Era uma bralhada. E... dos três machos. Bom, depois ficava então o macho e uma fêmea, ninguém mexia nessa fêmea, porque essa fêmea era do macho, era uma coisa extraordinária para quem estivesse apreciando, macho Rhesus, não estou dizendo outro tipo de macaco. Só macaco Rhesus, porque os macacos Rhesus vinham da Índia, nós não tínhamos macaco Rhesus no Brasil, eles vinham da Índia na gaiola, quando o navio entrava no porto, agora, aí é que a sra. vê, também uma coisa que eu queria dizer. É interessante, que seja tomado nota bem. Para os americanos todos são honestos, até o dia que prove que não seja, eu acho, eu acho, não estou fazendo crítica, eu acho que é o contrário do brasileiro que todo mundo é desonesto até que prove que é honesto. Então pro americano todo mundo é honesto até que prove ser desonesto, então o navio entrava, nós sabíamos aqui, saía um caminhão com uma pessoa da contabilidade, geralmente era o despachante. Ele chegava lá no cais do porto, então, aí, dava uma importância... ao guindasteiro, a hora do almoço. O navio atracou, chegou o caminhão, o guindasteiro tava na hora do almoço, então ele dava o guindasteiro uma... como se fosse pagar uma hora extraordinária, ele ia logo pro guindaste tirar os macacos, porque os macacos não podiam ficar muito tempo no navio porque... como tratavam eles no navio, era diferente. Mas os indianos que são muito apegados aos animais, posteriormente, só consentiam que eles sássem do avião, aí não podia mais, ninguém podia importar macaco Rhesus de avião.

RG – Ficou muito caro?

AT – Ah. Ficou caríssimo. Então pra sra. ver, saía daqui o funcionário e gastava lá duzentos mil réis, chegava aqui eles tinham um “S.A.” chamava um “S.A.”, naquele tempo era um modelo. Despesa feita no cais do porto com desembarço de tantas gaiolas de macaco e tal... tanto... o americano queria saber se era certo ou se era errado, ele acreditava no que a sra. dizia.

RG – Que quer dizer “S.A.”?

AT – É um modelo.

RG – O senhor não lembra o significado dessas letras?

AT – Não lembro não... era “serviço administrativo”, com certeza.

RG – É provavelmente.

AT – Aquilo fazia, porque nós éramos, o controle nosso era feito por uma firma de auditores particulares, não era o tribunal de contas, era uma firma de auditores. Essa firma de auditores, ela vinha de supetão. Então aconteceu uma coisa, nós tínhamos uma caixa, chamava Ari Magalhães, que aliás é pai da Yoná Magalhães, aquela artista..., chamava Ari Magalhães, esse Ari Magalhães, antigamente vendia estampilha, então a gente chegava lá “você quer me ceder uma estampilha de trezentos réis”, ele cedia, nós dávamos quinhentos réis, “ah! Mas eu não tenho troco”, então você me dá depois. Ele uma vez aceitou quinhentos réis para dar duzentos réis depois de troco. Nesse ínterim chega os auditores, pediram o carro lá na portaria, telefonaram pra Fundação e pediram o carro, nós mandamos o carro apanhar, eles

foram logo conferir a caixa, acharam duzentos réis a mais, se a sra. soubesse o barulho que houve por causa desses duzentos réis a mais e depois de ser bem explicado. O americano rescreveu uma carta, chamando a atenção do contador sobre os duzentos réis a mais na caixa, nós explicamos que era estampilha e tal, tanto é que nunca mais o caixa cedeu estampilha a ninguém, naquele tempo qualquer documento era estampilhado e tal, então pra ver o rigorismo que era esses auditores, e eu tenho a impressão que essa firma ainda existe, eu não me lembro o nome dela, uma firma assim... com um nome meio...

RG – Inglês.

AT – Inglês, estrangeirado e tal, ao tribunal de contas não, nunca eu tive ocasião de ter contato, só tive aqui no Instituto, aqui não, aqui eu tenho coisa pra contar.

RG – É completamente diferente.

AT – Só em 64, só em 64...

WH – A gente chega lá, a gente chega lá. Vamos continuar um pouquinho, quantas pessoas trabalhavam nesse biotério com o senhor?

AT – No biotério, trabalhava o quê... umas... pode ser uma... umas 20 pessoas, 20 à 25.

WH – Só no biotério.

AT – Só no biotério, porque tinham vários setores, setor um, setor dois, setor três e tal tinha a pessoa que fazia o cozinheiro.

RG – Muitos ratos, não é?

AT – Ah! Muitos ratos. Tinha mais ou menos cinco mil, porque era requisitado muito rato pra experiência, né, febre amarela, principalmente febre amarela.

RG – Devia ter muita gente pra tratar tanto animal, não é?

AT – Ah! Lógico.

WH – Agora, esses ratos eram só pra febre amarela ou vocês tinham algum contato com o Instituto e também...

AT – Não, não, não, era possível, não sei, eu estou dizendo não sei, mas era possível, por exemplo, o Instituto aqui, Oswaldo Cruz precisasse de uns ratos, pedisse a Fundação Rockefeller, ela cedesse, ela não ia negar o meu ponto de vista, mas nunca vi ela ceder ratos assim, nem cedia nem vendia.

RG – A Fundação funcionava, aparentemente, dentro das suas observações, como uma coisa completamente isolada?

AT – Ah! Sim completamente, aliás era uma das prerrogativas que tinha a Fundação... Rockefeller. Ter toda liberdade administrativa, como eu disse, admitir, demitir, fazer isso, fazer aquilo, os nossos carros... não pagamos direitos, os carros que vinham de fora, era isento de qualquer taxa alfandegária, tudo isso nós tínhamos.

WH – Quer dizer, o governo deu as maiores facilidades pra Rockefeller?

AT – Ah! As maiores facilidades, mas para ver o fim da febre amarela que era praticamente uma desmoralização pro país ter febre amarela.

WH – Nem as contas o governo controlava, não é, era uma firma particular que controlava.

AT – Não, as contas o governo controlava, nós fazíamos a prestação de contas, a Inspeção, agora, naquele tempo eu não sei se era Inspeção Geral de Finanças do Ministério da Educação e Saúde, naquele tempo podia ser que tivesse outro nome; eu sei que a inspeção, inspeção de finanças, em geral não, Inspeção de Finanças, do Ministério da Educação e Saúde.

WH – Mas nunca houve intervenção?

AT – Depois desvinculou, ficou Educação e Saúde. Educação e Cultura e Saúde de um lado.

WH – Mas isso já em 53.

AT – Ah! Isso mais adiante.

WH – Mas nunca houve nenhuma intervenção do governo nas contas da Rockefeller.

AT – Não, absolutamente.

WH – Absolutamente.

AT – Não porque eles tinham plena confiança no trabalho dos americanos e tinha esses auditores, qualquer coisa eles podiam ter esse trabalho que os auditores faziam e que deixavam uma cópia também, depois vinha uma cópia da América do Norte. Porque os auditores faziam a auditoria não era pra aqui era pro americano, ele mandava pra Fundação Rockefeller lá em... Fundação Rockefeller aprovava então depois é que vinha pra cá.

RG – Cópias, nada de relatórios.

AT – Certamente, eu nunca vi, eu estou dizendo, devia vir. Eu nunca vi, porque nessa parte ficava na alta, porque eles eram, nesse ponto, nessa parte, eles eram de uma discricção muito grande, por também, nós tínhamos na Fundação Rockefeller, a sra. precisava saber que naquele tempo não havia ar refrigerado, era ventilador, era um calor, no calor aqui batia, 41, 41 um calor infernal.

WH – Até hoje, né?

AT – Até hoje.

RG – E a gente não tem ar condicionado ali no castelo.

AT – Não pode mexer no castelo porque ele está tombado pelo patrimônio histórico.

RG – Mas a gente sofre o calor.

AT – Eu admiro muito o Instituto Oswaldo Cruz, quando eu trabalhei não era Fundação, era Instituto Oswaldo Cruz. Eu fui chefe da seção financeira e fui chefe da administração e trabalhei com vários diretores, um deles até ainda está aqui, que é o dr. [Francisco] Laranja, que eu acho, não é por ele estar aqui, eu acho, ele era muito moço e era muito ativo, eu achei um homem extraordinário, assim como o dr. Joaquim Travassos da Rosa, também um homem extraordinário, esse já faleceu, esse eu sei, todos os diretores, porque eu passei por todos eles, porque todos eles que chegavam eu entregava o meu cargo, meu cargo era um cargo de confiança, eu fazia questão de entregá-lo, mas eles faziam questão que eu continuasse, então isso muito me honrava, mas eu sempre estava à disposição deles pra tudo, até que um diretor, ex-ministro Francisco da Silva da Rocha, o Francisco de Paula da Rocha Lagoa foi ministro e fez questão absoluta, eu não queria sair, pra mim foi uma facada, uma apunhalada eu sair daqui, porque eu sou feito gato me acostumo... me acostumei aqui, não queria sair daqui, então eu fui ser diretor do departamento de pessoal do Ministério da Saúde.

WH – Lá em Brasília isso, ou aqui no Rio mesmo.

AT – Não, aqui.

RG – E depois o senhor se aposentou pelo Ministério, o senhor não voltou mais.

AT – Não, depois eu fui, depois eu tive na Escola Superior de Guerra, tive na Escola Superior de Guerra emprestado e trabalhei na divisão de Segurança e Informação do Ministério da Saúde, aqui nesse prédio, nesse prédio eu trabalhei muito tempo.

WH – Em frente, aqui, do outro lado da Avenida Brasil, né?

AT – Do outro lado da Avenida Brasil, então eu trabalhava com brigadeiro, com coronel, não sei o que, mas sempre a...

RG – Que prédio é? Esse que o senhor está se referindo?

AT – Heim?

RG – Que prédio é esse que o senhor está se referindo?

AT – Atrás da Delegacia Regional de Saúde, que agora não há mais, acabou, a delegacia acabou, o prédio continua ainda, aliás, dizem que o prédio é de vocês.

WH – É, o prédio é do Ministério da Saúde, agora da Fundação.

AT – Agora é da Fundação? Aliás aquele prédio, aquele prédio, eu defendi com unha e dente com Francisco de Paula da Rocha Lagoa, porque a política militar queria tomar conta daquele prédio, porque aquele prédio ficou m esqueleto e pararam as obras, então quiseram tomar o prédio, a polícia militar quis tomar o prédio. Nós aí fizemos um ofício ao ministro, não me lembro qual o ministro na ocasião, fizemos um ofício ao ministro dizendo que, era o ministro antes do Rocha Lagoa.

WH – Era o coronel Miranda.

AT – Acho que era aquele que tem uma casa de saúde.

WH – Coronel Miranda.

AT – É parece que é o coronel Miranda, dizendo que nós fazíamos o prédio acabaríamos de construir o prédio.

RG – E foi assim que ficou.

AT – Eu tenho a impressão que foi assim que construiu-se o prédio, porque depois o diretor foi ministro e como ministro ele tinha possibilidade de liberar verbas para, para fazer o prédio lá, então eu trabalhei naquele prédio muito tempo, então de lá, e causava aquela, eu olhava de lá, primeiro o Rockefeller, né, onde ali eu comecei, bem defronte, eu olhava e dizia: trabalhava naquela janela, parece incrível, tinha o que, vinte e três anos tinha vinte e três anos, hoje tenho setenta e três por aí se imagina, então me causava muitas recordações, aquela nostalgia, né que normalmente os velhos têm, muito nostálgico, eu sou muito nostálgico daquele tempo, hoje não há nada disso hoje em dia é tocar prá frente, fazem muito bem, sabem viver.

RG – Não sei.

AT – Não. Eu acho que sim.

RG – Mas o senhor falava que lá fazia muito calor e que não tinha ar condicionado.

AT – É, não tinha ar condicionado e... então tinha ventiladores trabalhando, não é, então nós tínhamos, houve aquela possibilidade daquele horário do verão de ter menos meia hora e nós tínhamos ônibus prá levar a Praça da Bandeira e a Cidade, nós tínhamos ônibus.

RG – Ônibus da Rockefeller mesmo?

AT – Ônibus da Rockefeller, ele fazia duas viagens a praça da Bandeira e fazia uma viagem à cidade.

RG – Isso era uma facilidade que aqui no Instituto nunca teve, transporte desse tipo.

AT – Não, que eu saiba não. Não, depois, quando passou pra aqui parece que pegaram os ônibus e tiveram, depois os ônibus acabaram e não tivemos mais, nós tínhamos então chamado pavão, pavão era o ônibus que ia pra cidade, era um bonitão, por que eles tinham aquele ônibus que a gente entra feito bonde, sabe, aquele ia pra Praça da Bandeira.

## Fita 2 – Lado A

RG – Eu tinha uma pergunta sobre a alimentação da Rockefeller. Tinha uma cantina ou um restaurante?

AT – Não, nós tínhamos um restaurante em que nós pagávamos uma parte e a Fundação completava, completava o que faltasse. Por exemplo, nós pagávamos a despesa, alcançava um X, tá muito bem, nós pagávamos Y e a despesa era X + Y e a Fundação da o X.

WH – A Fundação arcava com uma parte dos gastos?

AT – Arcava com uma parte das despesas.

RG – Mas vocês comiam onde?

AT – Heim?

RG – Onde vocês...

AT – Naquela parte do lado de cá, não tem a Fundação? Não tem aquela parte do lado de cá, não tem uma varanda, que dá pra aqui pra essa estrada daqui? Era ali que era o refeitório.

RG – E eram os cozinheiros da Fundação que faziam a comida?

AT – Eram os cozinheiros da Fundação.

RG – Os diretores, os americanos comiam também dessa comida?

AT – Comiam também, perfeitamente.

RG – Era a mesma comida para todo mundo?

AT – Não, só tinha o seguinte: primeiro era o pessoal administrativo, pagavam menos, e eles paravam mais um pouco.

RG – Porque os americanos são muito preocupados com essa questão de higiene.

AT – Ah! Perfeitamente.

RG – Eu imagino que eles deveriam ter uma cozinha um pouco.



AT – Ah! Mas era muito, era muito, era muito fiscalizada e muito controlada por essa dona Margot Berlim que praticamente...

RG – Era brasileira?

AT – Não, era sueca. Mas ela recebia coo se fosse funcionária brasileira.

RG – Ela morava no Brasil quando.

AT – Morava aqui, morava em Higienópolis.

RG – O senhor se mudou pra cá pertinho quando o senhor trabalhava aqui?

AT – Não, não, eu morava praticamente na Boca do Mato, eu moro lá há trinta e três anos.

RG – O senhor já morava lá desde aquela época?

AT – Naquele tempo que era Boca do Mato, hoje em dia...

WH – O senhor foi morar lá quando casou?

AT – Não, quando casou não. Quando casei morei na Afonso Pena. Meu pai ainda era vivo.

RG – Na Tijuca né? O seu pai tinha parado com aquele comércio na rua da Alfândega?

AT – Não, não.

RG – Ele se manteve?

AT – Meu pai trabalhou na rua do Teatro e na Rua Gonçalves Dias, quase defronte a Colombo.

RG – Nesse ramo de tecidos?

AT – Nesse ramo de tecidos. O nome era Parisiense. O nome da...

RG – A Parisiense?

AT – É.

RG – E o senhor casou, em que época que o senhor casou? Quando o senhor veio para cá o senhor já era casado? Já tinha filhos?

AT – Quando eu via, já era casado e já tinha uma filha. Quando eu estava aqui nasceu uma outra filha e depois nasceu esse que eu falei com ele agora. Esse filho que já tem 40 e tantos

anos, que eu tenho uma filha que vai fazer 50 anos. E tenho esse filho que trabalha aqui, que...

RG – Ah! Você tem um filho que trabalha aqui?

WH - ...encontrou agora.

AT – Ele também é o mesmo nome Amilar Tavares da Silva Filho.

RG – E ele é do setor administrativo?

AT – É do setor administrativo, ele trabalhava com, trabalhava com um colega que eu tenho a impressão que ainda está aqui, mas não sei se ele anda doente, Walter, que trabalhava lá naquela, lá onde trabalhava o Dr. Olympio Oliveira da Fonseca, lá naquele prédio, Serviço de... não sei se é Serviço de peste, eu não sei... nós trabalhávamos aqui nessa, sem ser essa, sem ser esse aqui tem ali uma, um prediozinho pequenininho, ali era o almoxarifado.

RG – É.

AT – Ainda é o almoxarifado?

RG – Era lá que o senhor trabalhava?

AT – Eu trabalhava na sala de cá, que era a seção financeira e na primeira sala era a seção de material.

RG – Quer dizer que a seção financeira nunca foi ali no Castelo? Era um prédio à parte?

AT – Não. Era um prédio à parte. Lá no Castelo era Serviço de Administração. Ali que eu trabalhei no Castelo.

RG – Depois que o senhor foi pra lá.

AT – Foi pra lá no Serviço de Administração porque fizeram questão que eu fosse pro Serviço de Administração.

RG – Certo.

AT – Então o Serviço de administração administrava tudo.

RG – Mas, então isso a gente vê depois, né. Aí o senhor via contar toda a época que o senhor veio, tudo que foi acontecendo. Mas, assim, ainda dentro da Fundação você estava com algumas perguntas, né Wanda?

WH – Pois é, o que eu gostaria já de saber, agora saindo um pouco do biotério, já o senhor começa a trabalhar na contabilidade, né, a aprender as técnicas de contabilidade, não é isso?

AT – Sim, perfeitamente.

RG – O senhor não tinha nenhum conhecimento de contabilidade até então.

AT – Não, tinha, tinha algum conhecimento porque eu era muito curioso então por exemplo, o haver, o débito, o crédito, o saldo e tal não havia dificuldade pra mim e quanto eu fui trabalhar lá, o contador, graças a Deus gostava de mim, me chamava até de Amalar, porque o americano chamava Amalar.

RG – Mr. Hogan?

AT – Mr. Hogan. Então eu trabalhei com ele e o trabalho era um trabalho normal como se faz até hoje, não tem, não tem dificuldade nenhuma nem tem modificação nenhuma.

RG – E é a mesma coisa americano e brasileiro, esse setor não tinha diferença? É a mesma maneira de trabalhar?

AT – Não, era a mesma maneira, geralmente o americano, o americano geralmente era na parte técnica, quem pode muito bem falar sobre isso é o Fonseca por exemplo, porque geralmente era na parte técnica que eles trabalhavam, doença de chagas, febre amarela, malária, por isso era o nome Serviço de Estudos e Pesquisas. Porque a pesquisa pode ser pura e aplicada, geralmente, nós lá seríamos a pesquisa aplicada, pesquisa aplicada é uma pesquisa em que a gente estuda pra fazer uma vacina por exemplo, a gente estuda, já uma pesquisa pura é uma pesquisa que eu acho que o brasileiro, eu não sei se já estamos... se temos essa possibilidade de trabalhar com essa pesquisa pura. O americano tem, porque os grandes ricos lá dão uma certa importância para fazer, para trabalhar em pesquisa pura, para depois descontar no imposto de renda, aqui a pesquisa pura é saber por exemplo, uma borboleta, se tem quantas asas, quantas, quantas, como é, quantas patas e tal, isso é uma pesquisa pura, uma pesquisa aplicada é uma outra coisa. Então, eu tenho a impressão que o americano se referia muito à pesquisa aplicada, mas como eu estou dizendo, isso é uma área que eu estou simplesmente dando a minha opinião pessoa, pode ser que eu esteja errado em tudo isso.

WH – Então, vamos voltar para o setor onde o senhor sabe, que o senhor conhece que é administração.

AT – Pois não.

WH – Como é que o senhor foi, eu gostaria de saber como é que o senhor entrou para esse setor, como é que se compunha, quais eram as pessoas que trabalhavam, como é que o senhor foi aprendendo e fazendo as coisas.

AT – Não, eu por exemplo, as pessoas que trabalhavam lá eram: José Borges Leal Filho, Ari Magalhães, que o caixa Mr. Hogan, que era o contador Isolino, trabalhou um certo tempo depois foi embora e não puseram outro no seu lugar.

RG – Ele fazia que parte?

AT – E eu. Depois vinha a parte pessoal. Nós não tínhamos nada com isso eram duas pessoas só pra fazer a parte pessoal.

WH – Como se dividia, ou seja, o serviço de administração de Rockefeller se dividia em que setores?

AT – Bom, era serviço de administração, seção financeira, seção de pessoal, que dependia praticamente do... como é que se diz, do setor de serviços gerais, a garagem que dependia do, do superintendente, menos e financeira, e financeira só o contador, o contador era a autoridade máxima.

WH – Hum, hum, não estava subordinada ao superintendente.

AT – Superintendente, superintendente era seção do pessoal, serviços gerais, garagem, e também não tinha outros.

RG – E a financeira então, ela se reportava diretamente ao diretor, não ao superintendente?

AT – Ah! Sim, diretamente ao diretor. Mr. Hogan respondia diretamente ao diretor.

RG – Mr. Kerr.

AT – Perfeitamente, ao Senhor Kerr.

RG – Dr. Kerr. Ele era pesquisador?

WH – Agora, esse se o senhor, senhor Amilar onde o senhor trabalhava, seção financeira quais eram as atribuições desse setor, ou seja, que tipo de trabalhos ou senhores faziam?

AT – Folha de pagamento, pagamento pessoal, pagamento de faturas, preparar o faturamento. Ah! Tem um órgão também que eu quero chamar a atenção, o almoxarifado estava ligado a seção financeira. Estava ligado ao Mr. Hogan, o almoxarifado. Era o senhor Alberto Chididi já se aposentou, tá aposentado.

WH – Depois ele trabalhou para o Instituto inclusive, não é?

AT – Quem?

WH – Esse senhor

AT – Alberto Chididi, trabalhou e depois trabalhou no Ministério. c saiu com Rocha Lagoa. Não sei o que o Rocha Lagoa achou; eu disse ao Rocha Lagoa que íamos perder um ótimo funcionário, que ele era um funcionário espetacular, mas não sei o que que houve, eu não entro nessas minúcias.

RG – Se desentenderam?

AT – Não sei se desentenderam ou não sei se, não sei como era o negócio, eu sei que ele saiu, foi trabalhar em outro, foi apresentado ao Ministério da Saúde, foi trabalhar em outro lugar. Hoje ele tá aposentado, mas é uma ótima pessoa, um ótimo funcionário. Como funcionário era espetacular. Ele que era o almoxarife, e da Fundação Rockefeller também era almoxarifado.

RG – E os serviços gerais, consistiam no que, Senhor Amilar?

AT – Bem, serviços gerais, que eu falo, é mais serviços de servente, né, servente, cozinha.

RG – Zeladoria, essa parte assim de....

AT – É, porque para aquele prédio lá’, a sra. conhece muito bem, muita pouca coisa não é, só que andava tudo brilhando, porque a senhora podia, desculpe a expressão, a senhora podia almoçar no lavatório, a senhora podia almoçar, não tem problema. Aquilo brilhava, tudo brilhava, porque o americano fazia questão, ele fiscalizava tudo, principalmente essa dona Margot Berlim, eles fiscalizavam muitos, essa parte de limpeza então limpar parede, a parede andava limpinha. É modo de trabalhar, trabalhava-se dessa maneira, cartão de ponto. Uma vez o Dr. Soper tava aqui no Brasil e bateu oito horas, quando foi oito e dois minutos chegou o Dr. Kerr, ele era o diretor, eles só se entendiam em inglês, mas o dr. Soper esse dia estava na portaria, servente limpando parede o outro varrendo o chão. Ele falou em português: “Oh! Kerr, isso não é hora de chegar, o senhor não tá dando um bom exemplo. Sabe lá o que é isso? Ou ele disse isso prá só pra propaganda como... como é que se diz, uma montagem, ou foi a realidade. Mas, aquilo causou espécie dele falar primeiro em português depois de chamar a atenção de diretor da Fundação Rockefeller.

RG – E por dois minutos.

AT – Por dois minutos de atraso. Ah! Ali era assim, bateu oito horas acabou.

WH – O senhor sempre chegou na hora?

AT – Ah! Se eu chegava na hora? Eu não era melhor que ninguém não, tudo é questão de educação, eu fui educado assim, eu tinha um pai muito enérgico. Eu tinha um pai, por exemplo, ele tinha carro, naquele tempo aqueles Fordeco de bigode, eu ia no taioba para trabalhar, eu não ia no carro dele. Primeiro vai na frente, eu ia no taioba. Taioba era um bondinho de segunda, se lembra? Isso não é do seu tempo. É um bondinho de segunda chamado taioba. Então eu ia de taioba, ele ia de carro, nunca fui de carro com ele, aí minha mãe dizia, mas não enérgico dessa maneira, para eu aprender, precisa estudar, precisa aprender.

RG – O senhor acha que era uma coisa pessoal da sua família ou naquele tempo as pessoas eram assim educadas de uma maneira mais rígida?

AT – Não, eu tenho, a impressão que 90%, aquela educação meia, mais séria, dava uma educação mais forte. É lógico que isso vinha de tempos atrás. Eles foram educados assim, davam o que tinham a dar. Hoje em dia, eles dão o que tem a dar. Então o senhor vê um

menino de sete, oito anos filha disso, filha daquilo, vai pra isso, vai para aquilo, eu não sei o que, eles estão dando, o que eles aprendem, o que eles aprendem em casa, na rua e tal, porque ninguém dizia isso dentro de casa, ninguém chama a atenção ou coisa que o velha, fica por isso mesmo, então eu acho, meu ponto de vista, é que eles dão o que eles podem dar, agora eu não sei se isso é bom ou se isso é mau, eu não sei, se essa liberdade assim.

RG – É muito diferente, não é?

AT – Eu não me adapto, eu não me adapto, isso eu digo, isso eu digo porque tenho netos como eu digo, já foram pequenos e tal e eu sempre corriji, ao menos perto de mim, agora perto dos pais, e lá com os pais.

RG – Então esse sistema dos americanos causava espécie, como o senhor usou essa expressão, de um modo geral ou, por que hoje em dia seria ainda mais estranho do que naquela época, essa rigidez americana, cobrança de horário?

AT – Sim, porque a pessoa quando entrava, quando entrava na Fundação Rockefeller geralmente já sabia o modo de proceder do americano, como ele administrava, como ele procedia com o empregado, então não havia surpresa nenhuma.

WH – Muita gente não aguentava esse ritmo?

AT – Não, todos aguentava, todos aguentavam.

WH – Não teve problemas?

AT – A pessoa se adaptava perfeitamente bem.

RG – Tinha compensações?

AT – A compensação era o salário, o salário era mais alto, era 300 mil réis, como eu disse.

WH – Quanto ganhava uma pessoa por exemplo do setor administrativo?

AT – Às vezes havia aumento, ah, o setor de administrativo ganhava 350 mil réis.

RG – Lá?

WH – E no Instituto o senhor sabe? Naquela mesma época?

AT – Ah! No instituto eu não sei porque eu nunca tive contato com o Instituto, quando eu tive na Fundação Rockefeller, eu nunca tive contato como Instituto.

RG – Só para saber assim aproximadamente, uma pessoa que desempenhasse as mesmas funções que o senhor em outro lugar, ganharia mais ou menos quanto?

AT – Ah eu tenho a impressão, eu tenho a impressão que ganharia uns... uns 250, que chegasse a uns 300.

WH – E o senhor ganhava 350?

AT – Ganhava 300, depois eu fui aumentado cinco cruzeiros, cinco mil réis, naquele tempo o aumento de cinco mil réis era aumento para diabo; depois aumento de dez mil réis, e assim eu fui aumentando um pouco, assim eles foram dando o aumento, porque eles davam o aumento no fim do ano, àqueles funcionários que merecessem.

RG – O senhor teve uma boa relação?

AT – Ah tive, eu não tenho queixa, é como eu disse, como eu disse à sra. eu não tenho queixa absolutamente nenhuma deles, absolutamente, pelo contrário, aprendi muito, agora, me adaptei muito a toda essa circunstância por questão de princípio, de educação que eu tive, isso é muito importante, eu fui educado a ferro e fogo, então vai lavar rato, eu achei aquilo tão natural. Se dissesse a um colega meu vai fazer isso, ele achava aquilo uma ofensa, eu tinha o curso secundário, era bacharel e tal, depois tirei, fui advocacia, hoje eu sou advogado e tal.

RG – O senhor fez mais tarde?

AT – Tive, quando eu estava na Fundação Rockefeller, na Fundação Rockefeller que eu comecei e acabei eu estava no Instituto.

RG – E o senhor era bacharel, nessa época em que?

AT – Era bacharel em Ciências, naquele tempo se chamava Ciências e Letras é o que hoje a pessoa diz que é o último ano do segundo grau.

RG – Virava bacharel?

AT – Virava bacharel.

RG – Dava direito a ser professor, não é, em escola.

AT – Dava direito, naquele tempo dava, tanto é que eu tenho, mas agora não dá mais, tem que estudar letras, tem que estudar...

RG – Tem que ir pra universidade.

AT – Universidade de Letras pra tirar...

RG – Era muito difícil diferente a estrutura.

AT – Ah! É, a estrutura era muito.

WH – Vamos voltar para o setor administrativo da Fundação.

AT – Pois não.

WH – Eu queria, o senhor trabalhou na parte, no setor financeiro, né, da Fundação Rockefeller, quais eram as atribuições desse setor, senhor Amilar? O Senhor falou, folha de pagamento?

AT – Folha de pagamento, pagar faturas, como é atender... pagar as despesas, o americano tinha conta de luz, de gás, ele entregava o caixa, o caixa pagava e lançava no livro caixa e eles rubricavam o livro caixa, depois passava no fim do mês, fazia-se a conta deles, o crédito deles e o débito, o crédito a gente não sabia, quanto eles ganhavam a gente não sabia, sempre mandava-se quanto que ele gastou durante o mês.

WH – Quer dizer os senhores tinham a parte do procedimento administrativo de contabilidade e não sabiam os recursos que existiam.

AT – Não, os recursos não. Não sabíamos quanto os americanos ganhavam. Os recursos nós sabíamos, porque por exemplo o contrato eu não sabia, o contador sabia, mas eu não sabia. Por exemplo, fazer um contrato, quantos dólares, 1500 dólares; naquele tempo era 1500 dólares e o governo entrava com 1 500 000, um milhão e quinhentos mil réis, não sei, compreendeu? Nunca se esse contrato, além que ele era publicado no Diário Oficial, mas nós não recebíamos o Diário Oficial; nosso contador recebia e tinha o controle disso tudo. Essa parte toda, porque o americano nessa parte ele controlava tudo, ele punha a mão assim e controlava tudo.

RG – Não era transparente, né?

AT – Não, não transparecia.

RG – Interessante, eu achei que o americano fosse assim tudo muito.

AT – Pra nós era interessante porque o governo só liberava dinheiro às vezes, em junho, e quem que nos pagava janeiro, fevereiro, março e abril era o dinheiro do americano, que ele vendia dólar e pagávamos, nos pagava porque o governo só soltava o dinheiro às vezes em junho, julho.

RG – Quer dizer, que vocês eram a contrapartida da colaboração americana, o governo brasileiro era que pagava vocês em cruzeiros.

AT – Sim, não, o governo brasileiro, junto como americano, faziam aquele convênio, daquele convênio havia uma importância X, essa importância X era irada para todas as despesas que havia a fundação, a Fundação às vezes, a parte dela ela podia dar, em vez de dar em dólares, ela deve por exemplo em viaturas, em artigos de escritório, em produtos químicos, porque ela tinha, a vantagem era muito grande porque nós tínhamos como é, tínhamos isenção alfandegária, qualquer coisa que chegasse aqui era direto, eu não disse os macacos que vinham direto.



WH – O senhor tem ideia de mais ou menos por ano quanto é que a Fundação e o ministério gastavam com esse serviço? Qual era o orçamento anual da Fundação?

AT – Olha, eu não posso, em sã consciência, eu não posso dizer à senhora, mas eu tenho a impressão que uns 3000 contos, tenho a impressão, não posso dizer a senhora porque tive esse contato.

WH – E dessa parte, quanto cabia à Fundação e quanto cabia ao ministério?

AT – Metade por metade, 50%.

WH – Eram partes iguais.

AT – Eram partes iguais, 50%.

WH – E a Fundação a parte, ele, ela trazia em equipamentos, às vezes, né?

AT – Podia trazer em equipamentos e às vezes, trazer em dólares. É como eu disse à senhora: o nosso pagamento às vezes, quando o dinheiro do governo entrava, ela descontava a parte dela.

RG – Eles adiantavam, não é?

AT – Adiantavam porque nós não podíamos ficar sem, porque quando passamos pro Instituto aqui, uma coisa de louco, nós ficamos até junho sem receber.

RG – Entraram.

AT – Se não fosse o Dr. Olympio Oliveira da Fonseca chegávamos a fazer vale, ele conseguiu uma importância pra fazermos vale, porque o dinheiro do governo, o governo não deu não, só nos deu lá pra junho, julho.

WH – Inclusive o Dr. Fonseca falava que essa vantagem que a Fundação Rockefeller tinha de importar equipamentos, enfim, de dinheiro rápido, que não passasse por toda burocracia, é que permitiu justamente a erradicação.

AT – Mas é lógico e evidente; é por isso que ela tinha essa liberdade de trabalhar e de administrar da maneira que ela quisesse, porque o governo sabia que ia ser bem empregado, não havia corrupção de espécie alguma, então ele estava nessa parte, o ministério, o ministro da Saúde estava descansado, a Fundação Rockefeller não havia problema nenhum.

WH – Não é, obter os recursos na hora que se precisasse sem nenhuma tramitação.

AT – Não havia tramitação. Se não tivesse sido do governo, tinha o deles.

WH – É porque o governo passa por uma série de instâncias.

AT – É lógico.

WH – Tem que circular por aquela...

AT – Eu não disse à senhora que até junho, até quando eu passei aqui pra parte do Instituto, tem uma parte até muito interessante pra eu contar, pra eu contar que vocês vão ficar, não que vocês transmitam depois... mas uma parte privada, vou contar pra vocês. Foi um diretor que houve aí, pra vocês notarem o que é, o que é trabalhar com essa, com essa modalidade de tratamento! Nós temos um exemplo: os animais não comem todo dia, fornecedor fornece no dia 1º de janeiro. Tem dinheiro? Não. Quando é que tem dinheiro? A fundação pode ter, mas antigamente o Instituto não tinha, que o Instituto dependia do governo, dele liberar verba, agora, fazia concorrência, concorrência valia pro ano, mas não valia pro outro ano. O camarada que fornecia banana pro macaco, quando chegasse no dia 1º do ano seguinte, ele não era fornecedor de banana, não podia perder, e se ele perdesse, quem é que ia pagar ele ia pagar como o que? Ia pagar com o que ele ganhasse. Suponhamos que ele ganhasse abacaxi, a gente ia pagar com abacaxi. Então, era um escândalo porque não entrava abacaxi nenhum aqui, então como é que ia pagar abacaxi, não é?

WH – Claro.

AT – Porque a concorrência é feita... porque a concorrência às vezes é feita em março, em abril, mas no dia primeiro o macaco está comendo, o bicho tá comendo. Nós tínhamos uma ilha ali, a ilha do Pinheiro, que era a ilha dos Pinheiros, cheia de macacos. Ali era uma alimentação rigorosa, nós tínhamos que alimentar aqueles bichos. E o macaco Rhesus quanto custa? Vai ver que não custa um macaco Rhesus. Nós tínhamos uma criação prodigiosa lá na, tanto é que eu achei que essa perda do Instituto Oswaldo... do Instituto, naquele tempo era Instituto e depois foi a Fundação, porque quando o Rocha Lagoa, quando começou a Funda... pensar em Fundação eu até fiz uns, uns trabalhos pra fazer a Fundação, mas depois nesse ínterim, eu saí, fui pro diretor da Divisão de Pessoal e...

RG – Mas o senhor disse que achou o que? Uma perda...

AT – Não, eu achei uma perda muito grande aquela ilha dos Pinheiros, pela criação de macacos, que tinha lá, pro Instituto.

RG – Mas foi recente, não é? Essa perda foi há pouco tempo.

AT – É quando fizeram aquela, aquela...

RG – ...favela.

AT – Aquela favela.

RG – A Vila do João.

AT – É. A Vila do João. Aí tomaram conta da ilha e... e liquidaram tudo.

WH – Foi aterro, né? Aterraram.

RG – A favelização né, foi...

WH – Mal voltamos ao setor administrativo senhor Amilar. Eu queria saber mais, mais um pouco sobre os procedimentos desse setor, como é que vocês procediam, com é que era essa relação entre o setor administrativo e as diretrizes...

AT – Não, pagávamos com cheque, o cheque era, era, geralmente o cheque era assinado pelo caixa e pelo contador... as faturas eram pagas dessa maneira. Nada se pagava em dinheiro, pagava-se em cheque, a não ser o pagamento do pessoal.

WH – Isso era orientação, os senhores tinham que seguir as orientações da direção, não é?

AT – Sim, orientações que o diretor... é.

WH – O setor administrativo era só de apoio.

AT – Que o contador, que o contador determinava, mas era como eu disse, geralmente essa maneira de proceder era como todas as repartições procediam, não havia diferença nenhuma; a diferença é que era mais rápida, não tinha tanta burocracia, ia pro almoxarifado com aquele carimbo, recebia aquele material, tá incompleto e tal.

RG – Operava, operava com o banco que quisesse? Como é que era essa coisa de cheques de bancos?

AT – Não, o banco era o Citybank, nós trabalhávamos como Citybank, não trabalhávamos com o Banco do Brasil, por exemplo, trabalhava como Citybank.

WH – E o dinheiro que vinha do ministério não era...

AT – Não, o dinheiro que vinha do Ministério às vezes, eu tenho... não posso afirmar, mas tenho a impressão que esse dinheiro depois era depositado no Banco do Brasil também, jogado de vez em quando uma parte no Citybank.

WH – E a Fundação Rockefeller fazia investimentos com esse dinheiro no CityBank?

AT – Não, não, não, nunca fizemos investimentos, fazíamos a prestação de contas, sempre; nunca investi em coisa nenhuma. Agora, tinha vantagem, por exemplo, gasolina, nós comprávamos a gasolina na Shell parece, na Shell... não... é Shell, Texaco.

RG – Esso.

AT – Esso, nós comprávamos gasolina na Esso. Saía mais barato, a gasolina pra Fundação Rockefeller era mais barato.

WH – Também era uma empresa multinacional, não é, americano.

AT – Americano, e era lá pra dentro. E ela, lá na América do Norte, eu tenho a impressão que procede da mesma maneira.

RG – Ó Manoel, fecha essa aqui que talvez seja menos barulhenta, não é? Dá no mesmo. Você acha que vai dar no mesmo?

AT – É, só um pouquinho, já tá terminando.

WH – Vamos deixar fechada um pouco.

RG – Tá um barulho.

AT – Eu acho que a Fundação está praticamente encerrada.

WH – Não, não ainda não.

AT – Não? Ainda querem mais?

WH – Eu queria saber mais é como o senhor foi, ou seja, o senhor entrou pra trabalhar junto com o contador, aprendendo, enfim, como ‘que o senhor foi aprendendo e até onde o senhor foi.

AT – Não, eu fui, tinha um colega, chamado Gustavo, esse colega trabalhava nessa questão de faturas, e eu fui... eu sou muito... eu ajudava, eu oferecia todos os meus trabalhos, porque quando eu fui pra lá eu fui pra aprender para ir pra Santa Teresa.

## **Fita 2 – Lado B**

AT – Então, eu fui aprender pra trabalhar lá, mas pra não fazer nada, eu não queria; eu nunca quis ficar olhando pra ontem, eu fui aprender, quer que eu ajude, me dá que eu ajudo, eu vou fazendo, eles me davam e eu ia ajudando e assim eu aprendi de um, de outro, menos o serviço de caixa, que era uma coisa muito reservada, quer dizer não era um serviço difícil, a senhora fazia, eu faria também, não tem problema nenhum, crédito, haver e saldo e débito e então não tem problema, mas havia aquela questão dos auditores, então era uma coisa mais...

WH – Reservada, né?

AT – Reservada. Não era bem reservada, porque estava no livro caixa, não era bem reservada, mas o livro caixa, só quem mexia no livro caixa era o contador e o contador de vez em quando ia no almoxarifado, puxava uma ficha, conferia o material, ele conferia, puxava uma ficha no almoxarifado e conferia o material, nunca achou nada, tudo cem por cento.

WH – O contador era um cargo de confiança da direção, não é?

AT – Ah, da direção. Se o senhor Hogan, desde que eu entrei até que saí, até que acabou a Fundação que ele foi embora. E era um homem extraordinário era um homem espetacular, não tem...

WH – Ele era advogado?

AT – Não, não, não.

WH – Era técnico contador mesmo?

AT – Ele era contador, na América do Norte, eu não sei o que que ele era, porque ele era americano, né, porque nesse ponto eles são muito, sobre a vida particular eles são muito reservados. Ele morava aqui em Higienópolis.

RG – Ele morava em Higienópolis? E ele era um homem extraordinário em que sentido?

AT – No sentido de tratamento, tratamento com os funcionários, no sentido de chamar a atenção de alguma coisa, então era um homem, um homem talhado para ser um chefe, para ser um administrador e um contador, praticamente, que administra as finanças da Fundação.

WH – E tinha também, o senhor disse, o setor de pessoal, né?

AT – Tinha o setor pessoal, esse setor pessoal era dependente da superintendência.

WH – E ele trabalha com que, com que tipo de atribuição?

AT – Ficha de pessoal, a mesma coisa que tem hoje, ficha de pessoal, faltas, conferir cartão de ponto.

WH – Férias...

AT – Férias...

WH – Essas coisas, né?

AT – Eles davam as férias, porque eles queriam dar férias, não era obrigado a dar férias.

RG – Não havia nenhuma legislação.

AT – Não, não absolutamente.

RG – Nem americana nem brasileira, eles estavam fora, não é?

AT – Perfeitamente.

WH – E me diz uma coisa senhor Amilar, o senhor trabalhou desde 40 até 80, né, foram 10 anos que o senhor trabalhou na Fundação, nesse setor específico de administração, né?

AT – Perfeito.

WH – E o senhor pegou o dr. Kerr, como diretor e depois o próprio [Fred] Soper, que foi diretor do setor aqui.

AT – Não, não, o dr. Soper era.

RG – Na América do Sul.

AT – Na América do Sul.

WH – Ele não chegou a ser diretor da Fundação?

AT – Não, não depois houve outro diretor, esse eu não me lembro o nome.

WH – Era o... como era o nome dele?

AT – Fonseca disse, é possível que Fonseca disse, era o outro diretor, esse já era mais, eu acho que foi esse que veio com aquelas ofertas de o funcionário ir embora e pagar, dois, três meses e tal, os voluntários, então...

WH – Porque aí começou a se...

AT – Bom, porque depois da guerra, nós sentimos que a coisa foi melhorando, um pouco no sentido da rigidez.

WH – Como assim, melhorando?

AT – No sentido da rigidez, no sentido da legislação, por exemplo, ganhamos o IPASE, nós não tínhamos o redesconto pro IPASE era um pé pra amanhã, nós pleiteamos, serviços iguais ao... porque naquele tempo não era funcionário, era... tinha funcionário e tinha extranumerário, tinha igual a extranumerário, do serviço público federal porque nós não éramos nada.

RG – Eram 300 pessoas que o senhor falou?

AT – É, naquele tempo, é, naquele tempo podia ter até mais, depois foi diminuindo, diminuindo, eu tenho a impressão que passaram pro Instituto umas cento e poucas pessoas, não posso afirmar, eu tenho a impressão.

WH – E no setor administrativo, como é que se sentiu esse, essa coisa da Fundação ir diminuindo, diminuindo, diminuindo? As atribuições do setor também diminuam?

AT – Não, nós não sentíamos muito, como eu disse à senhora nós não sentíamos muito porque nós éramos poucos...

WH – Quantas pessoas eram mais ou menos?

AT – Heim? Olha, começou um, dois, dois, três, quatro... seis com o contador. Acabou um, dois, três, quatro com o contador. Porque via, é aquilo que disse à senhora: trabalho pra cinco, dois iam fazer... ao contrário.

WH – O trabalho continua sendo exatamente o mesmo, ou os senhores tinham menos atribuições?

AT – Não, o trabalho praticamente, de acordo com o, foi diminuindo, porque nós também controlávamos todo o serviço da malária do Nordeste vinha aqueles, aquelas, aqueles relatórios, e nós conferíamos aqueles relatórios, depois a malária do Nordeste acabou...

RG – Vinha os relatórios os gastos do pessoal, é isso que chegava?

AT – Ah! Relatório de tudo, relatório que eles falavam não era, era relação das faturas, pagamento pessoal, porque tudo isso serviu, que hoje deve estar aqui, setor pessoal, pra contar tempo de serviço, às vezes pode um tempo de serviço que eu trabalhei na Fundação Rockefeller, na malária do Nordeste deve estar aqui. Deve estar.

RG – Tinha um... escritório?

AT – Se não está aqui, está no ministério. É possível até que esteja no ministério.

RG – Tinha um escritório no Nordeste, centralizando, e de lá vinha pra cá?

AT – Ah! Sim.

RG – Ou era tudo aqui?

AT – Não, lá tinha vários escritórios porque a malária do Nordeste foi em vários estados do Nordeste, então eles tinham, por exemplo, Russas, um exemplo, Russas, Fortaleza, tinham um escritório em que eles controlavam essa. Nada tinha com o serviço de febre amarela aqui, era um serviço separado.

RG – Da malária?

AT – Da malária.

WH – Mas, os senhores faziam toda a parte da contabilidade também, não é? Pra malária?

AT – Não, não fazíamos, a parte da contabilidade, era deles também.

WH – Mas o senhor não disse que vinham os relatórios?

AT – Não, não, vinha os relatórios para nós vermos, lermos, guardarmos.

WH – Mas os senhores não faziam a contabilidade?

AT – Não fazia não.

RG – Aqui, a Fundação só mexeu com febre amarela mesmo.

AT – Só, aqui no Rio de Janeiro, só com febre amarela.

RG – Apesar de que também mandava gente pro Brasil todo, né, mas a sede ficava no Rio.

AT – Sim, a sede era o Rio de Janeiro.

WH – Toda a parte também, senhor Amilar, da própria vacina, da produção, a produção, distribuição, tudo isso também era com os senhores.

AT – Não, não.

WH – Os senhores não mexiam com vacina, com produções de vacinas nem nada.

AT – Não, não geralmente era parte técnica, por exemplo, naquele tempo Paraguai, pedia não sei quantas vacinas de febre amarela, a direção da Rockefeller é que mandava. Não custava um tostão, não cobrava nada. Quer dizer, não havia venda de material sob hipótese alguma.

WH – Os senhores não mexiam com essa parte não.

AT – Não, não.

WH – Só parte de finanças mesmo.

AT – Só parte de finanças, essa parte de finanças e folha de pagamentos, fatura, despesas urgentes de pronto pagamento, essas coisas pequenas.

WH – Não havia, o senhor que trabalhou na administração, é muito comum na administração brasileira essa coisa de se dar um jeito, de se procurar ver se a pessoa pode né, resolver pra mim esse probleminha... na Fundação Rockefeller não se dava esse fenômeno?

AT – Não, mas como que a senhora diz?

WH – Claro, é muito, a gente tem ouvido falar das pessoas do Instituto, que era muito difícil no IOC conseguir recursos pra comprar... por exemplo, a pessoa queria comprar um animal, queria alimentar um animal como o senhor falou e não tinha, como o senhor falou, aquela coisa constante.



AT – Nos Instituto sim, na Funda....

WH – Na Fundação Rockefeller não, era tudo.

AT – Não porque como eu disse à senhora eles tinham os dólares pra socorrerem. Se fosse só dinheiro do governo era possível que houvesse isso ou outras coisas piores ainda, mas como havia os dólares, qualquer coisa...

WH – É porque essa possibilidade da administração de... que essa possibilidade da administração de conceder ou não, né, como acontecia no Instituto por exemplo, a gente ouve falar, bom, eu ia lá no setor de administração e falava com uma pessoa a essa pessoa, bom, finalmente me liberava uma verba pra tal serviço, por exemplo, pra comprar alimento pro biotério, né, isso dava um... poder à administração muito grande, o senhor não acha?

AT – Tem um problema, a Fundação, a caixa era única, quer dizer o dinheiro que eu tava lá, a senhora comprava pneu e comprava alimento pro animal.

WH – Ah sim.

AT – Já no serviço público, verba pra pneu é uma, verba pra animal é outra, verba pra comprar automóvel é outra, verba... as verbas são especificadas. Já na Fundação, não; era uma verba única, daquele dinheiro a senhora tirava o...

WH – Por isso a contabilidade tinha que ser muito bem feita, não é?

AT – Sim, praticamente com caixa única era normal... era normal. Quando precisava de dinheiro, entrava dinheiro, entrava o dólar, ou retirava o dinheiro. Nós tínhamos em caixa sempre uma importância, fora o que tínhamos no banco.

WH – E os senhores sabiam quanto era essa importância, e quanto podia ser liberado?

AT – Não, não geralmente o contador é que sabia.

WH – O contador é que sabia. Os senhores só...

AT – Só na parte burocrática. Na parte burocrática, a parte de controle ficava só com o contador.

WH – Só com o contador.

AT – A parte burocrática então... era conosco.

WH – Quer dizer, pra fechar mais ou menos a entrevista hoje, a gente podia, o senhor contar um pouco como é que foi a sua transferência da Fundação Rockefeller para o Instituto, como é que foi todo esse processo, né de transferência...

AT – Bom, primeiro saiu uma legislação, eu não tenho, se tivesse aqui o estatuto do funcionário é... como é... o estatuto do funcionário devidamente, devidamente, como dizer... detalhado... eu podia até dizer o número da lei, parece que era 985, se não me falha a memória, a 985, mas há muitos anos, eu não posso...

RG – Claro, mas isso não tem importância, não precisa se preocupar com isso.

AT – E que dizia que todos os funcionários da Fundação Rockefeller passariam para o Instituto Oswaldo Cruz, no dia 1º de janeiro de 1950. Então, no dia 1º de janeiro de 1950, os funcionários automaticamente passaram, passaram os funcionários, passaram os bens que tinham aí, devidamente catalogados, devidamente relacionados. E assim passaram os funcionários, os funcionários ficaram lá nos lugares, o Dr. Olympio Oliveira da Fonseca, era o diretor do Instituto Oswaldo Cruz, então ele foi aos poucos pondo o pessoal outro, ali, aqui, outro acolá, aproveitando o pessoal porque não... bastava dizer: trabalhou na Fundação Rockefeller então era uma... praticamente um...

RG – Uma porta aberta?

AT – Perfeito, uma porta aberta... uma... porta aberta para qualquer pessoa querer, por causa da maneira com que o funcionário...

RG – Era treinado.

AT – Não, era treinado e era... treinado no sentido do trabalho e no sentido da obediência. Então passamos de lá, passamos pra aqui, mas ficamos lá no prédio, ficamos lá no prédio, então no decorrer do ano é que Dr. Olímpio foi designando que pessoas vão pra aqui, aqueles vão pra lá, aqueles vão pra lá, inclusive a parte técnica, mas isso o Fonseca deve ter lhe dito.

WH – O que... eu tenho informação é que em um momento já em 49, quando já estão finalizando o trabalho da Rockefeller, ele quase que vai pro serviço de febre amarela. O senhor sabe que história foi essa?

AT – Bom, eu disse à senhora que o dr. Soper foi chamado ao Presidente da República, pra continuar mais um ano aqui no Brasil, porque o Serviço Nacional de Febre Amarela queria o prédio, mas não queria os funcionários, compreendeu, então criou-se um problema, onde iria os funcionários? Ia tudo pra rua? A Rockefeller ia jogar tudo na rua no fim? E nós estávamos mexendo, havia um projeto de lei na câmara e tudo isso, um projeto de lei.

WH – O senhor sabe quem era na câmara que tesavam, na câmara que estava...

AT – Não, o deputado...

WH – O nome do deputado?

AT – Não, só tinha um deputado.

RG – Era de que partido, esse deputado, o senhor se lembra?

AT – Não, não me lembro desse deputado, eu fui até na casa dele, eu e umas pessoas, fomos até na casa dele.

RG – Quem liderava?

AT – Não lembro desse deputado não, mas houve, havendo esse... como é que se diz, havendo essa desavença entre a Fundação quer, e o Instituto também quer, porque aqui está no terreno de Instituto, o Instituto queria, o Instituto ficaria com todos, ficaria com os funcionários e ficaria com o prédio.

WH – O Serviço não queria os funcionários?

AT – O Serviço Nacional de Febre Amarela só queria o prédio, não queria os funcionários.

WH – E por exemplo a produção de vacinas?

AT – É o que diziam, eu tô vendendo o peixe da maneira com que eu comprei. Então, o senhor Soper foi chamado no Palácio do Catete, naquele tempo do Getúlio Vargas e ele pediu pra ficar mais um ano enquanto ele não resolvia esse problema do Instituto, febre ama... esse Serviço Nacional de Febre Amarela e o Instituto Oswaldo Cruz, aí o diretor daqui era o dr...

WH – Aragão.

AT – Aragão, Dr. Aragão teve metido muito... e eu tenho a impressão que uma das causas das saídas dele, da saída dele, acho que foi isso.

RG – Por que? Como assim?

AT – Não sei, eu não sei por causa dessa desavença, por causa dessa...

RG – Fica não fica, vai não vai.

AT – Ah! Isso aborreceu a ele, aí o Dr. Olympio Oliveira da Fonseca é que ficou, quando eu passei pra cá já era o dr... então era isso, o problema é que a... o Serviço Nacional de Febre Amarela queria o prédio, mas não queria os funcionários e o Instituto Oswaldo Cruz ficava com tudo.

WH – Agora, me diga uma coisa o Serviço de Febre Amarela queria o prédio, o prédio onde se produzia a vacina, não é? Ele queria a produção também da vacina pra ele. Como é que ele ia produzir essa vacina sem esses funcionários?

AT – Bom, aí é que está o segredo, de maneira qual era a proposta deles, foi ficar com os técnicos? Aí eu não sei. Eu sei que eles não queriam o pessoal, isso no sentido genérico, agora é possível que por trás das cortinas, queria ficar com os técnicos, compreendeu?

WH – Agora a... Fundação.

AT – Porque nós não sabíamos de nada; isso era alta cúpula, nós não sabíamos de nada.

WH – Agora, vocês nunca chegaram a pertencer ao Serviço Nacional de Febre Amarela?

AT – Ah! Não, nunca conseguimos, nunca pertencemos ao Serviço Nacional de Febre Amarela.

WH – Não chegou, em nenhum momento a passar a Fundação pro Serviço né?

AT – Não, não.

WH – Ele ficou aqui depois foi incorporado ao Instituto.

AT – Foi incorporado ao Instituto Oswaldo Cruz, depois ele saiu do Brasil, o Instituto Oswaldo Cruz.

WH – E toda essa parte administrativa que o senhor trabalhava, toda parte de contabilidade da Fundação, isso ficou aqui ou uma parte foi pros EUA também, foi tudo desmontado?

AT – Não, foi tudo desmontado, porque era um convênio e o convênio acabou, no final do ano acabou, liquidou, zero a zero, não houve mais nada, então nós viemos entregues ao Instituto, nós e os materiais, todo o material que tinha.

WH – É porque o setor de produção de vacina continua praticamente com a mesma estrutura, os mesmos técnicos só que incorporados ao Instituto, né, não é isso?

AT – Perfeitamente, incorporados ao Instituto.

WH – Agora, parte administrativa, que outro setor se desmanchou assim, como o setor administrativo, o senhor sabe?

AT – Não, aqui, aqui nós tínhamos o setor, praticamente não se desmanchou houve uma continuação, não é? Porque lá era um outro prédio e o prédio continuou funcionar, o servente continua a limpar, a garagem continua, as garagens não uniram, uniram posteriormente é que uniram as garagens, que as garagens era aqui, hoje em dia é do Instituto, da Fundação, a garagem era aqui, depois virou garagem do ministério.

RG – Então, foi uma coisa que foi sendo adaptada aos poucos?

AT – Aos poucos, perfeitamente, também não podia ser assim, de repente.

WH – Claro.

AT – Pegar assim todo o funcionário não, porque ia haver... conforme, o diretor, o diretor queria sentir, queria sentir não só a reação do funcionário, como sentir a onda, em que área

ele precisava mais funcionário depois havia aquela, depois havia aquela, hoje não tem mais isso, mas no meu tempo tinha, aquele é do Instituto, aquele é da Fundação Rockefeller.

RG – As pessoas...

AT – Havia aquela, aquela discrepância, aquela é da Fundação Rockefeller, aquele é do Instituto.

WH – Havia muitas brigas entre o Instituto e a Fundação?

AT – Não, não digo que havia brigas, mas havia uma certa, uma certa assim, não chegava a ser uma confusão, mas no fim foi o tempo, o tempo cura tudo, curou pronto acabou, acabou-se o negócio.

WH – Porque parece que os técnicos do Instituto tinham um, uma certa birra com o pessoal da Rockefeller, porque eles ganhavam muito mais, não é?

AT – Bom, porque os técnicos da Fundação eram poucos, em comparação com o Instituto, ah, ah nem tem dúvidas eram poucos, contava-se a dedos. Tinha o Dr. Parratas, patologia, o Dr. Fonseca, Dr. Pena, Dr. Cabral, que era praticamente a parte administrativa era o Dr. Cabral e, assim, não me lembro assim, o Dr. Américo, Abel, que tinha até dupla nacionalidade, era baiano, mas também era americano. Tem uma dupla nacionalidade, Dr. Lamert, mas não tinha mais ninguém, quer dizer...

WH – Até os auxiliares, o pessoal da administração, todo mundo ganhava muito mais que no Instituto, isso era o que se dizia, né?

AT – Ah! Sim, bom, alguns ganhavam mais, outro podiam ganhar menos.

WH – Assim, na Rockefeller?

AT – Na Rockefeller, outros podiam ganhar menos.

WH – O senhor conhece algum caso de um... funcionário da Fundação Rockefeller que com as mesmas atribuições ganhasse menos que o funcionário do Instituto?

AT – Não. Não, conhecer não conheço na parte administrativa, na parte técnica, pra parte de, por exemplo, um auxiliar de laboratório, um bioterista, podia ser que tivesse, compreendeu? Eu não posso entrar, porque eu não sabia daqui... o pessoal, quanto o pessoal ganhava aqui.

RG – Não podia comparar, não é?

AT – Não podia haver uma comparação, que não sabia aqui quanto ganhava.

RG – Mas quando o senhor veio pra cá, o senhor percebeu esse clima, um pouco assim.

AT – Ah! Sim, mas isso em todo lugar há esse clima, esse clima de... o pessoal, porque eles diziam que parecia que o Instituto é que tinha passado pra Rockefeller, não a Rockefeller para o Instituto.

RG – Dava uma importância, não é?

AT – Dava importância, é, a importância porque o pessoal da Rockefeller foi praticamente eu não estou, queria me compreender muito bem, eu não estou desfazendo do pessoal do Instituto, pelo contrário, são colegas excepcionais que eu tive aqui, aqueles que eu me dava e os que... também, mas geralmente os pontos-chaves, foram ocupados posteriormente pelo pessoal da fun... da Rockefeller, da Fundação, da Fundação Rockefeller, que era serviço de estudo e pesquisa sobre febre amarela... então, tenho uma ideia por mim, né, eu vi, fui chefe do escritório comercial, eu tenho aqui, deixa eu ver se tenho aqui... de mostrar.

RG – O senhor veio cheio de documentação, né?

AT – Não, eu tenho aqui, isso aqui é da polícia militar quando eu tirei meu curso, escola superior de guerra, escola superior de guerra, deixa ver aqui... uma parte aqui.

RG – Esses são os cursos que a escola dava, ali na praia vermelha?

AT – É são esses cursos é... cursos... é... na praia vermelha é.

RG – São anuais esses cursos que o senhor fez?

AT – Hein? Não, não são anuais não. São geralmente, são de quase um mês, são de três semanas mais ou menos.

RG – Agora, esses cursos são, a escola faz vários tipos de curso ou é um só?

AT – Não, ela dá o curso, ela dá um outro curso, o curso dos estagiários, deixa ver se tem aqui... olha isso aqui é do Instituto.

RG – Depois o senhor vai contar pra gente, que eu estou vendo aqui assim, o curso de 69 sobre desenvolvimento agropecuário, não é.

AT – É.

RG – Depois o senhor conta como é que...

AT – Bom, era um tema praticamente um pouco ingrato pra mim.

RG – É.

AT – Eu não sou da área de agropecuária, eu tinha de me aprofundar em outras, mas, eu procurei fazer umas, porque depois tinha um trabalho em conjunto.

RG – Mas na próxima vez, porque hoje a gente não vai entrar assim nos detalhes.

AT – Ó isso aqui é quando eu tirei habilitação do curso.

WH – Isso é em 65 né, quando o senhor vem em 50, o senhor passa pra, pra seção do financeiro também do Instituto, não é isso?

AT – Tá aqui, 54, olha aqui...

WH – Hum, auxiliar administrativo, fornecido ao Instituto para encarregado do escritório comercial da seção auxiliar do Instituto Oswaldo Cruz, recebendo uma gratificação mensal de 800 cruzeiros, né?

AT – É cruzeiro velho, não é?

WH – Fixada no decreto nº 35.447, de 30 abril de 1954. A gente fica pra próxima entrevista pra tratar desses assuntos, que tal?

AT – Tá bom, se você quer, quando quiser.

RG – O senhor ficou muitos anos sem voltar aqui?

AT – Ah fiquei.

RG – É a primeira vez que o senhor está vindo depois de muito tempo?

AT – Depois... não eu vim aqui, eu vim aqui fazer uma, deixa ver se eu tenho aqui, deixa ver se eu tenho aqui; eu vim fazer uma auditoria aqui, uma auditoria que eu não gostei porque o diretor era, era Oswaldo Cruz Filho e... isso aqui é quando, isso aqui é o decreto do presidente que do fui diretor do DP, isso aqui quando fui diretor na campanha da saúde pública, na SUCAM, na SUCAM.

RG – A SUCAM foi quando em 71?

AT – É, isso aqui na divisão de seguranças e informações.

RG – Pois é, o senhor tem uma trajetória muito...

AT – Isso aqui na...

RG – Pois é, o senhor tem uma trajetória muito...

AT – Isso aqui na...

RG – Rica né, cheia de...

AT – Não, eu não...

RG – Cheia de acontecimentos...

AT – Não, não é, os colegas também podem ter a mesma coisa, isso não é...

RG – Não é porque cada pessoa tem a sua trajetória.

AT – Ó, ta aqui ó. Isso é o que eu disse, isso é que me desgostou, essa ordem de serviço aqui ó...

RG – Ordem de serviço nº 1, de 19... 21 de setembro de 1971. Posso ler?

AT – Ah é!

RG – “Geral de finanças, usando das atribuições que lhe conferem o item 2, do artigo 21, do regimento aprovado pela portaria ministerial nº 74, de 4 de março de 1970, e considerando ser de sua alçada orientar e coordenar as atividades dos órgãos integrantes dos Ministérios da Saúde, resolvi designar como assessor Amilar Tavares da Silva para verificar a situação da Fundação Instituto Oswaldo Cruz no que diz respeito às suas atividades em relação aos assuntos de competência dessa Inspeção”. Então, era uma Inspeção, uma auditoria financeira.

AT – É, então eu tive trabalhando aqui, lá em cima da torre tive trabalhando. O diretor ainda ficava aqui embaixo, era o Dr. Oswaldo Cruz Filho, que já faleceu, não é?

RG – Pois não.

AT – Pode vir, pode vir...

RG – Pode contar, senhor Amilar, então era o Oswaldo...

AT – Era o Oswaldo Cruz Filho e era muito desagradável, muito desagradável porque sempre há uma certa, um auditoria assim, no próprio órgão que onde fui e aquilo me faria... eu vim auditar o próprio órgão, não gostei não, mas em todo caso, passou.

RG – O senhor foi responsável por... era uma comissão, não é?

AT – E era uma comissão?

WH – O que que procuravam?

AT – Hein?

WH – Que tipo de auditoria, procuravam, buscavam o que nessa auditoria?

AT – Não... buscavam a parte financeira.



WH – A parte financeira.

AT – Faziam levantamento.

RG – E chegou a criar uma situação...

AT – Eu não sei, essa soma vocês têm, não em, de Instituto Oswaldo Cruz, vocês têm. É, aliás, vocês têm tudo, inclusive isso que vocês estão me falando, vocês têm de outra maneira, é só vocês irem na biblioteca e pedirem tudo que tem Fundação Rockefeller, porque a biblioteca recebeu tudo que era da Fundação Rockefeller.

RG – Na verdade o que a gente quer, quando a gente conversa com as pessoas é uma coisa assim que vai além dos documentos, que é das pessoas fazerem os relatos de como essas coisas foram vividas e, né, vivenciadas e experienciadas; é muito diferente da gente pegar um documento e ler e interpretar, né? Gosto, ver como que pessoas... e o que eles têm a contar, independente dos documentos, a história pessoal mesmo...

AT – E eu ratifico. A fundação Rockefeller foi uma escola, a quem eu devo muito, mas também deve mais à minha formação, aos meus pais, ao meu pai que me educou de uma maneira um tanto quanto severa, mas que me valeu muito, para eu acertar qualquer coisa...

Data: 27/11/1987

### **Fita 3 – Lado A**

WH – Senhor Amilar, a gente na entrevista passada tinha começado a conversar sobre sua entrada no Instituto, não é? Quer dizer, o senhor terminou a Rockefeller e entra para o Instituto Oswaldo Cruz. E aí para qual setor o senhor vai, que tipo de trabalho o senhor desenvolve, com quem o senhor vai trabalhar?... Enfim...

AT – Quando nós passamos para o Instituto praticamente estávamos no Pavilhão Rockefeller e lá ficamos, no Pavilhão Rockefeller, aguardando ordens do diretor, era o Dr. Olympio de Oliveira Ribeiro da Fonseca. Então, aguardamos estas ordens por algum tempo, colaborando com o que nos mandavam fazer na parte administrativa. Porque, como eu disse às senhoras, sempre houve, logo no princípio, quando a Rockefeller passou para o Instituto. Houve aquele impacto, novos colegas, não sei como eram... como não eram... então... notava, assim, uma certa diferença. Então ficamos lá no Pavilhão, Dr. Olympio nos manteve no pavilhão, aliás nos manteve muito bem no pavilhão. Então, fomos praticamente, destacados para administração, assim, aos poucos, mas depois voltamos para o... novamente para o pavilhão Rockefeller, porque nós viemos trabalhar aqui no prédio, aqui na administração, mas depois o Dr. Olympio achou por bem que nós voltássemos pra lá. Eu não sei, parece que não estávamos bem assim... ou não nos assimilavam ou nós não nos assimilamos com o trabalho... só quando trabalhávamos no local.

WH – Mas foi um problema com as pessoas que trabalhavam na administração ou com a administração em si que os senhores tiveram problemas?

AT – Não, não, não, não era nada problema de trabalho, nada de problema, geralmente era das pessoas, havia aquela dificuldade do entrosamento do pessoal do Instituto com o pessoal da Rockefeller. O número de pessoal da Rockefeller era insignificante perto do Instituto, número, realmente, muito pequeno, mas então nós ficamos lá um certo tempo.

WH – Quanto tempo mais ou menos?

AT – Mais ou menos um ano. Nesse ínterim... ficamos subordinados ao senhor Teófilo Maurício de Abreu. Se não me engano, Teófilo Maurício de Abreu.

WH – Ele era...

AT – Ele era o chefe da seção de um escritório comercial. Bom... ele era um senhor excepcional, mas era um senhor de certa idade que tinha muito prestígio aqui dentro do Instituto, muito prestigiado. Aliás mui merecidamente, vamos dizê-lo assim.

WH – Porque mui merecidamente?

AT – Merecidamente, porque ele era um homem de uma capacidade muito grande de trabalho contando a idade dele, ele já estava numa idade um pouco... já com seus 60 e tantos anos e tal... Até [19]54 quando ele caiu no compulsório. Então, ele aposentou-se. Nesse ínterim, nós tínhamos um escritório na cidade porque todo material que comprávamos era através do Departamento Federal de Compras, órgão do Ministério da Fazenda. Queria fazer um pedido, mandava-se pro Departamento Federal de Compras, do Ministério da Fazenda, ele é que licitava, ele é que comprava, nós só recebíamos o material no nosso almoxarifado. Bom... então... praticamente o nosso trabalho era fazer pedido e... atender pequenas compras, assim, quando houvesse verba para tal fim. Isso foi até 54, em 54 foi quando o doutor Aldélio saiu e entrou o Dr. Cássio Miranda, o outro diretor. Depois saiu o Dr. Cássio Miranda, entrou Francisco da Silva Laranja Filho, que ainda está trabalhando aqui.

RG – Cássio Miranda chegou a ser diretor?

AT – Chegou, o Dr. Cássio Miranda chegou a ser diretor.

WH – Mas ele ficou muito pouco tempo, não é?

AT – É, muito pouco tempo.

WH – Seis meses...

AT – É... ficou pouco tempo, eu não posso em sã consciência dizer quanto tempo ele ficou, mas ele ficou pouco tempo.

WH – Muito pouco tempo sim.

AT – É... depois veio o Dr. Laranja, o Dr. Laranja era uma pessoa ainda moça. Ainda está aqui até hoje, era um homem de um dinamismo louco. Nesse ínterim o senhor Teófilo caiu na compulsória, teve de se afastar, porque ele era estatutário, funcionário público, e o Dr. Laranja achou por bem designar a mim para ficar no lugar dele. Está nesta portaria que vocês viram.

WH – O senhor Amilar está mostrando um documento quando ele é designado por Francisco Laranja como encarregado do escritório comercial da seção auxiliar do Instituto Oswaldo Cruz.

RG – Dia 13 de maio, dia da Libertação dos Escravos, de 1954, recebendo uma gratificação mensal de 800 cruzeiros. Isso era gratificação. O senhor tinha o seu salário?

WH – Quanto era o seu salário nessa época mais ou menos?

AT – Ah agora não posso... não tenho a mínima ideia.

RG – Isso era... gratificação por chefia?

AT – Por chefia, gratificação por chefia. Então, já começa minha chefia desde esse tempo...

WH – Agora... me diga uma coisa senhor Amilar. O senhor vai trabalhar como chefe encarregado do escritório comercial e como é que o senhor fica trabalhando lá... enfim como é que eles lhe passam as informações para o senhor chegar a ser encarregado? Como é que se deu todo esse período?

AT – Não, é porque eu trabalhava junto a ele, e ele com certeza achou de bom alvitre, ele me... mencionou meu nome à direção. E o Dr. Laranja, como era um homem muito observador – não sei se hoje em dia é ainda – então... achou por bem, me fazer pelos meus próprios méritos, não desfazendo dos colegas que eram formidáveis também, né? Mas eram poucos, eram dois, praticamente éramos três. E tínhamos que ficar na cidade. Nós trabalhávamos na cidade, no escritório...

WH – Vocês trabalhavam aqui no Instituto?

AT – Não... trabalhávamos quando tínhamos o escritório, na cidade. Depois voltamos de novo para cá.

WH – Por que esse escritório comercial, ele recebia os pedidos do Instituto e encaminhava...

AT – É fazíamos... as solicitações no modelo próprio ao Departamento Federal de Compras, do Ministério da Saúde. Departamento Federal de Compras, do Ministério da Saúde, não, Ministério da Fazenda.

WH – Todo o material passava por esse procedimento?

AT – Era, quase todo material. Essa era a razão... uma das razões que, hoje em dia podem dizer... podem dizer assim: Ah, agora, agora está muito mais fácil de trabalhar. De fato, tempos depois houve muito mais facilidade para trabalhar, eu vou chegar lá. Mas hoje em dia, aqui, como fundação tem muito mais liberdade para trabalhar, naquele tempo nós estávamos presos àquela burocracia do serviço público. Então, o médico, o cientista diziam: “Estou fazendo uma experiência, preciso de um produto químico, peço e demora dois meses pra chegar”. Porque pedíamos ao Departamento Federal de Compras, levava. Eu ficava lá em cima – porque nós ficávamos dando assistência, lá em cima, pedindo, implorando e al. Mas eles compravam pra todos, o Departamento Federal de Compras comprava pra todo, praticamente, pra todas as repartições que estavam aqui no Rio de Janeiro.

RG – Então, era muito amarrado, né?

AT – É, lógico, e uma coisa, uma coisa, era uma burocracia muito grande porque centralizava, tudo que é centralizado... tanto é que o decreto-lei 200 vem para descentralizar.

RG – De quando é esse decreto?

AT – Esse decreto-lei 200?

RG – É.

AT – Ah, esse decreto-lei 200 foi depois, foi...

WH – 60 e...

AT – Não lembro se foi depois de... foi no tempo do João Goulart que saiu esse decreto-lei 200; não me lembro a data dele aqui.

WH – É um decreto que atingia as repartições públicas.

AT – É. Não, não é que dava certa, certas nuances, certas facilidades para se trabalhar... falava de pessoal, falava... era uma modificação na administração do serviço público, na biblioteca deve ter esse decreto-lei 200, que aliás é muito falado, muito falado em todo lugar. Mas, posteriormente, virou colcha de retalhos porque foram acrescentando coisas, somando, somando, então praticamente o decreto virou uma colcha de retalhos.

RG – Perdeu a sua capacidade...

AT – Perdeu aquela força que ele tinha no princípio, mas assim mesmo ainda tem um certo prestígio, fala-se muito em decreto-lei 200.

RG – O senhor então estava trabalhando ativamente na...

AT – Mas isso muito depois, do decreto-lei 200 foi muito depois.

RG – Certo... certo.

AT – Nós não tínhamos essa facilidade. Bom... depois nós... em 19... deixa eu ver se eu tenho aqui.

RG – Se o senhor quiser a gente pode ver estes documentos com calma depois.

AT – Não... é que eu tenho aqui... o Instituto fez um novo Regimento. Esse novo Regimento... vocês conhecem?

WH – É de 1962.

AT – É de 1962. Fizemos um novo Regimento pro Instituto. Após esse Regimento houve muito mais liberdade para se trabalhar e o Instituto ficou com uma espécie... de... financeiramente falando, uma certa facilidade de trabalhar.

RG – Coincidiu também com o decreto-lei 200?

AT – Coincidiu. Não, não o decreto-lei 200 é mais...

RG – Posterior?

AT – Posterior. Mas aqui, aqui é que... dá licença... aqui é que tinha o organograma. Então, por exemplo: Fonseca, era diretor da Divisão de Nosologia, um exemplo que estou dando, Fonseca era diretor da Divisão de Nosologia. Eu fui chefe da divisão do serviço de administração, mas antes fui chefe da seção financeira.

WH – Essa estrutura da seção de administração, assim como ela se constituía, nessa época, era serviço de administração dividido em pessoal, material, financeiro e comunicação e arquivo, é de 62?

AT – Perfeitamente, mas antes já havia mais ou menos uma estrutura mais ou menos semelhante. Só que não havia essa liberdade que o Instituto teve de trabalhar. Teve mais independência para os seus trabalhos porque nós cada vez procurávamos mais, porque chegamos a um ponto... tínhamos que fazer vacina, por exemplo, havia um surto... surto de varíola, queríamos vacina é uma burocracia infernal para se comprar tubos, comprar... houve aquela enchente de 1966, ficamos aqui trabalhando três dias sem ir em casa, três dias... aqui dentro do Instituto Oswaldo Cruz. Isso já era no tempo do Rocha Lagoa, houve uma enchente aqui, uma coisa...

RG – É... grande enchente.

AT – Mas, aí era vacina antivariólica e tífica. Mas, sabe como é, eu não estou fazendo crítica a nós, eu sou carioca. Mas eu, naquela ocasião, disse ao diretor: ao primeiro dia de sol que aparecer aí, vai todo mundo pra paria, não aparecia mais – que esse Instituto ficou cheio de gente pra tomar a vacina antitífica, por causa da tal, a tal enchente aqui no Rio, a pior enchente.

WH – Chegou a ter surto de tifo nessa enchente?

AT – Não, não houve bem um surto de tifo, mas amedrontaram tanto a população, e havia essa possibilidade porque a enchente foi de tal maneira, que era praticamente, como eu poderia dizer? Enfronhou-se uma rede de esgoto e então havia essa possibilidade de tifo, então a vacina contra o tifo foi também tomada em duas vezes, não é? De uma vez a primeira dose, e de outra a segunda dose. Muita gente tomou a primeira dose e nunca mais apareceu pra receber a segunda dose. Depois demos muita vacina pra muitos órgãos. Qualquer órgão que pedisse nós mandávamos a vacina. Mas voltamos...

RG – O senhor ia dar um exemplo da autonomia adquirida nessa época. O senhor estava falando que o Fonseca era...

AT – Ah sim, a diferença era a seguinte: nós já podíamos dispor de verbas, tínhamos o orçamento e tínhamos a parte orçamentária e a parte financeira, então a gente dentro aquele orçamento podíamos comprar, empenhar e íamos pagando conforme o orçamento financeiro fosse liberando as verbas. Já o Instituto tinha as verbas, já... recebia as verbas, já não dependia mais nem de A nem de B nem do Departamento Federal de Compras nem...

WH – Quer dizer que nessa época do escritório comercial, o Instituto não tinha orçamento fixo, dependia do que se pedia...

AT – Não, havia orçamento, o orçamento saía, no Diário Oficial, mas o orçamento ficava preso, por exemplo: a parte de compras, o Departamento Federal de Compras é que adquiria o material, nós tínhamos de repassar a importância das compras que o Departamento fazia para pagar as contas, não é? Que o pagamento era feito pelo Ministério da Fazenda como também a verba que saía com pessoal era repassada no Ministério da Fazenda, o pagamento era feito aqui, vinham pagadores do Ministério da Fazenda aqui fazer o pagamento. Posteriormente é que passou-se, então, a ter contas correntes nos bancos, depositados nos bancos dos demais estados.

RG – O Ministério da Fazenda fazia pagamento de todos os órgãos ligados ao governo federal?

AT – Ah, fazia, não, todos os órgãos que não tinham independência, não é? Por exemplo: o exército, a marinha, aeronáutica, Forças Armadas. Tinham uma certa independência, certos órgãos, certas universidades também tinham certa independência então, foi um princípio do pensamento do decreto-lei 200, descentralizar porque era tudo centralizado e isso dificultava muito... descentralizar e delegar competência, eu sou chefe era tudo na minha mão assim não, o decreto-lei 200 fez isso uma das cláusulas das coisas principais dele era delegar competência, ele delegava competência à senhora, agora eu podia fazer também o que a senhora fazia eu também fazia, nada me delegava competência e essa delegação de competência... praticamente é... ausência de uma máquina administrativa.

WH – O senhor delegava competência aos chefes de divisão, é isso?

AT – Não, não geralmente, a delegação de competência era feita pelos órgãos do Ministério da Saúde, por exemplo, dar quinquênios era o departamento pessoal do Ministério da Saúde que dava quinquênios, ele delegou competência ao chefe da seção de pessoal do Instituto Oswaldo Cruz para dar quinquênios... então.

WH – Era esse que administrava essa parte...

AT – É... é.

WH – ... no caso.

AT – Eu quando tive no serviço de administração, porque eu fiquei muito na seção financeira, na seção financeira eu fiquei muitos anos.

RG – O senhor ia contar. O senhor ia contar isso...

AT – É, foi até a seção financeira... eu fiquei muitos anos na seção financeira. Todos os diretores que vinham na função de cargo de confiança e entregavam o cargo... mas eles faziam questão de me manter... por uma questão de vontade deles é... eu não pedia... e isso fazia parte da administração deles, então... havia o tribunal de contas, vinha aqui fazia auditoria nas contas e nunca houve aborrecimento de sempre quando chegou em 1964, o resto daquela burocracia de sempre e tal havia... nós tínhamos bolsistas, tínhamos a que pagar um bolsista, pessoal da verba 3, chamava pessoal da verba 3.

WH – O que era o pessoal da verba 3?

AT – O pessoal de verba 3, depois passaram todos para funcionários, era uma verba que chamava... chamava verba 3, serviços e encargos, nós fazíamos um plano de aplicação e mandávamos pro ministro aprovar, tanto para pessoal, tanto para material, tanto para não sei o quê, era uma verba global, nós tínhamos que fazer um plano de aplicação dessa verba. Então o ministro aprovava essa verba é esse plano de aplicação era aprovado e nós então púnhamos em vigor essa parte. E assim foi indo até quando chegou 1964... quando chegou em 1964 estava na direção do hospital daqui, nesta época, o Dr. Antônio Augusto Xavier, Amílcar Vianna Martins, Dr. Tito Cavalcanti... mas... em 1964 o diretor era o Dr. Joaquim Travassos da Rosa e o Dr. Joaquim Travassos da Rosa pra mim foi um diretor, não desfazendo dos demais, ele e o Dr. Laranja, eu colocaria num patamar, o Dr. Joaquim não, era do Instituto, mas ele foi estudar, também estudava, aqui no Instituto, certo. Então, era uma espécie... também fazia seus estágios aqui dentro do Instituto.

RG – Ele morava em São Paulo, não é?

AT – Não, não... não, ele morava aqui, quem morava em Minas era o Dr. Amílcar Vianna Martins, esse morava em Belo Horizonte. Bom... então houve a revolução e eu vim trabalhar no interior do São Martins, mais quatro pessoas aqui dentro. Era eu, seu Domingos, que tomava conta da administração, uma espécie, hoje em dia, de gerente, aí seu Alberto decide se aposentar, ainda está vivo. O Valdir Silva também ainda trabalha lá naquele... onde trabalhava o Dr. Olympio, lá naquele prédio, lá de baixo, eu acho que somos nós quatro aqui

dentro. Nesse ínterim, ficamos aqui depois chegaram os vigias, então, nós tínhamos vigias e tal pra tomar conta à noite. Bom... aí houve uma comissão de inquérito.

WH – Os senhores vieram aqui pro Instituto, nesse dia fazer o quê?

AT – Nós viemos trabalhar, viemos trabalhar porque...

WH – Mas só vieram os quatro?

AT – Só, porque havia uma greve geral, não é? Eu vim porque um dos colegas tinha condução, viatura e me trouxe pra cá.

WH – O Valdir fazia o quê?

AT – O Valdir cuidava da parte de material...

WH – Eram todos chefes... ocupavam cargos de chefia?

AT – ... chefia de material, todos no cargo de chefia. Bom... bom no já era 1º, o 1º de abril já engrenou, com o passar dos tempos então houve as tais comissões de inquéritos. Houve uma comissão de inquérito aqui, feita por funcionários daqui. Dr. José Venâncio de Moura, fez parte de uma delas, com o Dr. Olympio Oliveira da Fonseca e o Dr. Fonseca...

WH – Fonseca da Cunha?

AT – Foi a... foi a comissão civil daqui. Houve uma comissão militar, era um general, parece um coronel e um tenente enviaram cá pra dentro. Então, a minha parte financeira não teve dúvida nenhuma.

WH – Eles fizeram... uma auditoria no seu setor?

AT – Não... quando eles chamaram o ministério mandou, mandou uma comissão fazer a auditoria... Então, eles fizeram a auditoria... graças a Deus como eu não sabia nada, não tinha nada... porque... nós tínhamos aquisição de animais... nós adquiríamos animais então, por exemplo: um sapo... uma cobra, nós é que adquiríamos. Então... essa... essa aquisição era feita sem concorrência, sem coisa nenhuma e era pedido isso ao Presidente da República. Eu fazia... eu fazia uma solicitação, essa solicitação eu mostrava ao diretor... o diretor aprovava, ele assinava e mandava ao Ministro. O Ministro mandava ao Presidente, o presidente aprovava. Sempre aprovou, inclusive o senhor Jânio Quadros que era...

WH – Que era?

AT – Que era exigentíssimo! No tempo de Jânio Quadros isso aqui tremia com gente do poder (risos). Porque é... primeiro porque o horário de trabalho modificou-se muito, né, então a gente ficava aqui dentro cumprindo certo horário, isso é bom na cidade, aqui dentro não, aqui dentro é uma coisa. O Instituto é muito... praticamente fica numa zona... não digo rural



mas pelo menos não fica na zona norte... então nós, ficávamos aqui cumprindo aquele horário... feito pelo Jânio Quadros...

WH – O senhor estava falando dos animais, da compra de animais...

AT – Ah! Então a comissão achou que havia concorrência para comprar animais. Não havia absolutamente... do que adianta ter autorização do Presidente da República então...

WH – Precisava autorização do presidente para a compra de animais e para mais alguma compra ou era só a compra de animais?

AT – Não... não, não. Sem concorrência, e sem licitação, sem licitação então adquiríamos. Porque apareceu um garoto aqui que deu uma cobra, deu um sapo e deu antes de comprar.

WH – Era o único item que se fazia sem licitação?

AT – É.

WH – A compra de animais?

AT – Era o que nós pedíamos ao Presidente da República...

WH – E o resto?

AT – O resto era tudo feito por tomada... tomada de preço.

WH – Esse procedimento foi sempre assim?

AT – Concorrência... sempre assim, sempre houve essa concorrência... nunca... nunca deixou de haver... aqui no Instituto havia muita nesse ponto... havia... eu não sei se isso já era um reflexo da própria Rockefeller... que treinou o pessoal de uma maneira tal que a pessoa trabalhava ali rigorosamente dentro das normais legais... tanto é que houve... como disse, houve essas comissões em 1964, no Instituto... só que aqui, o principal era política... se era vermelho, verde, azul, amarelo. Pois, eu descendo aqui a escada aí (...) dizia eu passo na sua sala não, eu vou na sua, eu vou na sua e fui lá... eu quero, eu quero saber... O senhor quer saber, não por enquanto eu não quero saber tá tudo certo não há problema nenhum, não, eu quero saber se fulano é vermelho, é verde...

WH – O quê? Perguntaram isso pro senhor?

AT – É perguntaram.

WH – Quem perguntava?

AT – O... o... praticamente o presidente da comissão do IPM é... inquérito policial militar. Então, eu disse assim: que eu saiba aqui só tem uma pessoa que todo mundo sabe que é público e notório, que isso venha no jornal todo dia, essa pessoa já falecida, mas é uma pessoa

extraordinária era o Dr. Masao Goto, mas já faleceu o Dr. Masao Goto, mas era uma pessoa extraordinária, eu nada tenho a me queixar, muito prestativo absolutamente... mas eu não sei se... se ele, de vez em quando saía no jornal a... os jovens da política e tal aquele... como é... a política e social, tinha ficha e era isso e era aquilo e tal mas... mas eu não acreditava muito nisso porque, se a senhora fosse ver que eu disse ao general, que eu não acredito muito nisso porque se o senhor fosse ali no pátio procurar o carro mais bonito é o dele... o senhor procura os meios e os bens... e ele tá muito bem na vida, tem sua casa muito bem montada, depois desse tempo foi até morar em Copacabana... quando ele foi aposentado caiu naquela compulsória de 70, que eu vou chegar lá, foi quando se pegou um pessoal todo aí bom... então houve isso; depois a coisa acalmou e ficou o Dr. Francisco de Paula das Rocha Lagoa, era diretor, até ele ser ministro, ele foi ser ministro, foi quando ele foi ser ministro isto aqui virou Fundação. Quer dizer começaram as... ficou o Dr. Lagoa no lugar, depois parece que veio o Dr. Oswaldo Cruz Filho e ficou, aí já tinha virado Fundação.

WH – É, tinha o diretor da Fundação e o diretor do Instituto, né? O Instituto...

AT – Não, não, não... não. O Instituto virou Fundação, então o diretor foi escolhido como presidente da Fundação que foi o Dr. Oswaldo Cruz Filho que era filho do Oswaldo Cruz.

### **Fita 3 – Lado B**

AT – ... dele ter falecido antes trabalhava aqui o Dr. Walter Oswaldo Cruz. Bom... nesse ínterim a... que eu estava falando da... do Dr. ... quando o Dr. ... é o Rocha Lagoa foi ministro então aqui... foi quando eu vim aqui depois, de um certo tempo... porque aí... aí ele fez questão que eu fosse diretor do Departamento de Pessoal e eu não queria sair daqui. Mas antes disso ele me colocou chefe da seção financeira isso aqui... esse escritório comercial virou seção financeira. Então, depois eu fui chefe da seção financeira, depois chefe do serviço de administração, depois de chefe do serviço administração (pausa curta) este foi da SUCAM. Eu tive na SUCAM, também.

RG – Mas, eu acho que a gente... podia fazer uma paradinha? Mesmo e voltar um pouquinho pra trás...

WH – Acho também que a gente podia ir pegando por parte cada setor em que o senhor teve participação e ir pegando cada trabalho que o senhor fez. Pra gente saber exatamente como era a trajetória do seu trabalho. A gente tava no escritório comercial, o senhor falava do procedimento do escritório comercial e eu queria lhe perguntar uma coisa: este escritório comercial ainda existe e ele fica até que época? Funcionando?

AT – Ficou...

WH – Mais ou menos...

AT – Eu tenho uma ideia aqui...s e tem aqui nessa apostila... quando ele virou escritório, até 62. Até sair esse novo regimento.

RG – Até sair o novo regimento, era o escritório comercial. E o senhor ficou então encarregado do escritório comercial de 54, né, foi quando o senhor foi designado até 62?

WH – E aí é que muda o procedimento financeiro?

AT – O procedimento praticamente não mudou, nós fomos praticamente somando atribuições, por exemplo, já... conferíamos fatura, assinávamos... fazíamos concorrência, coleta. Algumas coisas eram compradas pelo ministério. O ministério comprava também alguma coisa.

WH – Ministério da Fazenda? Ainda?

AT – Não! Aí, era o da Saúde! Aí, era o da Saúde, fazia algumas compras. E nós aquelas verbas três, que eu disse que tinha um plano de aplicação onde dizia: tanto par pessoal, tanto para material, tanto para isso, tanto para isso, tanto pra aquilo e tinham também os bolsistas.

WH – Esses planos de aplicação senhor Amilar, os senhores faziam... a seção financeira que fazia? Sobre ordem da direção?

AT – Não... não a direção praticamente que dava as normas. Eu fazia por exemplo o rascunho do plano de aplicação e levava ao diretor. O diretor, então, era quem jogava, porque nós tínhamos uma tabela de pessoal de verba três, que recebia pela tal verba três. Pessoal que não tinha garantia nenhuma.

WH – Era extra numerário?

AT – Não, não aquele... não tinha mais extra numerário só funcionários, mas aqueles não eram coisa nenhuma.

WH – Não tinham garantias. Seria o que hoje se chama Código Civil?

AT – Não sei... eu tô dizendo que eles, posteriormente, em 66. Foi depois do Jânio Quadros é que eles conseguiram passar para a lei, houve uma lei 4069 parece, que colocou eles como funcionários. Iam enquadrá-los ainda, iam, mas aqueles que estavam e os outros que não tinham um certo número de anos, parece que naquele tempo eram dois anos ou... não me lembro agora, não posso afirmar ao certo, ficaram como celetistas. Então eu dou um exemplo: eu tenho meu filho aqui, meu filho ficou como celetista ele ficou então na fundação, os outros passaram para o Ministério, eram funcionários do Ministério.

WH – Lotados no Ministério da Saúde.

AT – Eram lotados no Ministério... quer dizer não eram funcionários do Ministério lotados no Instituto Oswaldo Cruz, agora quando virou Fundação é que criou o maior problema.

WH – Problema, bom... mas voltemos pra cá, ah, o senhor então disse escritório comercial o senhor passa para a seção financeira para chefiar a seção financeira dentro do serviço de

administração, não é? E eu queria lhe perguntar uma coisa: como que essa seção se constituiu nesta época? Que pessoas ela traz?

AT – Seção financeira, perfeito. Bom era... ela praticamente nós éramos 1, 2, 3, 4, 5 pessoas, nós pagávamos o pessoal da verba 3...

WH – Seção financeira, isso?

AT – Fazíamos folha de pagamento, financeira, código financeiro, pagávamos fatura do, fatura do que nós adquiríamos não do que o Ministério adquiria o que o Ministério adquiria só assinávamos e mandávamos pra lá para o Ministério. Então controlávamos também uma parte às vezes controlávamos também uma parte do material, às vezes...

WH – Tinha uma seção específica para material?

AT – Tinha seção específica, mas... era... praticamente junto... era aqui bem de frente àquele prédio ali defrente. De um lado era a financeira do outro lado o material e o almoxarifado, continua a mesma coisa lá almoxarifado. Mas então nós trabalhávamos... quer dizer era uma equipe, trabalhávamos como equipe.

WH – Me diga uma coisa esse serviço de administração é como se constituía e que pessoas trabalhavam, quantas pessoas trabalhavam em cada setor e que funções cada setor exercia? O senhor pode me dizer?

AT – Bom geralmente... geralmente era pessoal, oficial de administração: escriturário, escreventes e datilógrafos é que trabalhavam nesse... A seção de pessoal era aqui em cima, nós tínhamos... nada com a seção de pessoal... só tínhamos com a seção, não só pelo local que ficávamos, ficávamos juntos material com financeira e uma outra parte ficava no prédio aqui... comunicação aqui nessa... aqui não lá embaixo naquela sala lá... a seção de pessoal.

WH – Depois tinha a seção de material, a seção financeira, seção de comunicação e seção...

AT – É quatro, são quatro só, aliás estão aqui no organograma.

WH – E quantos funcionários tinha nesse serviço de administração?

AT – Bom, nesse serviço de administração nós podíamos dizer... a grosso modo, não posso assim afirmar... mas tínhamos... (pausa curta) umas 35 pessoas... somando tudo, todo o serviço de administração...

RG – Com cinco em cada setor.

AT – Todo o serviço de administração porque também tinha os serviços gerais que nós não tínhamos nada com isso eram os vigias os motoristas e isso eram os serviços gerais, serviços auxiliares.

RG – E esses serviços de administração estavam todos dentro de uma seção administrativa. Já existia? (Mostra um organograma)

WH – Era o serviço de administração...

AT – Nós éramos isso aqui, aqui davam garagem, vigias...

RG – Mais isso a partir de 62, de um novo regimento...

AT – A partir de 62...

RG – ... antes devia ter uma outra estrutura, não é? Ou esse organograma é anterior já?

AT – Não... não... antes tinha uma outra estrutura como escritório comercial e tal, mas eu não tinha essa estrutura aqui...

RG – É... claro, mas o senhor lembra como era?

AT – Mais ou menos, mais ou menos, mais ou menos isso aqui era o almoxarifado. Agora o almoxarifado que praticamente fazia os pedidos. O escritório comercial ele fazia os pedidos ao Departamento Federal de Compras, pelo Departamento Federal de Compras exercer. Nesse tempo se não me lembro, acho que não tinha verba 3... ainda... ainda não tínhamos a verba 3...

RG – O senhor não sabe quando apareceu a verba 3?

AT – Não... eu tenho impressão que essa verba 3 apareceu... apareceu assim... 74...

RG – Na época do Laranja, já tinha?

AT – Eu tenho impressão que na época do Laranja não... eu acho mais tarde.

RG – Quem é que deu a verba 3? É uma coisa... assim política?

AT – A verba 3 é um orçamento, tem verba 1, verba 2 e verba 3. Verba 3 era uma verba global por exemplo: 50 milhões de cruzeiros, um exemplo agora 50 milhões de cruzeiros, então desses 50 milhões de cruzeiros a senhora fazia um plano de aplicação tanto par material, tanto para pessoal, tanto para serviços de consertos, tanto pra isso, tanto para aquilo e mandávamos pra aprovar o plano.

RG – Vinha do Ministério da Saúde essa verba?

AT – Essa verba vinha do Ministério... do Ministério da Saúde, mas dentro do orçamento da república.

RG – Certo, mas o senhor não lembra se foi uma mudança política do país, que fez com que houvesse essa mudança?

AT – Não, não vinha sempre. O Instituto Oswaldo Cruz é uma unidade... orçamentária, não era uma unidade administrativa, unidade administrativa é aquela que depende de outrem para ser... como é... para funcionar. Nós éramos uma unidade orçamentária, vinha um orçamento.

WH – Isso dava uma possibilidade de gerir verba internamente?

AT – Não aí é que eu estou dizendo ela vinha no orçamento, mas por exemplo: pessoal. Quem gere é o departamento de pessoal do Ministério da Saúde; ela é que gera aquela verba, ele repassava o princípio ao Ministério da Fazenda para fazer os pagamentos.

WH – Sim, mas se, por exemplo: um diretor na época do Olympio. O Dr. Olympio tem uma política de aumentar as contratações, chamar mais gente.

AT – Bom, essas nós fazíamos os pedidos ao Ministério da Educação e Saúde. E eles é que... nós não podíamos contratar gente. Porque não havia meio de pagar essa gente.

RG – Pode...

WH – Pode falar...

RG – Não... quer dizer, havia assim muitas etapas, não é? Procedimentos burocráticos, até se conseguir chegar a uma finalização, não é, de uma...

AT – Como é que a senhora diz?

RG – Eu queria, basicamente, saber e entender qual o grau de autonomia que tinha o Instituto. Nesta época isto era muito pequeno? O grau de autonomia era muito pequeno?

AT – Ah, sim! Ah, muito pequeno! Esta é a razão que muitos criticam o Instituto daquele tempo. Mas, não sabiam das dificuldades que nós tínhamos, primeiro que nós tínhamos dinheiro. Éramos sujeitos aquela importância que estava no orçamento. Nós não recebíamos dinheiro de lado nenhum, compreendeu? Aí que estava a nossa dificuldade. Por exemplo, a Fundação... A Fundação recebe dinheiro de qualquer lado, a Organização Mundial de Saúde pode chegar aqui e dar não sei quantos mil dólares. Já não se dava no serviço público.

RG – Não se podia receber uma ajuda, assim, individual?

AT – Podia... quando chegou no fim recebemos pouca coisa para febre amarela. Para negócio de vacina, mas uma quantia muito irrisória. Dado parece pelo Instituto Panamericano de Saúde.

RG – Mas por exemplo, o senhor tava dizendo que vocês tinham a verba 3 e os bolsistas, né?

AT – Ah! Os bolsistas era outra verba.

RG – Era outra verba? E vinha de onde esta?

AT – Vinha também no orçamento, tinha o orçamento dos bolsistas. Tanto é que muita gente que está aqui... eu não posso afirmar... eu não tenho a relação dos bolsistas. Mas muita gente que está aqui ocupando posição de alto relevo foram bolsistas.

RG – Mas o que se chamava de bolsistas?

AT – Bolsistas eram pessoas que vinham praticamente aprender a trabalhar no laboratório. E recebiam uma bolsa de estudos.

WH – Paga pelo Ministério da Saúde?

AT – Paga... o Ministério dava um dinheiro e nós pagávamos a eles. Então, conhecíamos esses bolsistas todos.

WH – E esses bolsistas conseguiram contrato depois, como é que foi?

AT – Ah, depois esses bolsistas passaram a funcionários.

WH – Como é que foi feita essa passagem?

AT – Essa passagem de funcionário foi naquela lei que eu falei 4069, que eles aproveitaram e eles alegaram que eles também estavam dentro daquela situação que estavam os outros também. Porque a bolsa de estudos subentende-se isso, não é? A senhora estuda um, dois anos e vai embora; não, aqui tinha bolsistas de cinco, seis anos, sete anos, oito anos, então eles não deixavam de ter razão. Era um serviço contínuo. Então, baseados nisso e de acordo com pareceres jurídicos, eles conseguiram. Então muitos entraram no serviço público. Todos entraram no serviço público!

WH – E me diga uma coisa senhor Amilar, as verbas que vinham, por exemplo, por convênio com o é... CNPq, a Fundação Ford, por exemplo... Como é que eram estas verbas?

AT – Não, nós tínhamos um órgão... nós tínhamos uma divisão aqui... que era do doutor Walter Oswaldo Cruz... Dr. Walter era um homem muito, eu não tenho queixa dele não, pelo contrário, sempre me tratou muito bem, mas ele era muito bravo. Todo mundo morria de medo dele que se pelava. Ele era diretor da divisão museologia, química, farmacologia... patologia. Então, ele às vezes fazia contratos, ele tinha uma certa liberdade ou tomava essa liberdade de fazer contratos com essas... com a Ford. Mas fora do Instituto, o Instituto não sabia. O diretor por sua vez ou não tomava conhecimento ou achava melhor não mexer no assunto para não piorar a situação. Porque aquilo era dinheiro que entrava e ele era muito trabalhador o Dr. Walter Cruz. Que Deus o tenha! Porque ele já faleceu. Ele era filho do Oswaldo Cruz.

WH – É um dos filhos, irmão do Oswaldo Cruz Filho.

AT – Irmão do Oswaldo Cruz Filho.

WH – O laboratório dele era o único que recebia verbas assim fora da administração e da direção do Instituto?

AT – Que eu soubesse, sim! A não ser... a não ser como eu disse a senhora.... a divisão de virologia. E uma vez, eu soube, uma vez fizeram ah... uma coisinha pequena. A conseguir uns dólares, uma coisinha pequena...

RG – Dólares.

AT – Fui eu que vendi, esses dólares. E eu antigamente chamava de boneco. Boneco é que a senhora vendia os dólares acima do valor oficial. Então, eu ia vender um boneco? Não! Eu vendi no Citybank, porque eu queria o recibo de quanto eu vendi os dólares. Então, vendi os dólares, depois dava o dinheiro a eles e ia comprar vidrarias e comprar esses negócios que se usava na divisão de virologia. Mas uma coisa muito pequena...

WH – Me diga uma coisa senhor Amilar...

AT – Agora o Conselho Nacional de Pesquisa também tinha, às vezes tinham o CNPq, às vezes também... pessoas daqui que também recebiam pelo CNPq.

RG – Mas olha aqui, o senhor falou que para não piorar mais a situação fingiam que estavam vendo. Era muito mal visto, o fato de o Walter conseguir tanto dinheiro assim?

AT – Não... não era bem mal visto, não é? Era uma falta... eu acho do meu ponto de vista. Eu achava que o diretor da Divisão... do Instituto Oswaldo Cruz devia tomar ciência de tudo. E, às vezes, haviam esses convênios intramuros que o diretor ignorava. Teve um também aí que o Diretor ignorou também que foi feito até com a rede ferroviária.

RG – Quem fez? O Walter também?

AT – Foi o doutor... foi até um doutor... eu nem sei se ele está... não está mais aqui... doutor... Não me lembro, o nome dele não!

RG – Mas era de outro Setor?

AT – Não, era do Setor também da patologia. Ele fez... fez esse convênio... um convênio! Mas o diretor ignorava esse convênio.

RG – E porque eles... na sua opinião, tinham esse procedimento?

AT – A senhora sabe, o cientista... a cientista não se iguala ao médico. No ponto de vista do cientista, ele é um homem acima de tudo, ele não é um médico, é um cientista. Então, ele achava que com isso, ele tinha o direito de fazer, por exemplo: o Conselho Nacional de Pesquisa fazia, às vezes, convênios com o CNPq, fazia com o PAPE.

RG – O que é o PAPE?



AT – PAPE é... é... uma programação estrangeira, que nós tínhamos no Ministério da Saúde. Isso depois desapareceu também. Portanto fazíamos convênio muitas vezes. Porque às vezes, o cientista fazia o convênio diretamente com... quer dizer não era o Instituto que fazia o convênio. Quem fazia o convênio era o cientista que fazia o convênio.

WH – Isso criava antipatia, por exemplo, entre os médicos? O fato de os cientistas terem convênio?

AT – Não... nunca senti esse problema de criar antipatia, não! O diretor, é que ficava, às vezes, ficava meio sentido, não porque certas coisas ele não sabia, mas eu acho que era pelo fato do direito que esse cientista tinha. Eu não posso dentro desse item me estender mais porque de fato já é uma área completamente diferente da administração. Porque a administração não tomava conhecimento de nada... se o diretor não tomava conhecimento quanto mais a administração.

RG – Quer dizer, o senhor só ouvia esses boatos?

AT – Eu sabia disso... porque quando havia o tal inquérito, que eu disse em 1964. Eu fiz parte, o... aquela Comissão que veio o Ministério da Saúde, fazer a minha auditoria. Fez questão que eu fizesse parte dela pra fazer auditoria no Dr. Walter Cruz. E o Dr. Walter Cruz eu me dava muito com ele.

RG – O senhor se dava bem com ele?

AT – Me dava muito bem com o Dr. Walter Oswaldo Cruz. Aliás, eu me dava bem com todos eles. Eu me dava bem com todos eles.

RG – Então, o senhor teve que fazer auditoria lá?

AT – Então, eu tive que fazer auditoria lá. Então eu disse ao Dr. Oswaldo... Cruz... Dr. Walter Oswaldo Cruz que absolutamente nós não queríamos humilhá-lo, absolutamente. Simplesmente, estávamos cumprindo uma ordem, que tinham mandado fazê-lo e fiz e não havia nada... e eu sabia que não havia nada.

RG – Correu tudo bem...

AT – Correu tudo bem... Aí... é que apareceram, então, apareceram esses convênios que haviam com a Ford, com a...

RG – Mas estava tudo...

AT – Coisas pequenas... coisas pequenas.

RG – Pouca coisa ele prestou contas, enfim...

AT – Bom... ele tinha que prestar contas, praticamente, ah, aos órgãos...

RG – Órgãos oficiais...

AT – Sim... sim... sim. Porque tem o seguinte: os órgãos... o americano, por exemplo, faz o convênio. Ele dá o dinheiro e não exige a prestação de contas não. Ele tem uma confiança absoluta na pessoa, aquilo que eu disse antes, tem confiança e não exigia a prestação de contas. Tanto é que as prestações de contas daqueles dólares, nós fizemos a prestação de conta e mandamos pro Ministério da Saúde e aquilo morreu lá... porque não foi adiante.

WH – Agora senhor Amilar me diga uma coisa na época... já na geração do Rocha Lagoa não havia um interesse da direção em que os recursos passassem pela direção todos eles?

AT – Bom... Dr. Rocha Lagoa aí, precisamos ver o Dr. Rocha Lagoa era um homem, um pouco... muito exigente...

RG – Muito exigente?

AT – Muito exigente! Então, ele exigia... esses convênios... começaram a mexer com ele porque... ele ignorava que tivesse convênios então ele baixou uma portaria, uma ordem de serviço, em que ele queria tomar conhecimento de todos os convênios que os cientistas fizessem, porque tinha uma coisa, não era o Instituto que fazia o convênio era o cientista, eles que pegavam o negócio. Porque o erro não era do cientista era do órgão que fazia o convênio, porque dizia assim: muito bem eu dou o dinheiro a você, mas eu quero que o diretor da repartição tenha conhecimento do que está se passando. Eu tenho impressão que não havia essa exigência. Então, o Dr. Oswaldo Cruz e o Dr. Rocha Lagoa, eu tenho a impressão que houve alguns atritos aí, por causa disso. Mas era um homem muito difícil... um homem difícil, mas um homem íntegro...

RG – O senhor conheceu ele bem né? Trabalhou muito tempo diretamente com ele?

AT – Eu trabalhei... ele foi ministro. Ele fez questão que eu fosse diretor do Departamento de Pessoal. Quando eu não queria, eu estava há 30 anos no Instituto, era uma existência. Eu não queria sair daqui, era praticamente uma cria aqui do Instituto. Eu não queria sair daqui. Então, eu saí daqui muito choroso, muito magoado e tal e fui ser diretor do Departamento de Pessoal, onde tem...

RG – No Ministério?

AT – Aqui, diretor da Divisão de Pessoal, aqui, oh! Decreto do Presidente da República.

RG – Então, o senhor podia descrever um pouco mais o Dr. Rocha Lagoa? O senhor disse que era um homem difícil?

AT – Não, era bem um homem difícil era um homem exigente.

RG – Ah, exigente.

AT – Porque nós passamos por vários diretores cada um tinha a seu modo de administrar.

WH – O senhor podia contar um pouco isso, como cada um administrava, como eles se relacionavam com a administração?

AT – Bom, começamos pelo Dr. Olympio de Oliveira Ribeiro da Fonseca. Ele era um homem tranquilo, dizia tudo para agradar o funcionário, colaborava com o funcionário, sabe, não tínhamos queixa do Dr. Olympio Fonseca eu estou falando por mim, não tenho queixa do Dr. Olympio Fonseca. Dr. Cássio Miranda a mesma coisa, é um homem mais enérgico, ele era o diretor... era o chefe da divisão de vírus que era de vacinas. Eu diria que era um homem pouco mais enérgico.

RG – Outra personalidade.

AT – Outra personalidade...

WH – Em que sentido isto influenciou o seu trabalho, senhor Amilar?

AT – O trabalho... a energia... que eu digo... assim um pouco mais enérgico por exemplo: questão de horário, questão de frequência, questão de trabalho isso impõe, nota-se ah...

RG – Então, por exemplo, no seu caso, seria melhor trabalhar, não digo pessoalmente, mas na seção, no setor que o senhor atua, o diretor assim mais exigente faz o trabalho render mais ou dá no mesmo?

AT – Não, pra mim era indiferente... era indiferente, até porque o diretor mais exigente era minha garantia. Porque eu redigi isso, a senhora era diretora, eu digo: “Olha, está bom?” Se a Sra. diz: “Está bom sim”, está bom. A responsabilidade minha é muito grande, se não está bom. Se é um diretor exigente diz assim: “Deixa isso que eu vou estudar”, “isso aqui eu mudaria, colocaria isso e tal.” A minha responsabilidade então já é menor. Esse é o meu ponto de vista.

WH – O senhor podia contar um pouco... qual era a orientação do Olympio na época da gestão dele. Por exemplo, nós sabemos que ele tinha ideia de trazer gente para Instituto, abrir áreas novas, ele deu muito impulso aqui...

AT – Dr. Olympio tinha uma visão muito grande, mas eu muitas vezes disse a ele. Dr. Olympio falava comigo: Dr. Olympio quanto maior a nau, maior a tormenta, quanto maior as coisas, maior... ele foi diretor daqui e foi diretor do Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia.

#### **Fita 4 – lado A**

AT – Quando foi criado o INPA – Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia, acho que o primeiro diretor foi o Dr. Olympio Oliveira da Fonseca ele era diretor do Instituto e era diretor do INPA, mas era uma coisa muito pequena muito... no Amazonas. Depois é que a coisa foi

se estendendo, foi criando, aí ele não era mais diretor e já fora passando pra outros e tal. Bom, nós falávamos no Dr. ... no Dr. Cássio Meneses...

WH – Eu queria lhe perguntar uma coisa ainda na gestão Olympio. Essa época em que o Instituto começa a crescer, as verbas também acompanham esse crescimento, o setor administrativo acompanha?

AT – Bom, nós fazíamos uma proposta orçamentária. Eu fazia a proposta orçamentária, não no princípio em 50 e tal não era eu que fazia a proposta orçamentária... depois eu fazia...

WH – Quem fazia?

AT – Geralmente, era parte da administração ou na medida que eu estava na Fundação... então quando fazia... nós fazíamos a proposta orçamentária à... essa proposta orçamentária ia pro Ministério da Saúde passávamos pelo filtro no Ministério da Saúde.

WH – O senhor fazia essa proposta orçamentária, é sob a orientação do diretor? Do interesse do diretor? Do interesse das divisões? Como é que era isso?

AT – Ah, sob... Ah sim! Não. Sob o interesse do diretor...

WH – Quer dizer o diretor...

AT – Quanto à proposta orçamentária era o diretor que dizia... o diretor... a diretora. Geralmente reunia o chefe de divisão desse... organograma que o Senhor viu aqui e discutia então a maneira e os modos de conseguir verbas, para o Instituto, que era uma coisa muito difícil. A única coisa que conseguíamos aqui, era pra vacina. Eu sempre disse ao Dr. ... a todos os diretores, conseguir verbas aqui é pra vacina, pra pesquisa... pesquisa pura é muito difícil, o governo. Pesquisa aplicada já não é tão difícil... mas é difícil. A vacina não; tinha que ser feita vacina contra febre amarela, vacina contra varíola, vacina contra gripe, vacina contra gripe nós tínhamos por exemplo... era muito difícil porque cada... cada surto gripal que tinha... tinha um vírus... era o vírus asiático, era não sei que... era muito difícil fazer, era o Dr. Lagoa fazia isso... e era uma vacina, vacina positiva, tomava aquela vacina em 6 meses, 8 meses pelo menos, eu tomei uma vez evitava a gripe. Agora é como eu digo a gripe tem, tem vários vírus então é difícilíssimo fazer vacina, enquanto que a febre amarela não, é o mesmo vírus, é o encontrado.

WH – Agora os senhores não tinham dificuldades em conseguir verbas para a produção de vacinas, não havia nenhuma dificuldade?

AT – Não, não, não, não, a solicitação do diretor junto ao ministro né. Não largava o ministro. O ministro queria tantas doses de vacina, a diretoria dizia: eu preciso de dinheiro, sem dinheiro eu não posso fazer vacina. Porque eu tinha de comprar vacina feita de quê. Por exemplo: a vacina de... a vacina de varíola era feita nos bezerros, a vacina de febre amarela era feita no ovo, nós precisávamos comprar ovo embrionado. O ovo embrionado é caríssimo, punha o ovo pra ver se ele tem embrião se ele não tiver não serve... Então nós fazíamos a vacina desse modo... muito obrigado... fazíamos a vacina desse modo e conseguíamos

dinheiro assim quando tinha esses surtos, porque também vários países sul-americanos requisitavam vacinas.

WH – Mas mesmo assim os senhores passaram por problemas financeiros, até pra produção de vacinas? Ou...

AT – Ah, não, passávamos... às vezes passávamos. Passávamos.

WH – Quais eram os setores que sofriam mais problemas de verbas? O senhor tem ideia? Que vinham pro senhor pro diretor requisitar verba, que tinham problema de conseguir recursos?

AT – Não... era geralmente da pesquisa, pesquisa era difícilimo conseguir verba para pesquisa era muito difícil.

RG – O senhor era procurado diretamente pelos pesquisadores? Para ver se o senhor conseguia...

AT – Não geralmente, elas falavam com o diretor, o diretor aí conversava comigo, então iam falar... eu me dava com todos eles. Falavam como é você arranja o dinheiro, eu digo é... tá difícil... mas estamos fazendo aqui... tô fazendo aqui uma solicitação para o ministro e tal, mas o ministro, eu tava dizendo não era o ministro da saúde procurava atender de toda maneira, mas dependia de que, da Fazenda, da Fazenda não liberava dinheiro, não adiantava nada.

RG – Mas os pesquisadores não ficavam muito assim em cima do senhor? Dá um jeito, dá um jeito.

AT – Geralmente ficavam é... como eu disse aqui, o camarada tá fazendo uma pesquisa né. Falta um produto químico, me fazia um pedido de produtos químicos, eu fazia... eu fazia o pedido... eu fazia uma concorrência... uma tomada de preço para pedido, ora a tomada de preço tem que levar uns cinco dias. Não, mas eu quero é pra agora, mas não posso... eu tenho que fazer uma... então quando o tribunal vier aqui... se eu comprar fora de concorrência o diretor é que vai entrar, não sou eu não. Que o ordenador de despesa é o diretor não sou eu... eu não podia deixar o diretor em má situação. Então, eu sempre procurei, me guiar pra nunca deixar diretor nenhum pela confiança que ele me depositou, todos eles que eu tive... a... que eu desde Dr. Olympio até que eu saí em má situação, nunca nenhum ficou!

RG – Mas os pesquisadores...

AT – Mas os pesquisadores às vezes ficavam é isso é burocracia! Porque essa burocracia toda! Burocracia, mas o que é que eu vou fazer? É a lei que manda assim.

RG – Mas acabavam... não brigavam com o senhor?

AT – Ah, não, não, não brigavam porque eles no fim reconheciam que eu tinha razão. Tinha razão, porque eu tinha que fazer a coleta mesmo, a concorrência. Agora uma cosia pequena,

despesa urgente de pronto pagamento mandava comprar, mandava um carro sair, me compra aí na cidade isso aquilo ou aí no Belo Horizonte, me compra esse produto químico assim, ele me comprava e tal, mas quando eram coisas altas né, então...

WH – Os pesquisadores sempre tinham essa possibilidade de ir conversar com o senhor ou com alguém na área administrativa? E conseguir?

AT – Ah, tinham, tinham essa liberdade. Liberdade tinham.

WH – Sempre teve isso?

AT – Sempre teve.

RG – Quais eram... O Senhor lembra quais eram os pesquisadores mais... que frequentavam mais o seu escritório assim... pressionando para ver se conseguiam verba?

AT – Não, oh... ora... Dr. ... pera aí deixa eu ver quem... olha... Dr. Walter O. Cruz era um que sempre ia lá falar comigo, também tá sempre procurando material, tinha verbas aqui, tinha verbas... mas ele tá sempre procurando material, Dr. Walter O. Cruz. Dr. ... Dr. Rocha Lagoa também...

WH – O Dr. Fonseca também procurava muito o Senhor?

AT – Não. O Fonseca... O Fonseca não, porque o Fonseca era da área de... não era de pesquisa era da área de vacina... de produção e a área de produção tinha mais... compreendeu a área de produção era muito mais.

WH – Claro tinha mais recursos.

AT – Lógico, evidente.

WH – Tava mais organizada. O Dr. Villela por exemplo, Gilberto Villela?

AT – Ah, Gilberto Villela, que Deus o tenha, né? Dr. Gilberto Villela já faleceu, Dr. Gilberto Villela muitas vezes... procurava: vamos lá, pode conseguir isso? Eu digo posso se custar até tanto, se custar mais eu tenho que fazer uma conco... uma tomada de... uma coleta... uma... um convite, chamava convite hoje chama convite. Naquele tempo a uma licitação, eu mandava para várias casas e eles qual é aquele que vendia mais barato.

RG – É.

WH – Me diga uma coisa: eram diretamente os chefes de divisão e de seção que procuravam o senhor, ou qualquer pesquisador...

AT – Não, eles poderiam fazer pedidos para mim diretamente, faziam pedidos tinha um modelinho...

WH – Mas eram os chefes ou qualquer pesquisador que iria?

AT – Não, não, não, geralmente eram os chefes.

WH – Os chefes que procuravam, deixa eu me lembrar, oh... Dr. [Herman] Lent era o chefe...

AT – Dr. Herman Lent. Bom, o Dr. Herman Lent era geralmente a pesquisa dele, era uma pesquisa para... Ele me procurava às vezes querendo um produto ou coisa que o valha, mas muito raramente, Dr. Herman Lent. Tem um doutor que está trabalhando na biblioteca que outro dia eu vi no jornal, como é que em... Dr. ... num tem um trabalhando lá na biblioteca, ora meu Deus!

RG – De que área?

AT – Que trabalhava com Herman Lent, um desses que foram cassados em 70.

WH – Hugo de Souza Lopes?

AT – Não, Hugo de Souza Lopes não. O que trabalhava com Hugo de Souza Lopes.

WH – Sebastião... Dr. Sebastião?

AT – Sebastião, ele tá aí, num tá aí? O Dr. Sebastião tá aí!

RG – Tá, ele tá aqui nesse andar com a gente.

AT – Tá aqui? Tá aqui é? ele... tá aí trabalhando, depois seria interessante eu vê-lo.

RG – Quer vê-lo? Depois a gente vê se ele está lá e nós vamos lá com o senhor.

AT – Dr. Sebastião e...

WH – Dr. Teixeira de Freitas procurava muito o senhor também?

AT – Teixeira de Freitas procurava muito, depois ele faleceu com aquele desastre de auto, ele e... quer dizer dizem que foi pelo desastre de automóvel. O automóvel bateu, aliás o automóvel de repartição mesmo.

RG – É, já havia registrado.

AT – Tinha o dr. Pará, esse já veio da Fundação Rockefeller. Dr. Madureira Pará.

RG – Mas então a gente podia voltar para esses estilos de administração, né. O senhor dizia que o Dr. Olympio era assim... menos exigente. Qual foi o termo que o senhor usou?

AT – Não, não é... Dr. Olympio não era menos exigente, era menos rigoroso.

RG – Menos rigoroso, que o Dr. Cássio.

At – É ou então vamos dizer, para nós mais compreensivo, porque ele pegou... ele pegou a turma da Rockefeller e essa turma da Rockefeller...

RG – É.

AT – ... ficou seis meses sem receber, o governo não pagou 6 meses, sabe que é 6 meses uma pessoa não receber, em cima do diretor: “Dr. tô na miséria, vou morrer de fome, não sei o quê.” Era uma coisa muito...

WH – Tinha esses problemas Dr. Amilar de... de assim se fazer uma licitação se contratar uma pessoa já com autorização e não sair a verba? A verba demorar a chegar?

AT – Contratar uma pessoa não.

WH – Isso era automático, né?

AT – Não podia contratar ninguém! Não podia contratar ninguém!

WH – Mas o Olympio contratou muita gente nessa época né?

AT – Não, às vezes Olympio... o Olympio, dizem, que ele contratava muita gente. Mas tinha outros meios de pagamento, porque não era o pagamento pela parte administrativa, porque tem o seguinte: às vezes, por exemplo, eu não posso dar um exemplo, mas por exemplo: pode trabalhar aqui uma pessoa ou duas ou três pagas pelo Conselho Nacional de Pesquisas. Quer dizer que a senhor chegou aqui... vai ter mais de dez pessoas, ah, mas não tem despesa nenhuma, porque não tem despesa nenhuma, as pessoas vieram.

WH – Quer dizer essa foi a tônica da gestão Olympio? A maioria das pessoas...

AT – É... é possível que tenha havido, porque eu não senti, porque precisa de ver que o Dr. Olympio da Fonseca, quando ele estava, ele teve administrando nós tínhamos... nós éramos neófitos, nós tínhamos vindo da Rockefeller, Nós não sabíamos como era esse jogo aqui no Instituto, éramos completamente...

RG – É o senhor tava ainda tomando rumo.

AT – É lógico, tomando rumo. E ficamos lá Fundação Rockefeller, lá naquele prédio, lá muito tempo. Depois é que fomos como sendo distribuídos e depois voltamos de novo para Rockefeller.

WH – Por que voltaram de novo?

AT – Porque eu disse à senhora que não houve...

WH – Não houve entrosamento, é verdade, o senhor já me disse.



RG – Mas que estranho foram e voltaram?

AT – É, voltaram, mas depois voltamos pra cá e aí voltamos de uma vez só e pronto ficamos.

WH – Quer dizer que nessa época... nessas épocas das contratações de Olympio o senhor não estava acompanhando, não sentia muito bem, como é que se deu esse processo tal né. E o senhor tava falando do... do Cássio Miranda, da época do Cássio Miranda.

AT – Não, não sentia muito bem o problema. Bom, o Cássio Miranda foi pouco tempo né. O Dr. Cássio foi diretor porque ele era vice-diretor, porque nós tínhamos diretor e vice-diretor e ele quando o Dr. Olympio saiu, ele foi como vice-diretor, ele ficou como diretor.

RG – O Dr. Olympio saiu antes da gestão, ele teve algum problema? Ele se incompatibilizou aqui? O que aconteceu?

AT – Não... eu não sentia, a não ser que ele se aborresse, porque as pessoas às vezes acham a carga muito pesada. E chega ao ministro e diz que não quer mais continuar como diretor. Eu não sei o caso do Dr. Olympio foi esse, porque nós tivemos aqui depois dele tivemos o Dr. Laranja. Depois do Dr. Laranja foi Antônio Augusto Xavier, depois do Dr. Antônio Augusto Xavier foi Amílcar Vianna Martins.

WH – E o Dr. Laranja? Como é que foi a gestão dele, mudou alguma coisa?

AT – O Dr. Laranja em primeiro lugar ele tinha mais... era moço, mais moço que os outros e tinha mais... veio cheio de ideias novas para aplicar no Instituto, ih... Também o pessoal todo... eu tenho impressão que deu bastante apoio a ele. E ele fez uma administração muito proveitosa para o Instituto Oswaldo Cruz.

WH – Que ideias novas? O Senhor podia me dizer que ideias novas ele tentou implementar inclusive na sua área, se teve alguma mudança como é que foi isso?

AT – Não, na minha área... bem não teve mudança, mas nas outras áreas ele procurou... na minha área não teve mudança porque a minha área é rotineira e aquela rotina não sai daquilo, como hoje também continua a mesma coisa não modificou não, se...

WH – Mas ela não cresce com a expansão, não vai crescendo o setor administrativo...

AT – Bom, ela pode crescer no número, mas não na qualidade. Na quantidade, na qualidade ela fica mesma coisa, como pode diminuir também. Depende das verbas a pessoa tem para aplicar.

WH – E nesse momento o senhor acha que desde a época do Olympio até o Rocha Lagoa, a sua seção de administração, o serviço de administração cresceu?

AT – Ah sim, ah sim, cresceu muito, porque as verbas foram aumentadas, ah... houve muito mais facilidade para se trabalhar. Foram liberadas... várias verbas para o Instituto movimentar. O Instituto não movimentava.

WH – Quer dizer necessitava o Inst... sim...

AT – Nós tínhamos, por exemplo, um refeitório aqui, mas isso era o ministe... era a divisão de material do Ministério da Saúde, que sustentava esse refeitório que nós tínhamos aqui. Então, tinham refeitório para o pessoal e tínhamos refeitório também para os médicos. Os médicos era outro horário.

RG – Mas nessa época era di... era separado, era outra comida?

AT – Não, não... eu não posso dizer que seja outra comida, porque eu trazia marmita de casa. Porque eu fui criado... no meu tempo com óleo de rícino, quando eu era criança qualquer doença óleo de rícino, então meus intestinos ficaram bastante abalados, então qualquer mudança no tempero da comida eu não passava bem, então eu trazia marmita de casa. Mesmo que a comida era de graça, não custava nada eu evitava comer aqui, eu trazia minha marmita, comia de marmita.

WH – Mas a gente tava falando da gestão do Laranja. O Senhor dizia que o Laranja veio com novas ideias, que ideias novas o Senhor podia...

AT – Novas ideias, no sentido de tocar a pesquisa pra frente, de colaborar com tudo que fosse possível, de procurar meios e modos de conseguir verbas ou do Conselho Nacional de Pesquisas ou do Ministério, quer dizer ele não parava. Era um homem muito ativo... de uma atividade... suponho que ainda é até hoje, então deu um novo... novo ânimo.

WH – Nessa época, o senhor devia se menos procurado pelos cientistas né, para pedir verbas? E...

AT – Nessa época, eu ainda era muito novo aqui, muito novo, geralmente esse pessoal começou a se chegar mais a mim. Depois de eu passar aqui o quê... uns 12 anos.

WH – Depois que o Senhor assumiu...

AT – Eu passei 20 anos aqui, 10 anos lá e 20 aqui.

WH – É depois que o Senhor assumiu a chefia da seção financeira, né.

AT – Perfeitamente, porque eu tinha contato com eles, porque como eu disse muitos que foram bolsistas viraram funcionários depois. E muitos eu tenho a impressão que muitos... hoje... muitos que são bolsistas estão, hoje, aqui. Eram moços... rapazes, moços ainda.

RG – E com esses bolsistas o senhor tinha um vínculo direto porque era o senhor que pagava.

AT – É porque eu pagava e, então, tinha contato com eles, assim os conhecia.

RG – E eles iam lá receber?

AT – Eu não tenho a relação deles.

RG – É, a gente pode tentar conseguir essa relação? O senhor não tem em sua casa?

AT – Não tenho, não tenho, infelizmente não tenho essa relação.

RG – Eu acho que o Orlando Moreira...

AT – Não, mas tem a prestação de contas aí, na prestação de contas tem a prestação de contas do bolsista.

WH – É, deve ter.

AT – Tem a folha de pagamento ou onde recebiam...

RG – Bom, então com o Dr. Laranja houve uma mudança muito grande no estilo...

AT – É, uma mudança... Depois do Laranja então, se não me falha a memória, veio o Dr. Antônio Augusto Xavier, já era outro tipo de administração e cada um tinha o seu secretário seu vice-diretor, cada um com uma mentalidade. Então...

WH – Em termos de administração qual era a mentalidade do Dr. Xavier? O Senhor poderia...

AT – Bom, o Dr. Xavier era um pouco diferente. Ele administrava com um certo número de pessoas da confiança absoluta dele. Inclusive na parte... de pesquisa, na parte de... de produção, não porque a produção era contínua. Produção é contínua não pára.

RG – Quer dizer que com a entrada de Augusto Xavier houve muita mudança nos cargos de confiança?

AT – Não é bem uma mudança, houve um certo retraimento de muita gente que estava na crista da onda. Quando muda o diretor retrai-se, geralmente. Porque depois, veio o Dr. Amílcar Vianna Martins, ele era de Belo Horizonte, era professor da faculdade em Belo Horizonte.

RG – E como é que ele foi recebido aqui, já que ele não era daqui?

AT – Não, o Dr. Amílcar foi recebido muito bem, ele se dava muito bem... esse pessoal do Herman Lent, o [Haity] Moussatché, o Hugo de Souza Lopes, se dava muito bem com esse pessoal.

RG – Eles eram da mesma área?

AT – É, eles eram conhecidos e, geralmente, eram professores. Ele era professor, lá na faculdade, lá de Minas Gerais, eles, geralmente eram, conhecidos. Depois dele... depois dele veio o Dr. ... Joaquim Travassos da Rosa. Esse sim, eu achei... esse era um senhor já de idade, mas era um homem extraordinário.

WH – Aí é que o senhor assume a seção financeira, não é? A chefia da seção financeira é em 62, durante a gestão Travassos, não é isso?

RG – Não mostrou já pra gente o documento?

AT – Não, eu assumi a seção financeira. Eu estava na... aqui foi uma continuação. Olha aqui, quando chegou em 62 transformou-se...

RG – Ela mudou o nome...

AT – Mudou o nome...

RG – Não mudou... os seus encargos continuaram...

AT – Em vez de A saiu Maria e os encargos continuaram a mesma coisa, praticamente... a mesma.

RG – Certo, só mudou o nome... foi quando houve a reforma no regimento.

AT – Só mudou o nome... Agora quando eu vim pra chefe de serviço de administração, foi no tempo do Rocha Lagoa.

RG – Mas eu queria perguntar uma coisa sobre o Dr. Travassos da Rosa. O senhor falou que ele era um homem extraordinário. Por que? Qual era o lado...

AT – Bom, extraordinário no lado humano, era um homem extraordinário... E eu tenho o Dr. Travassos, que Deus o tenha, e dever ter, como um homem boníssimo! Porque eu tinha contato com ele sempre e às vezes ele comentava outras coisas... E eu procurava dizer: “Bem, a coisa não é bem assim, a coisa é assada... é assim... é assado.” E isso me serviu pra muita coisa inclusive pro futuro. Quando eu trabalhei em outro, em outra seção... em outro órgão do Ministério da Saúde.

WH – Como assim? O senhor poderia explicar melhor? Eu não entendi.

AT – Não, eu trabalhei num órgão do Ministério da Saúde, na divisão de Segurança e Informação. Eu tinha mais ou menos uma tarimba enorme... desse... de modo vivente do funcionário, que às vezes parece uma coisa e não é a coisa... não é essa, é outra muito grande. E a mentalidade às vezes tem que levar... levar-se em conta. Eu tava naquele prédio, eu, nesse tempo, trabalhava naquele prédio ali defronte. E uma vez passou um... um caminhão da... não sei... se da Casa da Banha ou da Casas Sendas<sup>1</sup>. E deixou cair uma porção de sacos de

---

<sup>1</sup> Duas redes de supermercado no Rio de Janeiro.

cebola. O caminhão parou adiante e saltaram, aqueles ajudantes, coitados, procurando pegar as cebolas que caíram, eu tava naquele prédio. Eu nesse tempo trabalhava com o Brigadeiro Carlos Guimarães de Matos. Eu disse ao Brigadeiro, o senhor tem uma impressão, o senhor estuda só. Paravam carros... mas não eram carros... fusquinhas não... eram carros... carrões, pra pegar e meter dentro do carro. Vê a mentalidade... a mentalidade do saque, não tinham necessidade daquilo, a não ser que o motorista viesse só e tivesse necessidade daquilo. No entanto, para ver a mentalidade, a mentalidade é essa. Então, quando nós temos que ver, olhar... de ver um problema, temos que estudar esses aspectos todos do problema, desde o princípio ao fim porque a mentalidade vai mudando... Porque hoje em dia nós podemos dizer, que não há um certo... um certo entendimento entre uma geração e uma terceira geração. Eu digo isso, porque, por exemplo: não há entendimento entre eu e meu neto; ele pensa de uma maneira completamente diferente do que eu e não aceita meus pontos de vista, acha como diz na gíria, “quadrado”, quer dizer...

RG – Tem conflitos... de ideias.

AT – É, mas isso é em todo... eu acho, que é em todo o universo, não só aqui não. Não é só comigo, nem no Brasil não, mas é no universo todo. É o progresso, né? E o progresso traz isso tudo.

WH – Agora eu queria, que o senhor me esclarecesse no que as conversações com o Travassos, lhe ajudaram depois. Que tipo de conversação, porque eu não entendi bem.

AT – Não... As conversações com o Travassos, é o seguinte: é que às vezes o Dr. Travassos sendo muito humano, ele dizia assim: os funcionários... iam fazer queixa de um funcionário ou coisa que o valha. E ele comentava comigo: “Amilar, eu tenho de ter... tenho de aplicar uma coisa.”. Eu digo, bem, então tem de levar em consideração isso assim... chama o funcionário... pergunta a ele... pode ser que ele tenha um problema, às vezes, ele... Nós não temos nada com problemas de casa, mas, às vezes, são problemas tão grandes que vão se refletir no trabalho do cidadão aqui dentro. Então, o senhor conversa com ele assim... Então, ele gostava, às vezes, desse modo de eu me manifestar sobre esses problemas que apreciam. Então, foi aí que eu digo a você que...

WH – Quer dizer, quando o senhor foi trabalhar na seção de segurança do Ministério, o senhor estava lotado...

At – Não, aí é diferente. Ah, já tinha muito longe... isso foi muito depois. Eu comecei trabalhar na segurança muito depois. Depois eu saí, fui diretor do Departamento de Pessoal, aí... vem a parte de 70, onde houve... onde aquela... aquela como é... aposentadoria compulsória daquela pessoa... Herman Lent...

RG – O senhor estava aqui nessa época?

AT – Eu estava aqui, foi um choque!

RG – E como é que o senhor soube?

AT – Foi um choque, saiu no diário Oficial. Porque saiu no Diário Oficial ninguém sabia, saiu no Diário Oficial aqui. Bom, eu nada tenho... com nenhum deles, eu me dou bem com todos eles, tanto é que eu falei até do...

RG – Sebastião...

AT – Sebastião, de falar com ele. Me dava com todos eles, como me dou. E eu não olho essa parte, se o camarada é América, Fluminense ou Vasco, isso não me interessa. Cada um pensa da maneira que achar que deve pensar.

WH – O senhor tá mais preocupado com o quê?

AT – Bom!

WH – As pessoas...

AT – Eu tô preocupado mais com o caráter da pessoa. A pessoa tendo caráter, o ponto de vista... é o meu ponto de vista.

RG – O senhor falou que o Masao Goto era o único que era comunista? O senhor falou isso?

AT – Bom... Masao Goto saiu no jornal.

RG – Ele era um militante do Partido [Comunista].

AT – A divisão... é a divisão de polícia... política social, publicava às vezes no jornal, sobre o Masao Goto... Isso era público e notório, porque saía no jornal.

RG – Ele mesmo falava.

AT – Não, não ele nunca falou... nunca tocara no assunto, ninguém tocou... nunca... ninguém tocou. Quem era Fluminense, que, era América, quem era Vasco, nunca ninguém tocou mais nesse assunto, não. Nunca ninguém tocou neste assunto, nem ele tocou. Eu sabia porque vinha no jornal.

RG – Mas ele aqui se comportava como outra pessoa normal?

AT – Perfeitamente. Era um homem excepcional, era um homem... um homem que servia a todos. E fora disso era um bom médico, por exemplo: a pessoa... a criança tinha furúnculo, ele tirava o sangue da criança, para com o próprio sangue da criança fazer uma vacina contra os furúnculos. Tinha uma... como é que chama? Uma clientela grande, muito grande. Uma clientela de posse! Quer dizer, ele não precisava disso. Aí é que eu disse, quando a comissão me perguntou... o IPM, eu disse, vê o melhor carro que tem aí, o carro mais bonito, é dele. É esse o meu ponto de vista.

RG – E a comissão...

AT – O Dr. Moussatché tá aí, não é?

RG – Voltou, ele estava fora... e a comissão, estava atrás de quê? Que é que eles queriam?

AT – Agora eu vou continuar, pra chegar no ponto que eu quero. Eu fui pra Divisão de Pessoal, eles ganhavam como diria... ganhavam como professor catedrático, tinha uma lei que dizia: quem tivesse 20 anos de Instituto até certa data, ganhava direitos e vantagens de professor catedrático, eles ganhavam como professor catedrático, e eu era diretor do Departamento de Pessoal e mandei... pagar como professor catedrático, aí me indispus com o ministro... aí eu saí... eu saí porque um deles pediu e eu dei, ele não se conformou...

WH – Rocha Lagoa.

AT – Rocha Lagoa não se conformou, eu fui a ele e disse que eu estava certo, podia todo mundo dizer o contrário, mas eu estava certo... porque a legislação não sei se era o AI-5, o AI-3 ou coisa que o valha, mandava demitir, mandava aposentar, mas não mandava... diminuir o ordenado, nem de um capitão passar a cabo. Exoneravam, mas...

RG – Não rebaixavam.

AT – Não rebaixavam, eu não ia rebaixar ninguém de jeito nenhum.

RG – E o Rocha Lagoa não ficou satisfeito?

AT – É, ele naquela ocasião não se conformou, mas depois ele viu que eu tinha razão quando ele...

#### **Fita 4 – Lado B**

AT – Então, passou isso aqui, ele fez questão... me chamou fez questão, eu disse que não, eu fui diretor da Divisão de Administração da SUCAM. Isso é decreto do Presidente.

RG – Isso foi uma promoção?

AT – Não... é isso foi praticamente uma prova de confiança. Mas eu estava muito magoado com isso, eu estava... eu estava muito magoado porque... eu acho que o meu procedimento foi correto, em primeiro lugar eu estava quando paguei o pessoal, achei que... quando autorizei o pagamento do pessoal, eu achei que estava certo.

RG – E o senhor ficou magoado com... porque houve assim... houve uma troca de...

AT – Não, não disse, não, absolutamente.

RG – O senhor ficou sabendo que ele... ele chamou o senhor para dizer que não tinha concordado?

AT – Não geralmente... o Fonseca era chefe de gabinete do ministro, o Fonseca era chefe do Gabinete do Ministro.

RG – Ah, o Fonseca nessa época tava lá também?

AT – Tava, chefe do Gabinete do Ministro.

RG – Ah... e o senhor se relacionava diretamente com o Fonseca?

AT – Com o Fonseca e com o Rocha Lagoa também, porque, praticamente, ele foi meu diretor aqui e eu tinha contato com ele... Mas não é questão que eu tenha muita personalidade, mas eu achava que enquanto não me informassem que estava errado... Então, aquele pessoal pegou o Dr. Ubatuba, pegou um pessoal... Dr. Herman Lent, pegou o Dr. ... teve umas pessoas, aí. E foi um choque muito grande.

RG – Quem é aquele pessoal que pegou? Houve uma Comissão de Inquérito, assim? Quando é que foi isso?

AT – Não, foi muito depois. O negócio foi em 64 e estourou em 70. Foram seis anos depois.

RG – Qual é a interpretação para o fato? Por que tantos anos depois isso ocorreu?

AT – Eu não sei. Não sei... eu não sei. Olha, se a senhor perguntar isso, francamente eu não sei qual é a razão.

RG – O senhor... lá, mas dentro do Ministério não havia um ti, ti, ti...

AT – Não, eu não estava no Ministério, eu estava aqui.

RG – O senhor estava aqui nessa época? Foi através do Instituto que eles foram aposentados, o senhor tem alguma ideia?

AT – Foi através do Diário Oficial, aposentados compulsoriamente.

RG – Quer dizer, o senhor não estava lá nos bastidores, né? No ti, ti, ti do poder.

AT – Eu evi... eu sempre evitei bastidores. Eu sempre evitei. Eu não sei se é o meu ponto de vista. Não sei se foi o modo em que eu fui educado. Meu modo de nunca adular ninguém. E sim se fazer pelo meu trabalho, minha dedicação. Não quero dizer com isso que seja melhor do que ninguém não. Eu tenho meu ponto de vista. É meu... Isso eu trouxe de berço. Meu pai que me educou assim.

WH – É o senhor já contou que seu pai que lhe deu essa educação.

AT – Ah, perfeitamente!

RG – Quer dizer, que o senhor ficou bem inclusive com esse pessoal.



AT – Ah, bem... teria o máximo prazer em dar um abraço no Moussatché, em dar um abraço no Herman Lent. No Herman Lent não estava aqui, não está aqui. Mas o Moussatché estava.

RG – Eles sabem, que foi o senhor que... que conseguiu que eles se aposentassem nesse nível? Eles ficaram sabendo?

AT – Que houve essa discordância? Eles souberam... souberam. Que eu saí da direção, pois eu saí por causa disso. Eu fui exonerado diretor por causa disso. Tem um decreto aqui de...

RG – O senhor foi exonerado diretor do quê?

AT – Diretor de Divisão de Pessoal do Ministério da Saúde. Aqui minha agregação, aqui o pessoal é agregado.

RG – E depois, pouco tempo depois o próprio Rocha Lagoa foi exonerado, não é? Ou saiu?

AT – Não... depois. O problema do Rocha Lagoa foi o seguinte: o ministro nomeou... nomeou um cidadão para... criou uma Secretaria no Amazonas; ele nomeou um cidadão. E o Rocha Lagoa não estava aqui, estava em Genebra.

WH – O ministro substituto do Rocha Lagoa nomeou?

AT – Não, apareceu o nome do Rocha Lagoa... E o Rocha Lagoa disse que ele nomeou. O Rocha Lagoa tinha muita personalidade. Ele disse que nomeou, chegou lá e pediu demissão ao Médici, ao presidente Médici, pediu demissão, saiu. Entrou um, entrou um ministro foi... um ministro até de São Paulo. Depois entrou outro que foi meu colega, assim de... eu nunca disse a ele. Eu tenho retrato do meu tempo de estudante, ele está praticamente quase do meu lado. E eu mostrei à secretária dele, eu me dava muito bem com ela. E disse: “Olha aqui o teu ministro, aqui, oh”. Então... ele era garoto...

RG – Quem era?

AT – Era o... Paulo de Almeida Machado.

RG – E isso foi na época que o senhor estava na SUCAM?

AT – Paulo de Almeida Machado. Não, eu estava na Divisão de Segurança e Informação.

RG – Então, o senhor podia explicar um pouquinho para a gente? O senhor saiu da chefia da...

AT – Eu saí da chefia... fui pra SUCAM. Fui ser chefe da Administração da SUCAM porque a SUCAM era praticamente Departamento Nacional de Endemias Rurais. Era o antigo Departamento Nacional de Endemias Rurais, que passou a ser SUCAM – Superintendência de Campanhas de Saúde Pública. Bem, eu fiquei lá um tempo e tal, mas não me adaptei, francamente eu não me adaptei. Eu vi certas coisas que não me agradaram e não me adaptei.

WH – Por exemplo?

AT – Bem, eu me reservo. Peço permissão pra me reservar a esse ponto.

RG – Tudo bem. O senhor até poderia narrar fatos sem dar nomes.

AT – Não, ah... não... ah... não tenho... Certas coisas ali que não me agradaram, que se passaram que não me agradaram.

WH – Certos procedimentos?

AT – Procedimentos, maneiras de... certas maneiras que não me agradavam. Certos modos que eu vi lá que não me agradavam. Bom, então eu pedi pra sair... insisti, insisti, insisti, insisti, até que eu fui exonerado. O presidente me exonerou. Exonerou, nesse ínterim o chefe da Divisão de Segurança e Informação, faço questão que você venha trabalhar comigo, venha trabalhar comigo.

WH – O senhor já conhecia ele?

AT – Era o Coronel, hoje é General. Coronel... Ora meu Deus! Barroso, Coronel Barroso da Conceição, Amauri Barroso da Conceição, hoje General Barroso da Conceição. Conhecia ele assim... quando eu fui chefe, quando eu fui diretor do Departamento de Pessoal do Ministério.

WH – Tinha muitos militares no ministério, trabalhando?

AT – Não, havia se havia... havia na cúpula. Não havia na parte, havia na cúpula.

WH – O senhor chegou a trabalhar para esse Coronel?

AT – Fui na parte administrativa. Não na parte técnica, foi na parte administrativa. Aí eu trabalhei nesse prédio, no 10º andar.

WH – O senhor trabalhou na parte administrativa da Divisão de Segurança e Informação?

AT – Hein?

WH – Na Divisão de Segurança e Informação? O que o senhor fazia lá?

AT – Bem, na Divisão de Segurança e Informação fazia a parte toda administrativa. A mesma coisa, aquela burocracia, fatura, pagamento de diária e não sei o quê... e aquela parte toda. E entre às vezes, o diretor me chamava, para conversar uma coisa ou outra e tal. E nós batíamos uma conversa com ele, mas... nada sobre... sempre a parte administrativa. Bom depois...

WH – Mas essa Divisão... essa Divisão não era também encarregada do controle dos funcionários, enfim?

AT – Peraí... Bom, o controle, o controle do funcionário. Geralmente era e não era! Porque a parte de Informações. A pessoa pensa, que a Divisão de Segurança e Informações é uma seção policial, não é não; lá não tem nada a ver. É uma seção técnica, é uma parte técnica.

WH – E que tipo de função ela exercia?

AT – Bom, praticamente as atribuições são confidenciais. São reservadas, eu me privo de falar sobre o assunto, mas são reservadas, confidenciais. E nós tínhamos aqui a assessoria de Segurança e Informações com o coronel, como era o nome do coronel, que estava aqui, era um gordo. A senhor não é desse tempo aqui não? Ah, não é do tempo da Assessoria de Segurança e Informações aqui, não?

WH – Não, mas os órgãos tinham todos os órgãos governamentais.

AT – Assessoria! Lá era divisão, aqui tinha assessoria. Aqui tinha, no SESP tinha. Nós tínhamos uma Assessoria de Segurança e Informações, mas não era para perseguir funcionários, para ver se ele era vermelho, é verde, é amarelo; não é nada disso.

WH – Mas o que buscava?

AT – Geralmente se buscava mais era a corrupção.

WH – Processos administrativos mais...

AT – É... É... a corrupção administrativa. A corrupção administrativa é que se procurava mais, mais o Ministério da Saúde nesse ponto. O campo é tão pequeno, que não dá margem, à grandes coisas. E tem... E depois fui analista de informações; aí analisava, né? Analisava fatos que se davam e coisas que o valha e dava o meu parecer.

RG – E o senhor trabalhava mais, com essa área assim...

AT – Aí, já é... uma área. Já é uma área, virava uma área um mecanismo técnico.

WH – O que o senhor chama... eu queria entender o que... que diferença o senhor faz da área técnica e área administrativa.

AT – Uma área técnica de informações, a senhora tem um jornal, a senhora corta o jornal, vê que ele fala do Ministério. O que fala de outros órgãos. Vai procurar saber se é realidade aquilo que estão falando do Ministério. Isso é uma área técnica, não tem nada com a parte administrativa, tá entendendo bem? Tudo que é... que vem à tona a respeito do Ministério da Saúde, precisamos esclarecer. E o ministro tem que tomar ciência do que está se passando.

WH – E a área administrativa?

AT – A administrativa é aquela burocracia que serve aqui. É pagamento, fatura, não sei o quê. Pagamento de diária e prestação de contas e expede ordem de pagamento.

WH – O senhor trabalhando com administração sempre nesse modelo, né? De cumprimento de funções burocráticas. Nunca teve nenhuma participação em... processos administrativos, em definições de recursos de procedimentos. Isso não?

AT – Não, assim de vir para eu dar parecer não. Porque a minha parte não era mais... como é... não era mais consultiva, era executiva, eu executava.

RG – Não havia assim uma comissão, um conselho...

AT – Não, isso geralmente era ministério. Geralmente era o Ministério. Eles eram muito ciosos dessas atribuições que eram deles. Bem, eu dali fui pra Escola Superior de Guerra. Tive na ESG quase um ano. Me pediram emprestado, o presidente autorizou, eu fui para a Escola Superior de Guerra. No Diário Oficial deu. E eu fui; sem ônus para a Escola. E eu fui trabalhar na parte de pessoal. Então lá... eu fiquei satisfeito, porque a tarimba toda que tinha aprendido, consegui dar para a Escola e atender a muitos funcionários da escola civis, que estavam na ESG. Então procurei colaborar o máximo que pude. Mas depois... Sabe como é! A Escola... eu moro na Boca do Mato. A Escola é na Urca, lá no fim da Urca. No Forte São João. Era muito longe, eu tinha que tomar aquele... o horário é de oito horas, sete e meia eu já estava lá. Não sou melhor que os outros, não é? É porque fui educado assim. Bem, então eu saía muito cedo de casa e isso estava me abalando muito. Depois era um ônibus, o 442 Lins-Urca, que vem gente até no teto. E quando ia pra praia quando chegava no verão, não havia Cristo que aguentasse aquilo. Então, foi me cansando, foi me cansando... Até uma vez cheguei ao coronel e disse: “Olha, eu vou embora! O senhor me apresenta ao Ministério que eu vou embora”. Nesse ponto, até eu... até hoje me arrependo, me arrependo, mesmo.

WH – Por que o senhor se arrepende?

AT – Arrependo, porque se eu tivesse na Escola, era possível que eu caísse na compulsória, na Saúde, mas eu continuava na Escola, ganhando pró-labore e trabalhando.

RG – Trabalhando...

AT – Porque o meu mal todo foi deixar... foi parar o trabalho.

RG – Quando o senhor parou? Nessa época?

AT – Parei em [19]84.

RG – Foi nessa época que o senhor ...

AT – Não, eu vim pra Delegacia Federal de Saúde, passei um ano. E depois, tive um problema, fiz uma operação e aí saí na compulsória.

RG – É, o senhor falou... sentindo muito...

AT – Ah, falta trabalho! E depois tive um enfarte.

RG – Quando parou, né?

AT – Ah, seis meses depois tive um enfarte.

RG – Pessoa que sempre trabalhou, quando pára, muitas vezes... sente mal, não é?

AT – Ah, é um choque profundo! Até hoje, sinto falta, se me desse um lugar pra trabalhar, eu vinha trabalhar.

RG – Quando foi que o senhor ficou no Ministério, alguns anos antes de ir pra ESG? Ficou vários anos trabalhando nessa Divisão de Informações?

AT – Divisão de Informações, eu trabalhei... deixa eu ver se tá aqui... (barulho de papéis). Não, não tenho... decreto... decreto aqui, não tenho. Decreto do presidente da república, não tenho. Eu fui trabalhar, na divisão de Informações, eu fiquei lá... eu fiquei lá, praticamente uns oito anos.

RG – Então, foi lugar também, que o senhor gostou de trabalhar lá, não é?

AT – Aí, por exemplo, que eu senti. Se eu digo a vocês e reafirmo que senti. Se eu digo, a vocês e reafirme que senti o problema daqui. Eu tinha muitos colegas aqui, e eles eram... estatutários. E aqui, tinha... que optar e eles não queriam optar, para não perder o título de funcionário público, aí, mandaram eles para casa e aí, foi um baque! Então, eles iam lá falar comigo. E eu achei aquilo uma maneira muito... primeiro uma maneira irregular. Não se pode mandar... pagar funcionário e ele em casa, mas como estávamos, naquele tempo... dos 20 anos, foi possível fazer isso. Porque, não se pode mandar o funcionário pra casa e pagar o funcionário em casa. Então, o funcionário não optava e mandavam o funcionário pra casa, então eu senti esse problema lá. Senti esse problema lá.

RG – E o que aconteceu?

AT – Muitas queixas... Não, aconteceu... não aconteceu mais... mas muitos ficaram doentes. Não sei, se alguns até morreram por causa disso. Porque foi um choque, muito grande. A senhora, por exemplo, está aqui, fica aqui 35 anos, daqui um bocadinho, se diz assim: ou opta ou vai embora. A senhora fica numa situação; a senhora tá como celetista, opta pra não sei o quê. A senhora gosta... eles gostam, de ser funcionários... eles eram funcionários públicos, eles trabalhavam nisso aqui e tinham amor a isso. Porque quem trabalha aqui, tem amor a isso, isso aqui cria um amor danado a esse Instituto Oswaldo Cruz.

WH – Essa foi a época do Rocha Lagoa, não é? Gestão Rocha Lagoa?

AT – O quê?

WH – Quando eles tiveram, que optar.

AT – Não, não... foi depois.

WH – Já foi depois... foi 70? Mas Rocha Lagoa era ministro, não é?

AT – Foi ministro, foi depois, que houve mesmo o aperto de optar, ou opta ou então mandavam pra casa.

WH – Me diga, uma coisa senhor Amilar. É que, que queria tirar uma dúvida. O Rocha Lagoa, quando assumiu a direção do Instituto, ele escreve um relatório, ele gostaria de... de ser diretor do Instituto... e planejar mais as coisas, organizar mais as coisas, porque antes estaria muito desorganizado, muito anárquico, todo... enfim, os trabalhos do Instituto, não havia orientação, segundo o Rocha Lagoa. O que o senhor acha dessa perspectiva?

AT – Eu tenho o meu ponto de vista. Todos acham que os anteriores não po... deviam proceder melhor que eles vão proceder. Então, eu não achava, não havia anarquia nenhuma, havia aquela desavença, como há até hoje, de procurar onde há desavença. Que não tá de acordo com A, não tá de acordo com B, não tá de acordo com C, isso há em toda coletividade. Então, acho que nesse ponto... o Rocha Lagoa, nesse ponto, quer dizer que o Dr. ... Joaquim Travassos da Rosa, que ele sucedeu, ao Joaquim Travassos da Rosa. Tenho feito uma má administração, eu discordo, em número, gênero e grau. No meu ponto de vista humilde, ponto de vista, mas discordo.

WH – Porque, quando o Rocha Lagoa entra, ele muda inclusive, muita gente de setor de administração. Saem muitas pessoas. O senhor podia dizer como é que foi essa mudança?

AT – Não, ele pegou três pessoas... ele pegou três pessoas e apresentou ao ministério. Alberto Chididi, Aroldo de Oliveira... Alberto Chididi, Aroldo de Oliveira e José Borges Leal Filho.

WH – Mas por que? Ele tinha um problema com esses funcionários?

AT – Eu não sei. Eu não sei, se ele tinha um problema com o funcionário. Aí, é que eu digo, ele era um homem um tanto quanto difícil, era um homem um tanto quanto difícil. Ele apresentou esses três funcionários. Eu fui a ele e disse... um deles trabalhava aqui no material, eu disse a ele o senhor ... fez muito mal em apresentar esse funcionário. Eu acho que o senhor não devia fazer isso. Ele não disse nem uma, nem duas.

RG – O quê que é apresentar ao ministério?

AT – Apresentar pra ser lotado em outro lugar.

RG – Ah, tá.

AT – Aí, saía do Instituto. Sabe quantos: o Alberto Chididi veio da Fundação Rockefeller, junto comigo. O José Borges Leal Filho veio da Fundação Rockefeller, junto comigo. O Aroldo, não, o Aroldo já estava aqui, da SUCAM e veio... era do Departamento de Endemias Rurais, depois veio pra cá. Veio ser chefe da administração rural.

WH – Será que o Rocha Lagoa, também achava que a administração era desorganizada, assim como ele achava a fundação. E por isso, ele decidiu mudar?

AT – Não, depende do que a pessoa acha de desorganização. Seu eu acho, que aquela mesa deve ficar encostada na parede, e a senhora achar que ela deve ficar encostada aqui. Eu quando entrar digo: isso aqui... isso aqui, tá uma desorganização danada. Achava que aquela mesa devia ficar lá. Por que ela tá aqui? Aqui bate o vento nas costas, o funcionário vai ficar com gripe. Põe ele lá, era um ponto de visa. Desorganização, era um ponto de vista. Agora, se ele achava que havia desorganização, ao menos, na parte administrativa, não havia isso, eu respondo por ela. Mas na parte científica, eu não sei se havia ou não, mas eu tenho a impressão que não, que continuava tudo... todos fazendo aquela, todos que tinham, experiência, fazia aquelas suas pesquisas. Que estavam fazendo produção, faziam a produção. Eu acho, que não havia, absolutamente nada desorganizado, meu ponto de vista.

WH – Inclusive, o que eu queria saber, era uma coisa, quando o senhor assume e ele troca as pessoas de lugar. Tira os antigos chefes e coloca novas pessoas na chefia. A administração mudou o seu procedimento? Mudou alguma coisa na administração, na gestão do Rocha Lagoa? A partir do fato de terem mudado as pessoas também de chefia?

AT – Eu não achei que mudou não. Em sã consciência, eu não achei. Eu tô falando sobre a parte administrativa.

WH – É isso que eu quero saber.

AT – Eu não posso falar sobre uma parte de pesquisa.

WH – Não, justamente, o que eu queria saber é do seu trabalho.

AT – A parte administrativa, não, a parte administrativa continuou tudo na mesma. Porque a parte administrativa, a senhora tem que levar em consideração, que tudo é uma rotina. Aquela rotina, que foi naquele tempo é hoje. Pode ser de um modo diferente, um carimbo mais, outro menos, um número mais, outro menos, mas tudo é a mesma coisa. Já uma pesquisa é diferente. O camarada tá pesquisando descobre uma coisa de grande valor, é outra coisa. Aí, que pergunto eu: será... que foi o Instituto, que descobriu esse grande valor, essa grande descoberta, o Instituto, que descobriu? Uma pesquisa descobre uma grande coisa, será o Instituto que descobriu ou será que a pessoa forma um laboratório lá fora e descobriu lá fora. E comercializada. É meu ponto de vista. Então, eu acho que na administração dele não. Na parte administrativa continuou tudo a mesma coisa, a não ser essas três pessoas que eu diga à senhora que foram...

RG – Que saíram...

WH – O senhor também fez Faculdade de Direito?

AT – Fiz a Faculdade de Direito Fluminense.

WH – Queria saber uma coisa na... quando foi que o senhor fez e se o senhor chegou a exercer alguma vez a...

AT – Não, eu comecei... eu não podia servir a dois senhores a um tempo só. Eu comecei a querer, porque eu gostava... a minha parte que eu queria me especializar era a parte de criminalista; eu não podia a parte criminalista, eu não podia me dedicar, porque eu tinha muitos afazeres aqui. Eu comecei com a parte civil, mas eu vi que a coisa não andava. Porque justiça tardia para mim não é justiça. Ou faz justiça agora, pra fazer daqui a 50 anos, quando a pessoa já morreu é pro herdeiro. Pra mim não é justiça. Então, eu... me dediquei somente a parte da minha profissão de funcionário. Agora, aquilo me serviu muito para interpretar, interpretação. E também para petições que eu fazia.

RG – Currículos...

AT – Sim, currículo, aquilo é uma bobagem que a pessoa carrega. Bem...

RG – Agora eu queria fazer uma pergunta assim em relação a um período...

AT – Voltemos o (inaudível). O Dr. José Venâncio de Moura, o José Venâncio de Moura foi meu colega, meu colega na fundação Rockefeller e é advogado. E ele parece trabalha na Consultoria Jurídica, às vezes, ponto de briga trabalhista e tal, que há na Justiça do Trabalho, coisa que o valha.

WH – Mas o senhor não chegou a exercer, né? Nunca teve...

AT – Não, eu não. Eu tinha um colega, por exemplo, que ele saía daqui, ele trabalhava no campo. Então, ele andava com uma faca, saiu do Instituto, foi preso lá fora com uma faca. Foi preso então, foi uma contravenção penal e porte de armas. Aí eu fui defendê-lo, ele veio pra mim e disse que tal e cosia. No fim, eu paguei tudo que ele não tinha dinheiro para pagar nada. Eu paguei tudo, em vez dele me pagar, eu paguei tudo. E ele me disse que ia me dar umas galinhas, não sei o quê, e eu tô esperando as galinhas até hoje. As galinhas, deve ser, hoje, um galinheiro enorme, porque nunca recebi nada. Bem, isso eu gostei, porque foi a parte criminal e a minha defesa foi oral.

WH – Mas foi circunstância!

AT – Outra vez, o mesmo cidadão! O mesmo cidadão específico, reincidente específico, que dizer a mesma coisa. Fui defendê-lo novamente. Aí levava o Dr. Jansen, levei o Dr. Jansen como testemunha. Porque o rapaz era ótimo, era ótimo rapaz. Andar... pra pegar no mato, cortar capim, ou coisa que o valha, e uma faca. E ele saiu com a faca por aí e a polícia, pimba. Aí era uma favela danada, não sei se continua a favela ainda aí, depois da estação pra lá era uma favela. Então, já sabe a polícia, então segurava ele. Aí, porte de arma e eu ia defendê-lo. Ele foi absolvido, todos os dias ele foi absolvido. Aquilo foi uma vitória pra mim, mas como digo, só no sentido de uma satisfação minha. Financeiramente nada ganhei, pelo contrário! Saiu tudo do meu bolso que ele não tinha quase nada.

## **Fita 5 - Lado A**



AT – Fui fazer o curso praticamente de 15 dias.

RG – Era comum um civil fazer cursos na Escola Superior de Guerra? Era uma coisa aberta? Como é que era?

AT – Não, não, na Escola Superior de Guerra – ESG, geralmente, se chega lá e se pergunta quais são os cursos que vão ter e pode se candidatar a algum pra fazer o curso; pra fazer o estágio não precisa limite de idade, você se já tinha 35 anos pra fazer o estágio da ESG, o ano todo, esse eu não fiz, não fiz porque não tinha idade pra isso, já tinha ultrapassado a idade.

WH – O que é o estágio?

AT – Hein?

WH – O estágio é pra quê?

AT – O estágio se aprende tudo, não é? O estágio são altos estudos sobre política, sobretudo no que diz respeito a parte financeira do país, tudo que diz respeito a governo, nessa época, era lá na Urca no Forte São João.

WH – E é aberto? Qualquer pessoa pode fazer ou tem que ter alguma indicação, tem que ter alguma...

AT – É, pode perguntar, não, pra fazer o curso, esse curso de um ano, precisa ter indicação, geralmente quem indica é o ministro e às vezes ter um bom pistolão, agora, precisa ter 35 anos pra cima, até 50.

RG – 35 e 50 e tem muita gente querendo fazer é?

AT – Ah, tem! Tem.

RG – Todo mundo quer ser indicado? E o senhor assim normalmente na sua vida, o senhor me parece andou falando com a gente, o senhor nunca foi assim muito ligado à política?

AT – Não. Eu sempre fui apolítico porque eu sempre pensei o seguinte: meu ponto de vista, pode ser que eu esteja todo errado é o meu ponto de vista; eu, por exemplo, numa eleição eu voto no homem eu não voto em partido, não me interessa partido.

WH – O senhor nunca foi filiado a nenhum partido?

AT – A partido nenhum, sempre fui apolítico, eu voto no homem, voto na pessoa.

RG – É, o senhor é PTB não?

AT – Não. Nunca fui PTB, nunca fui coisa nenhuma, eu voto no homem e vejo a plataforma dele. Se ele for um homem de caráter, equilibrado, de bom senso, terá meu voto, porque...

mas fazer parte de partido, politicagem e inimizade com os outros porque são de outros partidos.

WH – E o senhor não tem preferência assim por algum político ou presidente do Brasil, o Getúlio. O que o senhor achava do Getúlio?

AT – Não, eu não posso falar do Getúlio porque eu passei praticamente com o Getúlio, eu passei 16 anos de ditadura né? Porque em 1930, o Getúlio ganhou a revolução e pôs Washington Luís para fora, não está gravando né?

RG – Tá.

AT – Pôs Washington Luís pra fora, então praticamente o Getúlio tomou conta, aí, meu pai era um homem daqueles muito cumpridor de suas obrigações e, e como é e tem uma verdadeira adoração por autoridade, era autoridade aquele que mandava e pra ele foi um choque muito grande quando jogaram Washington Luís no chão. Tanto é que tem um caso interessante que eu posso contar, no passado meu pai já foi, meu pai gostava de fazer estações de água, ele fazia estação de água no Hotel Brasil, em São Lourenço.

O Getúlio uma vez também fazia estação de água no Hotel Brasil em São Lourenço e meu pai, tava lá todo mundo, era presidente da República, todo mundo passava, minha mãe estava lá com meu pai, meu pai não cumprimentava o Getúlio. O Getúlio uma vez disse à minha mãe, seu marido não me cumprimenta por que? Minha mãe ficou apavorada, naquele tempo, “Ah! não liga não ele é meio tantã por isso é que ele veio pra cá”, mentira; ele chegou lá, não falou não é isso mesmo e tal porque ele jogou um presidente eleito, derrubou um presidente eleito, eu não posso ser do lado dele e tal, então ele era um homem nesse sentido, então eu fui desde pequenino assim.

O Getúlio passou-se praticamente, eu passei o tempo na Rockefeller debaixo de ferro e fogo; debaixo de ferro e fogo que eu digo é no sentido de não ter garantia nenhuma, se dava garantia pra todo o mundo porque que não dava garantia quando fazia o contrato com os americanos? Os empregados terão direito a carteira assinada, a isso, a aquilo, não, não tinha nada disso, então eu achava uma discriminação muito odiosa eu achava, mas como eu gostava do modo de trabalhar do americano para mim ficou por isso mesmo, então se disser, agora o Getúlio sai, houve a guerra, o Getúlio saiu, entrou o Dutra que pra mim era um general, mas foi um dos melhores presidentes que eu vi aqui o General Dutra, um homem enérgico, democrata, cem por cento, pra mim foi um dos melhores presidentes, que houve, o General Dutra, bom depois voltou Getúlio aí já como presidente eleito.

WH – O senhor não votou nele?

AT – Não, não votei nele, votei no Brigadeiro Eduardo Gomes, eu fui presidente de mesa eleitoral, era presidente de mesa eleitoral, votei no Brigadeiro posso dizer agora já se passaram muitos anos, já tô perdoado. Votei no Brigadeiro, mas ganhou o Getúlio de novo, bem aí já foi, mas quando ele suicidou-se foi um choque tão grande pra mim como se fosse uma pessoa da minha família porque a gente se acostuma com a pessoa mesmo que a pessoa, se ela não teve acordo com o modo de pensar da pessoa, mas se acostuma, vai tendo uma amizadezinha, uma amizadezinha; naquele dia que ele suicidou-se eu fiquei tão, aquilo foi

tão e eu era moço, foi um choque tão grande pra mim, 24 de outubro<sup>2</sup> de 1954, foi um choque tão grande pra mim que eu até hoje fico até emocionado com a atitude dele porque ele não tinha necessidade de fazer isso, com a briga com o Carlos Lacerda e tal, ele não tinha necessidade de fazer isso.

RG – O senhor acha que o Lacerda não merecia o suicídio dele?

AT – Não, o Lacerda tinha os seus pontos de vista, porque ali a politicagem era muito forte. Por que quem sou eu pra julgar quem tinha razão na época? Porque havia aquela, Getúlio trouxe aquele cidadão lá do Rio Grande do Sul, como é, aquele escuro.

RG – O Gregório [Fortunato].

AT – O Gregório, eu tenho impressão, foi como ele disse depois, um “mar de lama”, mas eu fiquei muito sentido com aquilo, com a morte dele, inclusive naquele tempo, a filha dele, uma vez, eu a vi, era secretária dele, eu tenho até o livro “Getúlio, Meu Pai”, escrito por ela.

RG – É Alzira né?

AT – É, Alzira de Amaral Peixoto, eu tenho até o livro dela, “Getúlio Vargas, Meu Pai”, eu achei muito interessante o livro. Bom, quanto às outras autoridades eu sempre aprendi a obedecer.

WH – Quer dizer, o senhor recebeu do seu pai esse respeito pelas autoridades.

AT – Lógico, isso não sou eu só, tem muita gente daquele tempo e mesmo do nosso tempo depende da educação que se recebe, né?

RG – Depois veio o Juscelino, o senhor nunca foi Juscelino? Não se empolgou?

AT – Bom, o Juscelino eu achei um homem de um coração extraordinário, porque houve duas revoluções daqueles cidadãos da Aeronáutica na Serra do Cachimbo.

RG – (inaudível)

AT – É, parece que foi lá naqueles lados e ele anistiou, todas as vezes... eu achei isso uma grandeza muito grande.

WH – O senhor votou no Juscelino?

AT – Não, votei no Brigadeiro de novo. Naquele tempo tinha um brigadeiro também, eu votei no brigadeiro, brigadeiro Eduardo Gomes, por questões de ponto de vista eu lia aquele negócio, eu achava, não votei no Juscelino, mas eu achei o Juscelino, depois o entusiasmo, dele em fazer Brasília, conseguiu fazer Brasília. Eu não sei se Brasília é um elefante branco, eu não sei, já tive em Brasília quando eu estava na divisão da segurança, estive em Brasília

---

<sup>2</sup> Aqui o depoente se engana, pois a data correta do suicídio de Getúlio Vargas é 24 de agosto de 1954.

uns dois anos, mas tive em Brasília assim, eu ia e voltava, ia e voltava. E é uma cidade muito, como dizer, uma cidade fria, nós que estamos acostumados assim, uma cidade mais quente, mais Rio de Janeiro, notamos aquilo muito frio, depois de certa hora some tudo, não tem ninguém, então, agora, eu disse, os apartamentos que estão lá altos funcionários moram lá, agora quando se aposentarem vão deixar os apartamentos, vão morar aonde? Vem pro Rio de Janeiro pagar aluguel que estão cobrando? Como é que vai resolver esse problema? É um problema gravíssimo, o filho ficou sendo funcionário, então o filho fica com a casa, então são esses pequenos problemas, eu não sei como eles vão resolver, esses problemas já estão criando, porque nós temos vários deputados morando em hotel porque não tem apartamento pra eles.

RG – Pois é, tá um problema sério lá, mas então, bom, então quer dizer Brasília foi isso...

AT – Quer saber meu clube? Torço pro América (risos), apanho de todo mundo.

RG – Não, eu queria perguntar uma coisa. O senhor é América é? E depois então em 64 os militares tomaram o poder, não é? E enfim, aí houve todo esse problema geral...

AT – Aí foram 20 anos, né?

RG – O senhor vê também isso como uma ditadura? O senhor acha que foi uma ditadura como a de Vargas, uma pessoa que tomou o poder?

AT – Pois é, eu como sempre me (inaudível) dedico ao meu trabalho, eu não senti, podia sentir o custo da vida subindo como hoje em dia está uma coisa de louco, não é? Mas, não tenho queixa absolutamente nenhuma de A, de B, de C, não, porque eu moro onde eu moro, na Boca do Mato, é daqui pra casa, da casa pra aqui se eu morasse em Copacabana, no Leblon, Ipanema ia fazer o meu cooperzinho, daí ia à praia, mas aqui não, aqui é a mesma coisa que morar em Brasília, morar em qualquer lugar, então pra mim eu não tive queixa de ninguém, mesmo que eles ficassem, sendo militares, não tenho queixa de ninguém.

WH – E me diga uma coisa senhor Amilar, quer dizer os militares tomaram o poder pra uma das coisas que eles diziam né? Que eles buscaram acabar com a corrupção, né na época? O senhor achava que o governo [João] Goulart era um governo corrupto que se justificava, e eles realmente acabaram com a corrupção?

AT – Não, eu acho, no meu ponto de vista, eu acho que o governo Goulart primeiro o João Goulart era um homem extraordinário, era um homem franco, leal, mas não estava preparado pra ser presidente da República. Bom, depois diz com quem andas que eu te direi quem és, ele se reuniu com uma turma muito da pesada como se diz em português bem claro, esse pessoal de cais de porto, não sei o quê, esse pessoal, então ficou, depois ficou naquela, fez aquele comício na Central do Brasil. Não devia ter feito aquilo se fosse um presidente porque tinha vários generais que eram amigos dele e falaram “Não faça uma coisa dessas, é a sua perda é fazer uma coisa dessas”, ele fez, depois foi jantar com sargentos, então houve aquela quebra de autoridade nas forças armadas e essas forças armadas prezam muito, é uma elite né, queira ou não queira, é uma elite, queira ou não queira em todos os pontos, o governo ajuda mesmo a ser uma elite, vê o nosso aumento, dão aumento aos militares, mas aos civis,

deu um simples abono, porque aquilo que ele deu foi um simples abono e nada mais, não aumentou o ordenado de ninguém, bom, então eles têm uma certa, 'A classe', um certo privilégio, bom é possível que eles sejam merecedores desses privilégios, não sei no modo de trabalhar, no modo de se dedicar, no modo de se locomover porque nós estamos no Rio de Janeiro; o militar vai pro Rio Grande do Sul, poxa mas lá se me mandassem pro Rio Grande do Sul eu morria de frio, vai pro Rio Grande do Sul, vai pra fronteira lá da Bolívia, vai pra Colômbia, vai pra não sei aonde eu sei que eles sofrem também dessa, porque o civil...

WH – Como é que viu esses 20 anos de governo militar, assim de um modo geral?

AT – Bom, eu vi fazer. Tudo tem que se começar, eu tenho que fazer comparação, eu não posso comparar os 20 anos com isso com o que se dá por exemplo de greve todo dia, fulano não trabalha, aquele não trabalha, professores deixam os alunos em aula, a Central do Brasil quer fazer greve segunda feira. Então, não é possível um país como o nosso, não é possível, tem tanto pra dar, não é possível uma coisa dessas, então havia mais ordem, podia ser uma ordem imposta, mas era uma ordem. Então, achava que havia mais disciplina, eu achava, eu achava, meu ponto de vista, pode ser que eu seja velho, seja quadrado, seja já ultrapassado, seja tudo isso, mas o meu ponto de vista é esse, eu gosto muito de ordem não gosto que abusem, mas gosto de ordem, não há nada como ordem, o meu direito, quero que respeite o meu direito, mas eu sei respeitar o direito alheio; meu direito chega até quando começa o seu, quando começa o seu, eu paro, não entro no seu, mas isso a gente só aprende com a idade, com a tarimba depois de levar muita paulada em cima, aí é que se aprende, quando a gente é moço não mata, esfola e tal, mas depois com a idade a gente vai aprendendo. Eu aprendi e vocês vão aprender também, se Deus quiser.

RG – Foi bom né? Obrigada, a gente agradece ao senhor pelo seu depoimento.

AT – Nada, eu fiz o possível pra chegar àquilo que vocês queriam.

WH – Foi ótimo...